

# Deutscher Morgen

Berausgeber: E. Sommer

Aurora Allemã

Erscheint wöchentlich

Folge 12

São Paulo, 22. März 1940

9. Jahrgang

Schriftleitung, Verwaltung und Druckerei: Rua Victoria 200 — Fernruf: 4-3393, Caixa postal 2256 — São Paulo. — Zuschriften nicht an Einzelpersonen, sondern nur an die Verwaltung. — Bezugsgebühr: halbjährlich 10\$000, ganzjährig 20\$000, für Deutschland und die Weltpostvereinsländer 7 Mark

## “Guerra até a nossa victoria final!”

### A Guerra das Falsidades

Nosso Quadro Negro

XXVIII.

kt. — A conclusão da paz entre a Rússia e a Finlândia e sua aceitação, como derrota diplomática, estratégica e moral das potências occidentais, mesmo pela imprensa destas, provocou grande perturbação também nos quartéis generaes dos promotores da guerra das falsidades. Antes de celebração da paz, tudo havia sido preparado para apresentar como justificada uma quebra da neutralidade sueca e norueguesa pelos aliados e arrastar, simultaneamente, ao vertice da guerra os Estados balcânicos e o Oriente Proximo. Quando, porém, se deu por finda a luta absurda no „paiz dos mil lagos“, desapareceu, repentinamente, o „grande“ objectivo, tanto mais quanto também o sudeste, inclusive a Turquia, reconhecera a situação modificada e não se acha evidentemente muito inclinado a seguir o exemplo polonez e finlandez.

Nesse estado de perplexidade, que de maneira alguma se viu atenuado pelas crises no seio dos governos de Londres e de Paris e pelo encontro no Brenner, resurgiram as antigas falsidades. Fomos de novo assaltados por essa alluvião de notícias que falam na ameaça da America do Sul, da Hollanda, etc., na „barbarie dos nazistas“, na „apoteose da brutalidade erigida em systema“ (Sir John Simon, Havas, 13. 3.) e outras e mais outras conhecidas peças do programma. Vamos reproduzir, a seguir, uma modesta selecção dessas velharias, na esperança de que surja, em dias futuros, uma nova deixa.

### Ribbentrop no Vaticano

No seu esforço desesperado de instigar a christandade catholica contra a Alemanha, a propaganda germanophoba não despreza nenhum recurso, por menor que este seja. Assim foi que a visita do ministro das Relações Exteriores do Reich von Ribbentrop ao Papa serviu á United Press, em 11. 3., de pretexto para fazer, entre outras, a seguinte afirmação, em dous telegrammas: „Contrariamente aos habitos estabelecidos, o automovel (que conduziu Ribbentrop ao Vaticano) não levou as bandeiras da Alemanha e do Vaticano, o que deu lugar a commentarios entre os espectadores, pois acreditava-se que o Vaticano não desejava ver a sua bandeira unida á swastika.“ Ao contrario disso, porém, a T. O. informou em 12. 3.: „O auto do Vaticano que conduziu von Ribbentrop trazia duas flammulas, uma com as cores do Vaticano e a outra ostentando a cruz gamada.“ Esta pequena falsidade da U. P. caracteriza perfeitamente todo o systema.

### Um patranho em forno da obra de Hitler „Minha Luta“

Ha poucos dias appareceu na redacção de um vespertino local um tal Paulo Maybach, aparentemente do Rio Grande do Sul e ex-studente de medicina, e declarou, que não foi Hitler quem escreveu sua „Luta“. O verdadeiro autor seria um judeu de aproximadamente 40 annos, chamado Pedro Lieberknecht, que antes de 1933 era amigo intimo e braço direito de Hitler e que, mais tarde, se tornara victima de intrigas politicas. Depois da tomada do poder, Lieberknecht teria estado, a principio, num campo de concentração allemão, vindo, a seguir, para o Brasil e que actualmente viveria entre os indios nas proximidades da fronteira do Brasil com o Paraguay e Uruguay (o informante não consultou bem o mappa!) O tal Lieberknecht possuiria ainda o original escripto por elle, com acrescimos feitos pelo punho de Hitler, e assim por diante. O redactor permittiu que se abusasse de sua boa fé e publicou todos esses dados de forma espalhafatosa, acompanhados de uma photographia de Maybach, tirada na horinha (12. 3.). Não tardou, porém, que os „Diarios Associados“ fossem informados, no Rio, que os irmãos de Pedro Lieberknecht, de nomes Frederico e Henrique, residentes no Rio Grande do Sul, refutavam, por serem falsas, as afirmações referentes a Hitler, acrescentando, que Paulo Maybach seria um ebrio inveterado e que deveria ter feito as suas declarações em estado de embriaguez (16. 3.). Dispensamo-nos de adduzir aqui um ulterior julgamento sobre o assumpto. Causa especie, porém, que informações desse jaez sejam publicadas.

(Continua na 2.a pag.)

### Panico no campo politico da França e da Inglaterra

Berlim, 20 (Transocean) — Comunicado official do Ministerio da Propaganda do Reich: «O encontro entre o Fuehrer e o Duce» e o rigoroso sigillo sobre o caracter e os objectivos da entrevista do Brenner, levou ao auge a norvosidade dos aliados. Os nervos dos mesmos, já nos ultimos dias, aliás, haviam passado por provas difficilissimas. Ha crises governamentais tanto na Inglaterra como na França; a traição commetida pelos aliados contra a Finlândia tornou-se por demais evidente, defôrma que as recriminações levantadas hoje pelos governos de Londres e de Paris contra a Alemanha não encontram crédito nenhum em qualquer lugar do mundo. No ramo dos desejos de hegemonia plutocrática mais uma vez foi sacrificada uma pequena nação e a linguagem clara e energica com a qual os estadistas finlandezes expuzeram ao mundo que a Finlândia lutou sozinha, sem auxilio de fóra, torna as afirmações dos responsaveis aliados, diante dos seus proprios povos, manobras falsas e inhabeis, manobras essas que difficilmente ainda mais a situação das potencias occidentaes.

Grande parte da imprensa internacional aceitou sem maior raciocinio os falsificados „onze pontos de paz“. Piano esse que sem duvida se dá a pena de algum encarregado de propaganda inglesa. Poucos apenas se lembraram das palavras do Fuehrer, proferidas em 6 de outubro de 1939: «Pela ultima vez a Alemanha estende a mão em prol da paz. Se a mão for repellida, então haverá guerra até a nossa victoria final!».

E' um intento, de antemão fadado ao fracasso, dos provocadores de guerra londrinos querer utilisar a divulgação de taes boatos, os quaes já nos dias seguintes hão de se evidenciar como absolutamente falsos para dar novo incremento á confiança, já de si tão diminuta, da opinião publica aliada e pare querer enganar novamente o mundo.

O povo allemão luta por uma paz baseada

na igualdade dos direitos e não depositará as armas antes de ter sido attingida essa finalidade. Os adversarios da Alemanha não se devem enganar nem um unico momento sobre esta verdade. O Fuehrer e o Duce encontraram-se porque os destinos dos seus dois paizes, que se acham intimamente ligados um ao outro, assim o exigiram. Os senhores em Londres e em Paris já desde ha muito conhecem a phrase: „a Italia não é neutra“, e deviam comprehendela em toda a sua clareza, em vez de se entregarem a quaesquer esperanças erroneas, concernentes a „uma Alemanha que pede a paz“.

Os feitos das armas allemães falam uma linguagem por demais clara demonstrando o poderio e a decisão de um povo grande e unido, sobretudo o feito occorrido nos ultimos dias da aviação allemã contra o Home Fleet britannico. O que querem significar ao lado de taes feitos os insignificantes vôos de propaganda que pilotos inglezes desejavam emprehender contra a ilha allemã de Sylt e de cujos „grandes successos“ as agencias telegraphicas britannicas e francezas sabiam informar, já antes da realização desses ataques? Mas o que lograram de facto os aparelhos de bombardio ingleses? Uma pequena incendiada em Sylt, mas em compensação numerosas bombas inglezas caíram sobre localidades dinamarquezas, onde causaram enormes prejuizos. Naturalmente é muito mais facil sobrevoar territorio não vigiado do que enfrentar a defesa aerea allemã, da qual cada aviador britannico conhece a eficiencia. A aviação allemã em compensação, danificou seis vasos de guerra britannicos, inclusive tres couraçados e um grande cruzador, ancorados na bahia de Scapaflow, bombardeando, além disso, tres aerodromos militares e a posição de uma bateria anti-aerea inglesa. Este exemplo, como muitos outros, devia servir de advertencia aos provocadores de guerra plutocraticos.

### Der Lügenkrieg

Unser schwarzes Brett

XXVIII.

kt. — Der Friedensschluss zwischen Russland und Finnland und seine Anerkennung als eine diplomatische, strategische und moralische Niederlage der Westmächte selbst in der Presse dieser beiden Länder hat auch in den Hauptquartieren des Lügenkrieges sehr grosse Verwirrung hervorgerufen. Vor dem Friedensschluss war alles darauf eingestellt, einen Bruch der schwedischen und norwegischen Neutralität durch die Alliierten als gerechtfertigt erscheinen zu lassen und zugleich die Balkanstaaten und den Nahen Osten in die Kriegswirren hineinzuziehen. Als aber der für das „Land der tausend Seen“ so sinnlose Kampf eingestellt war, schwand plötzlich das „grosse“ Ziel, zumal auch der Südosten, einschliesslich der Türkei, die veränderte Lage erkannt hat und offenbar nicht gewillt ist, dem polnischen und finnischen Beispiel zu folgen.

Im Zustand dieser Ratlosigkeit, die durch die Regierungskrisen in London und Paris und durch die Zusammenkunft am Brenner in keiner Weise verringert wurde, kamen nun die alten Fälschungen wieder zum Vorschein. Wir mussten also wieder einmal die Bedrohung Südamerikas, Hollands usw., die „Barbarie der Nazisten“, die „Vergewaltigung der zum System erhobenen Brutalität“ (Sir John Simon, Havas 13. 3.) und all die übrigen bekannten Programmstücke über uns ergehen lassen und geben im folgenden eine bescheidene Auswahl wieder — in der Erwartung, dass demnächst ein neues Stichwort erscheint.

### Ribbentrop im Vatikan

In ihrem krampfhaften Bemühen, die katholische Christenheit gegen das Reich aufzuhetzen, verschmäht die deutschfeindliche Propaganda auch nicht die kleinsten Mittelchen. So wurde der Besuch des Reichsaussenministers von Ribbentrop beim Papste von der United Press am 11. 3. in zwei Telegrammen — unter anderem! — zu folgender Behauptung benutzt: „Im Gegensatz zu dem vorgeschriebenen Brauch führte das Automobil (in dem Ribbentrop zum Vatikan eingeholt wurde) nicht die Wimpel des Reiches und des Vatikans, was den Zuschauern Anlass zu Bemerkungen gab, denn man nimmt an, dass der Vatikan seine Fahne nicht an der Seite des Hakenkreuzes sehen wollte.“ T. O. meldet dagegen am 12. 3.: „Das Auto des Vatikans, in dem Ribbentrop ... eingeholt wurde, führte zwei Wimpel, einen mit den Farben des Vatikans und einen anderen mit dem Hakenkreuz.“ — Diese kleine Lüge der U. P. ist bezeichnend für das ganze System.

### Schwindel um Hitlers „Kampf“

Vor kurzem erschien ein Herr Paulo Maybach, angeblich aus Rio Grande do Sul und ehemaliger Student der Medizin, in der Schriftleitung eines hiesigen Abendblattes und erklärte, Hitler habe seinen „Kampf“ gar nicht selbst geschrieben. Der wirkliche Verfasser sei ein Jude von ungefähr 40 Jahren, namens Pedro Lieberknecht, vor 1933 Hitlers vertrautester Freund und rechter Arm, dann ein Opfer politischer Intrigen. Lieberknecht sei nach der Machtergreifung erst in einem deutschen Konzentrationslager gewesen, dann nach Brasilien gekommen und lebe heute unter Indianern an der Grenze zwischen Brasilien, Paraguay und Uruguay (Atlas). Er besitze das von ihm geschriebene Original mit Ergän-

## Europa erwacht zu neuem Leben

In diesen Tagen möge niemand mit dem billigen Wort auftreten, dass der Krieg zwischen drei europäischen Grossmächten völlig sinnlos sei und keinem Volke Nutzen bringen werde. Der Krieg an sich freilich mit seinen stählernen Waffen vernichtet Leben, zerstört Wachstum und Wohlstand der Nationen. Aber er folgt daneben eigenen Gesetzen und ist keine Erfindung unseres Jahrhunderts. Solange die Menschen Geschichte schreiben — und darüber sind schon viele Jahrtausende vergangen —, wissen sie von Kämpfen und Kriegen zu berichten. Und ebenso lange melden die Chroniken, dass die jungen starken Völker, deren Kraft und Mut einem gerechten Kampf entsprachen, auch stets das Ziel ihres Siegeswillens erreichten. Immer erhob sich aus den Gräbern und Ruinen, aus Opfer und Entbehrung das neue Leben, setzte die Jugend das Werk der Väter fort und errichtete die Bastionen im Ringen um Lebensraum und Brotfreiheit. Der alte überbevölkerte Erdteil Europa hat die meisten blutigen Auseinandersetzungen erlebt. Es war fast eine jahrhundertalte Tradition geworden, dass Deutschland dabei immer die Zeche der anderen bezahlen musste. Seit aus Brandenburg Preussen geworden war und aus Preussen Deutschland, haben die schrankenlosen Ausplünderungen des Volkes im Herzen Europas nicht mehr aufgehört. In heftigsten Fehden und intrigenreichen Kriegen hatte man das deutsche Volk immer wieder zu kreuzigen versucht, doch seine heilige Lebensflamme, die Nacht und Ohnmacht zerriss und

den Reichsgedanken immer erneut aus der Dunkelheit ins Licht stellte, blieb ihm treu. Härter denn je steht es heute mit seinem Fuehrer zur Entscheidung entschlossen. Die Welt mag ahnen, was dieser Krieg bedeutet. Deutschland kämpft nicht allein für seinen Sieg. Es hat alle Kräfte auf die Gestaltung eines neuen Europa gerichtet. Der bisherige Kriegsverlauf hat bewiesen, wie sehr Engländer und Franzosen sich verrechneten, als sie den Block der 80 Millionen zum Kampf herausforderten. Sollen sie nun in diesen österlichen Stunden zur Erkenntnis gelangen, dass Europa wohl ohne die Grossmächte Britannien und Frankreich zu leben vermag, nicht aber ohne das Reich. Die letzten Tage erst zeigten, wie gut Deutschland in seinem Wollen auch von anderen Völkern Europas verstanden wird. Ostern: das mag heissen, nach Osten zur Sonne blicken, der ewigen Quelle alles Lebens. Dank der weitschauenden Politik des Fuehrers kann das deutsche Volk anders als in den Weltkriegsjahren voller Zuversicht nach seiner Grenze im Osten schauen. Von dort droht keine Gefahr. Die Drohung aus dem Norden wurde eben erst gebannt und im Süden steht das italienische Volk, welches dem Wort seines Duce folgt. So mögen jene beiden Mächte im Westen, die diesen Krieg wollten, vor den Schwingen des anstürmenden deutschen Adlers zittern. Sie möchten nicht, dass der Bauer in Europa, der in diesen Tagen das Brotkorn seines Volkes der ewigen Scholle (Schluss auf Seite 2)

zungen von Hitlers Hand, und dergleichen mehr. — Der harmlose Reporter liess sich diesen Bären aufbinden und veröffentlichte die Angaben in grosser Aufmachung und mit einem Bild Maybachs (12. 3.). Bald darauf wurde der Geschäftsstelle des „Diario de São Paulo“ in Rio gemeldet, dass die in Rio Grande do Sul wohnenden Brüder des Pedro Lieberknecht, Frederico und Henrique, die auf den Führer bezüglichen Behauptungen als unwahr ablehnen und Paulo Maybach als Gewohnheitssäufer bezeichnen, der seine Angaben in betrunkenem Zustand gemacht haben müsse (16. 3.). Ein weiteres Urteil über diese Angelegenheit erübrigt sich. Es ist nur beachtenswert, dass etwas derartiges überhaupt veröffentlicht wird.

### Verdrehung um die „Wakama“

Am 14. 2. regte die brasilianische Regierung einen Protest gegen die Verletzung der amerikanischen Sicherheitszone durch ein englisches Kriegsschiff an, das nur 15 Meilen von der brasilianischen Küste entfernt den deutschen Frachter „Wakama“ untersuchen und kapern wollte. Wie bekannt, sah sich die deutsche Besatzung gezwungen, ihr Schiff selbst zu versenken. Am 16. 3. legten die 21 amerikanischen Republiken, dem brasilianischen Vorschlag entsprechend, Verwahrung bei dem englischen König ein. Die Sachlage ist also klar: Engländer verletzen die Neutralität, indem sie das deutsche Schiff angriffen, und ganz Amerika protestierte in England. — Trotzdem spricht United Press am 8. 3. von einer Verletzung der Neutralität durch die „Wakama“, und der Zeitungsleser erfährt, dass die amerikanischen Länder gegen — das Reich protestieren würden! Wir wissen Bescheid: wie könnte England, das die Rechte der Neutralen immer so sehr gewissenhaft achtet, sich solch eines Neutralitätsbruchs schuldig gemacht haben? Das traut man nur den bösen Deutschen zu.

### Bedrohung Südamerikas

Madame Tabouis griff nach Havas am 10. 3. in „L'Oeuvre“ das alte Märchen von der Bedrohung Südamerikas durch das Reich wieder auf, das sogenannte Patagonienthema, diesmal aber in einer veränderten Form. Da man in Nordamerika mit einem deutschen Ueberfall auf Holland rechne, ziehe man auch eine Besetzung der holländischen Kolonien in Mittelamerika und Niederländisch-Guyanas durch die Deutschen in Betracht, und es sei nicht das erstmal, dass ein nordamerikanisches Geschwader von 22 Einheiten vor den bedrohten Küsten kreuze; Deutschland dürfe auf der westlichen Halbkugel nicht Fuss fassen und keine Stützpunkte errichten. — Man merkt die Absicht, Madame, auch in Südamerika. Auch in Südamerika haben Sie sich schon so viele Blößen gegeben, dass man Ihnen nicht mehr den geringsten Glauben schenkt.

### Minister Koht widerlegt

In dieser Spalte ist schon mehrfach nachgewiesen worden, wie Minister neutraler Staaten die Lügenhaftigkeit der deutschfeindlichen Propaganda herausstellten. Den neuesten Beitrag lieferte der norwegische Aussenminister Koht in seiner grossen Rundfunkrede vom 14. 3., bei der er sich bezeichnenderweise der — französischen Sprache bediente. Minister Koht wandte sich gegen die Kritiken an Norwegens Haltung in der finnischen Frage, die in erster Linie aus Frankreich kämen, und sagte dann wörtlich: „Bei mehreren Gelegenheiten wurden wir angeklagt, dass wir uns nicht einwandfrei neutral verhielten... das steht im schroffen Gegensatz zur Wirklichkeit... Bei dem Zwischenfall mit der „Altmark“ hat die deutsche Presse uns niemals der Neutralitätsverletzung angeklagt... Deutschland hat Norwegen niemals angeklagt, wie die Westmächte das taten, im Gegenteil... Es ist unwahr, dass Deutschland Stützpunkte für seine U-Boote an unserer Küste angelegt hätte. Es ist unwahr, dass wir alle Arten von heimlichen Geschäften mit Deutschland betrieben hätten.“ — So müssen die Neutralen sich also gegen die alliierten Lügen wehren, nur um nicht in den Krieg gerissen zu werden. Die erwähnten Falschmeldungen sind übrigens auch hierzulande verbreitet worden.

### Erstaunlicher Widerspruch

Jedermann erinnert sich an die unzählbaren Meldungen von Havas und Reuter über grosse deutsche Truppenbewegungen an allen Grenzen, insbesondere im Westen, zur Bedrohung der Schweiz, Luxemburgs, Bel-

(Schluss von Seite 2)

anvertraut, zur Erntezeit die schweren Aehren zur Garbe bindet. Sie bekennen sich zum Krieg, weil er ein Volk zerstören soll, das sie ob seines Fleisses, seiner Begabung und seiner hohen Leistungen hassen. Und sie, die Goldarbeiter, die, gepeinigt vom schlechten Gewissen und in steter Angst um jene, an-

## A Europa desperta para uma nova vida

Ninguém venha nos dizer, nos dias que correm, em termos de nenhuma significação, que a guerra entre tres grandes potencias europeas seria absolutamente absurda e não traria proveito para povo algum. Realmente, a guerra em si, com suas armas aceras, destrói vidas, emperra o progresso e aniquila o bemestar das nações. Entretanto, deixando de parte esses phenomenos, a guerra obedece a leis proprias e não constitue uma invenção do nosso seculo. Desde que os homens vem escrevendo a Historia — e nessa sua occupação já transcorreram varios milenios — elles se occupam da narrativa de lutas e de guerras. E as chronicas registam no mesmo longo periodo, que os povos jovens e fortes, cujas energias e cuja bravura eram empenhadas numa luta justa, sempre atingiram o alvo apontado pela sua vontade de vencer. Sempre surgiu das tumbas e ruinas, sempre nasceu de sacrificios e privações a vida nova; sempre a juventude perpetuou a obra dos ancestrs e erigiu os bastiões, na peleja pela conquista de espaço vital e da liberdade do ganha-pão. O velho e superpovoado Continente europeu assistiu ao maior numero de sangrentos conflictos armados. Havia se tornado já uma tradição, que vinha de quasi um seculo atrás, que devia eaber sempre á Alemanha pagar o pato pelos outros. Desde que o Brandenburgo se transformou em Prussia e que a Prussia se converteu em Alemanha, não mais cessaram os assaltos e as pillagens no povo no coração da Europa. Por meio de violentos encontros intestinos e de guerras cheias de intrigas, procurou-se, sempre de novo, crucificar o povo teuto. Entretanto, a sagrada chamma da vida deste povo, a qual rasgava as trevas e desfazia em nada sua impotencia, fazendo com que a idéa do Reich fosse perennemente trazido de novo á luz, conservou-se-lhe fiel. Mais rijo que nunca, este povo está hoje decidido, ao lado do seu mentor Hitler, para o golpe definitivo. O mundo ha de presentir, o que esta guerra significa. A Alemanha não luta apenas pela sua victoria.

giens, Hollands und zur Vorbereitung eines Angriffes auf die Maginotlinie. Auf ein halbes Dutzend Divisionen mehr oder weniger kam es dabei nie an. Nun schreibt erstaunlicherweise am 16. 3. Axel von Holstein, ein Mitarbeiter der Havas: „In der allgemeinen Aufstellung der deutschen Truppen ist keinerlei Wechsel eingetreten; sie ist so geblieben, wie sie gegen Ende des Herbstes war... An der holländischen und belgischen Grenze sind dieselben Truppenteile geblieben, die im Winter am Niederrhein standen.“ Axel von Holstein widerspricht damit allen früheren Angaben seiner Agentur, die im Zusammenhang mit den bekannten Tatarennachrichten über die Bedrohung der kleinen Neutralen durch Deutschland verbreitet wurden. Sollte er einer plötzlichen Anwendung von Reue nachgegeben oder einen Entschluss zur Wahrheit gefasst haben? Beides ist nach allen bisherigen Erfahrungen wenig wahrscheinlich. Es dürfte sich hier aber um einen jener Fälle handeln, in denen die französische Propaganda versagte, weil sie sich selbst widersprach, um einen der Fälle, die sich zum Aerger des französischen Volkes so sehr häuften, dass es heute mit aus diesem Grunde eine Umbildung des Ministeriums und gar den Rücktritt des Ministerpräsidenten Daladier verlangt.

### Russisch-japanische Zwischenfälle?

Am 14. und 16. 3. meldeten U. P. und Havas, Japan befürchte, dass die Sowjetunion sich nach Abschluss des Friedens mit Finnland wieder gegen den Osten wende. Diese Nachricht wurde sofort ergänzt, Japan habe gegen den Einflug von zwei russischen Flugzeugen in Südsachalin scharfe Verwahrung eingelegt und weiter, an der Grenze auf Sachalin habe ein Gefecht stattgefunden, dem man grosse Bedeutung beimesse. Schon am 15. 3. musste aber U. P. die japanische Widerlegung bringen: General Hata erklärte amtlich im Namen des japanischen Kriegsministeriums, dass im Abschnitt von Manohan kein Zusammenstoss stattgefunden habe und dass ein Zusammenstoss an irgendeiner anderen

deren Völkern der ganzen Erde geraubten Gebiete, niemals einen freien Blick zur frühlingshellen Ostersonne und damit auf die ewigen Gesetze der Natur zu werfen wagten, werden doch in den nächsten Monaten erleben, dass Europa aus den Trümmern von Versailles zu neuem Leben erwacht ist.

ep.

Todas as suas energias se concentram na estruturação de uma nova Europa. O desenrolar das actividades belicas, até aqui registado, tem provado em que extensão os ingleses e francezes erraram nos seus calculos, ao desafiar para a luta esse bloco de 80 milhões de almas. Que se compenetrem nestas horas paschoas da realidade de que a Europa bem pôde viver sem as potencias Inglaterra e França, não, porém, sem a Alemanha. Estes últimos dias tem mostrado, como a Alemanha é bem comprehendida nos seus desejos tambem por outros povos da Europa. Paschoa: o termo encerra uma profunda significação: olhar para o nascente, em direcção ao sol, á eterna fonte de tudo quanto vive. Graças á politica clarividente de Hitler, o povo tudesco pôde olhar hoje, cheio de confiança — e bem diferente que nos annos da guerra mundial — para os lados da fronteira oriental. De lá não o ameaça nenhum perigo. As ameaças ao norte acabam de ser conjuradas, e ao sul encontra-se, firme, o povo italiano que presta obediencia á palavra do seu Duce. Estremecem, pois, aquellas duas potencias a oeste, as quaes quizeram esta guerra, ante as asas da aguia allemã que avança com impetuosidade. Não querem essas duas potencias, que o camponez europeu, que nestes dias confia ao eterno seio da mãe-terra o grão que é o pão do seu povo, amarre os feixes das espigas louras na época da colheita. Declaram-se em prol da guerra, visto que esta deve destruir um povo que ellas odeiam por causa de sua laboriosidade, de suas habilidades e do seu elevado potencial productivo. E elles, os adoradores do ouro, que, espicados pela consciencia negra e temendo, continuamente, pelos territorios tomados a outros povos em todo o globo, jamais ousaram lançar um olhar franco para o sol da Paschoa, primaveril e fulgurante, consequentemente para as eternas leis da natureza, hão de assistir, nos mezes proximo-vindouros, quer queiram quer não, á resurreição da Europa, dos escombros de Versailles, para uma nova vida.

ep.

Stelle überhaupt nicht möglich sei. — Derartige Meldungen sollen den friedlichen Ausgleich zwischen Russland und Japan, der einigen anderen Mächten nicht genehm ist, erschweren.

### A Guerra das Falsidades

(Continuação da 1.a pag.)

### Defurpações em torno do caso „Wakama“

Em 14. 2., o governo brasileiro formulou um protesto contra a violação da faixa de segurança estabelecida no Congresso do Panamá. Foi o infractor um vaso de guerra inglez que pretendeu vistoriar e sequestrar, a apenas 15 milhas das costas brasileiras, o cargueiro allemão „Wakama“. Como todo o mundo sabe, a equipagem teuta se viu forçada a afundar, ella propria, a sua embarcação. No dia 16. 3., as 21 Republicas americanas apresentaram ao rei da Inglaterra, consoante a proposta brasileira, seu protesto colectivo por causa do incidente. A situação está perfeitamente clara: Os ingleses infringiram a neutralidade, visto que atacaram o navio allemão, e toda a America protestou em Londres. Apesar disso, a United Press fala, em 8. 3., numa violação da neutralidade por parte do „Wakama“, e dá-se a saber ao leitor attento, que os paizes americanos iriam protestar... contra a Alemanha! Ora, sabemos muito bem: como é que a Inglaterra, sempre tão ciosa em respeitar os direitos dos neutros, poderia ter-se tornado culpada de uma tal quebra da neutralidade? Só aos allemães, esses maus, é que se pôde attribuir um tal acto...

### A America do Sul ameaçada

Madame Tabouis reditou, segundo a Havas (10. 3.), no „L'Oeuvre“, a velha lenda da ameaça de que seria alvo a America Meridional por parte da Alemanha. Trata-se do assim chamado thema da Patagonia, que resurge sob outra forma. Uma vez que nos Estados Unidos se contaria com um assalto da Alemanha á Hollanda, considerar-se-ia tambem uma occupação das colonias neerlandezas na America Central e da Guyana hollandeza pelos allemães. E não seria a primeira vez que uma esquadra norte-americana de 22 unidades patrulha deante das costas ameaçadas. Não se deveria permittir que a Alemanha firmasse pé no hemispherio occidental e estabelecesse bases nestas bandas. Ora, Madame,

tambem na America do Sul se percebe a intenção. Tambem aqui já se assistiu a muitos fiacos seus, tanto assim que ninguem mais lhe dá credito.

### O ministro Koht contesta

Já por diversas vezes ficou provado nesta columna, que ministros de Estados neutros expuzeram á luz meridiana a mendacidade da propaganda hostil á Alemanha. Um novo subsidio neste sentido acaba de ser fornecido pelo ministro dos Negocios Estrangeiros noruegues, sr Koht, ao proferir seu notavel discurso deante do microphone, em 14. 3., servindo-se então, significativamente, da lingua franceza. O ministro noruegues insurgiu-se contra as criticas pela attitude da Noruega na questão finlandeza, as quaes partiriam, em primeira linha, da França, accrescentando, textualmente: „Em varias occasiões fomos accusados de não nos mantermos absolutamente neutros. Isto é absolutamente contrario á realidade. A respeito do incidente do vapor „Altmark“, a imprensa allemã nunca nos accusou de termos violado a neutralidade. A Alemanha jamais accusou a Noruega, como o fizeram os aliados; muito pelo contrario. E' falso que a Alemanha tenha estabelecido bases para a navegação submarina nas nossas costas. E' igualmente falso que tenhamos tratado de toda sorte de negocios clandestinos com a Alemanha.“ E' desta forma que os neutros têm de se defender das mentiras dos aliados, só para não se verem arrastados á voragem da guerra. Seja observado, de resto, que as citadas noticias falsas foram divulgadas tambem deste lado do Atlantico.

### Foi abatido um aviador belga

Não ha duvida de que é um incidente assaz lamentavel, quando um avião de caça belga, empenhado na defesa da neutralidade do seu paiz, é abatido e occasiões a morte do seu piloto. Mas, uma vez que o aviador allemão consegue provar, que acreditou encontrar-se sobre territorio francez e que tomou o aparelho da marca ingleza Hurricane por um adversario britannico, e uma vez que o governo allemão apresentou desculpas por esse equívoco, promptificando-se a pagar uma indemnização, o assumpto se acha liquidado, segundo as praxes internacionaes — ao menos isso era de admitir. E realmente assim é, não, porém, para os instigadores de guerra que muito gostariam envolver a Belgica neste conflicto por elles provocado. Isto nos é provado pela Havas, em 3 e 4. 3., a qual reúne varias explosões de revolta preceitadas para retransmittir-as e soprar, ella propria, o fogo: „Um acto inqualificavel“, que „equivale a um assassinio premeditado“, „inaudita aggressão covarde e violenta“, etc. Foi o que se leu. Quasi que penderiamos a acreditar numa legitima revolta moral, si se não affirmasse, em continuação, que a Inglaterra e a França estariam promptas a intervir, a qualquer momento, em defesa da Belgica, se esta assim o desejasse. A Belgica disporia das garantias dadas pelas potencias occidentaes e nada mais teria a fazer senão pronunciar uma simples palavra. Realmente, ella dispõe dessas garantias, embora não as tivesse pedido, mas ella sabe tambem, de experiencia propria, o que aconteceu em 1914 até 1918, não ignorando, além disso, os casos da Tschecoslovaquia, da Polonia, da Finlandia, Abysinia, China...

### Incidentes russo-japonezes?

Em 14. e 16. 3., a U. P. e a Havas noticiaram que o Japão receia que a União Soviética se volte de novo para o Oriente, uma vez concluída a paz com a Finlandia. Essa noticia foi immediatamente completada por outra, segundo a qual o Japão teria protestado energicamente contra a incursão de dois aviões russos na Sachalina do sul e que nas proximidades da fronteira com a Sachalina ter-se-ia registado um combate ao qual se attribuiria grande significação. Entretanto, já em 15. 3. a U. P. teve de divulgar a contestação japoneza: O general Hata declarou, em caracter official e em nome do Ministerio da Guerra japonéz, que no sector de Manohan não se teria verificado nenhum encontro e que em qualquer outro ponto seria impossivel dar-se um encontro. Com noticias desse quilate visa-se difficultar um accordo de paz entre a Russia e o Japão, o qual não convém a algumas outras potencias.

### Irradiações em lingua portugueza

As irradiações das Emissoras Allemãs de Ondas Curtas, Berlin, com antenas dirigidas para o Brasil, serão transmittidas diariamente pelas estações DJP (11855 kclcos — 25,31 m) e DJQ (15280 kclcos — 19,63 m). Estas irradiações realizadas todos os dias das 18,50 ás 23 horas (hora local), em lingua portugueza, apresentarão como de costume dois servicos noticiosos de ultima hora, o primeiro ás 20 e o segundo ás 22 horas.

Além das transmissoras acima mencionadas, irradiam mais outras tres emissoras allemãs com antenas dirigidas para a America do Sul. Estas irradiações são feitas em lingua hespanhola. A seguir os prefixos, ondas e horarios das referidas emissoras: (hora local)

DJE — 17760 kclcos — 16,89 metros — das 8,00 ás 10,15 horas  
DJW — 9650 kclcos — 31,09 metros — das 18,50 ás 1,00 hora  
DZC — 10290 kclcos — 29,15 metros — das 18,50 ás 1,00 hora

# Deutsche Wirtschaftspolitik im Abwehrkampf gegen die Feindblockade

Die Hoffnungen der Feindmächte, Deutschland in kurzer Zeit durch die Wirtschaftsblockade niederzuringen, haben sich bisher nicht erfüllt. Sie werden sich auch in Zukunft nicht erfüllen: die englischen Blockademassnahmen treffen diesmal auf völlig andere Voraussetzungen als im Weltkrieg. Die nationalsozialistische Staatsführung hat die grundlegende Bedeutung der wirtschaftlichen Widerstandskraft für einen modernen Krieg rechtzeitig erkannt und Deutschland kriegswirtschaftlich einen entscheidenden Vorsprung vor unseren Gegnern gesichert. Nach dem Grundsatz „restlose Erschliessung aller einheimischen Produktionsquellen und weitestgehende Unabhängigkeit von ausländischer Zufuhr“ ist die deutsche Wirtschaft, nicht durch augenblicksbestimmte, sondern auf weite Sicht berechnete Massnahmen, dank einer umfassenden und straffen staatlichen Lenkung schon in Friedenszeiten nach wehrwirtschaftlichen Gesichtspunkten ausgerichtet worden. Der neue französisch-englische Blockadekrieg traf die deutsche Wirtschaft daher auf allen Gebieten gerüstet.

In agrarpolitischer Hinsicht ist diese Wandlung zu danken: in erster Linie den auf die Steigerung der inländischen Erzeugung gerichteten Massnahmen, die die Versorgung Deutschlands mit den Hauptnahrungsmitteln sicherstellen; der weitgehenden Umlagerung der deutschen Nahrungsmittelzufuhr von Uebersee auf die angrenzenden europäischen Agrarländer; der Verfügung über die polnischen Gebiete, die eine Erhöhung des Grades der Selbstversorgung bewirkt. Alle diese Faktoren sind eine Gewähr dafür, dass ernsthafte Nahrungsschwierigkeiten nicht eintreten werden.

Die deutsche Rohstoffversorgung ist in grossem Umfang durch Eigenerzeugung gesichert. Alle deutschen Rohstoffquellen sind restlos erfasst. Die Ziffern für die Rohstoffherzeugung auf synthetischer Grundlage sind in ständigem Steigen begriffen. Riesige Werke wurden geschaffen oder sehen ihrer Vollendung entgegen. Die heimische Erzeugung von Gummi, Benzin, die Herstellung von Faserstoffen, die erhöhte Förderung und Verhüttung von Eisenerzen werden mit der Zeit eine immer stärker werdende Bedeutung erlangen.

Die noch notwendigen Einfuhren sind durch Gütertausch mit den neutralen Staaten gesichert. Der Ausbau der Wirtschaftsbeziehungen zu den blockadesicheren Neutralen wird ständig gefördert. Die Ausfuhr nach den Staaten im Norden und Südosten Europas war bereits im Oktober grösser als im letzten Friedensmonat.

Die deutsch-russische Verständigung und die damit verbundenen Auswirkungen auf den wechselseitigen Wirtschaftsverkehr haben eine breite Bresche in die Einkreisungspolitik der Gegner des Reiches geschlagen. Die Auswirkungen dieser Verbindung mit Russland werden in diesem Jahre zur vollen Geltung kommen.

Die staatliche Lenkung des Verbrauchs ist eine Bürgschaft für ein vernünftiges Haushalten mit den vorhandenen Mitteln. Durch das schon vor Kriegsbeginn eingeführte Zuteilungsverfahren wird eine sozial gerechte und gleichmässige Versorgung des gesamten Volkes sichergestellt.

Dank diesen Massnahmen hat sich die Umstellung auf die Kriegswirtschaft reibungslos vollzogen: Die Währung blieb stabil, das Preis- und Lohnverhältnis fest, der Geld- und Kapitalmarkt flüssig, das Vertrauen des Publikums in die Sparkassenorganisation und in die Geld- und Kreditinstitute unerschütterlich. All dies bedeutet ein nicht zu unterschätzendes kriegswirtschaftliches Aktivum, das sich im Kampf gegen die französisch-englische Blockade auch fernerhin als wirksam erweisen wird.

Die Wirtschaft ist für die Dauer des Krieges Operationsgebiet. Straffste Führung ist daher das Gebot der Stunde. In diesem Geiste ist die jüngste Massnahme auf dem Gebiet der Kriegswirtschaftspolitik zu verstehen, nach der der Beauftragte für den Vierjahresplan, Generalfeldmarschall Göring, die gesamte Leitung der Kriegswirtschaft in seiner Hand vereinigt und damit höchste kriegswirtschaftliche Instanz wird. Staatssekretär Körner, der Stellvertreter des Generalfeldmarschalls in der Lenkung der Kriegswirtschaft, hat in einem vielbeachteten Artikel der Zeitschrift „Der Vierjahresplan“ die Grundlagen für eine erfolg-

reiche Kriegswirtschaftspolitik in folgende Erfordernisse zusammengefasst:

„Klare Befehlsgewalt und straffste autoritäre Lenkung; laufende engste Zusammenarbeit aller mit kriegswirtschaftlichen Fragen beschäftigten Stellen in Partei und Staat; Disziplin und verständnisvolle Mitarbeit des ganzen Volkes, der Schaffenden wie der Verbraucher.“

Alle auf die Kriegswirtschaftspolitik eingeschalteten obersten Reichsbehörden werden in einen Generalrat zusammengefasst. Dieser sorgt für die laufende Abstimmung der Arbeiten der einzelnen Ressorts und veranlasst die erforderlichen kriegswirtschaftlichen Massnahmen. Er ist eine Arbeitsgemeinschaft, die die wichtigsten Fragen klärt und die Richtlinien für ihre Lösung festlegt.

Die Lenkung der Kriegswirtschaft durch Generalfeldmarschall Göring macht unter Beseitigung aller bürokratischen Hemmungen den Weg frei zur Auffindung aller Mittel und Durchführung aller Massnahmen, die notwendig sind, um den brutalen Methoden der Feindblockade zu begegnen und zu dem grossen Ziel der siegreichen Verteidigung des Reiches zu gelangen. In Erkenntnis der Unbesiegbarkeit der deutschen Wehrmacht versuchen unsere Feinde, den Kampf auf wirtschaftlichem Gebiet auszutragen. Diese Versuche werden an der Schlagkraft der deutschen Wirtschaft scheitern, die in gleicher Weise wie die militärische Kriegführung jedem Angriff gewachsen ist. Eine straffe staatliche Lenkung und ein einsatzbereites Volk sind die Bürgen hierfür.

## Im Führertage

### Führer und Duce am Brenner

Am Sonntagabend erfuhr die Welt amtlich aus Berlin und Rom, dass Adolf Hitler und Benito Mussolini am Montag, den 18. März auf dem Brennerpass an der deutsch-italienischen Grenze zu einer Aussprache zusammentreffen würden. Am Montagvormittag 10,30 Uhr fand die mehr als zweistündige Unterredung der beiden Regierungschefs statt. Am Abend desselben Tages waren beide Männer mit ihrer Begleitung wieder an ihre gewohnten Arbeitsstätten zurückgekehrt. Die Presse der ganzen Welt hat aber mit diesem Treffen am Brenner das Stichwort für die sonst so stille Osterwoche erhalten, die in diesem Jahr infolge des von England und Frankreich heraufbeschworenen Krieges als eine der politisch bewegtesten angesehen werden kann. Und so sind denn wieder eine Fülle sensationeller Meldungen und unglaublicher Kommentare aufgetaucht. In London und Paris ist man wie aus den Wolken gefallen. Die Regierungen der Westmächte wagen keine Stellungnahme, aber sie ahnen das historische Ausmass dieses Ereignisses. Sie selbst schwirren wie die Schwalben über den Kanal hin und her, veranstalten Konferenzen am laufenden Band, sprechen von restloser Solidarität und erreichen doch weiter nichts, als dass die Gedanken der Welt zur Tagesordnung übergehen. Diese Tagesordnung für den europäischen Neubau wird von Hitler und Mussolini bestimmt. Das ist klar, daran ist nicht zu zweifeln; denn wer garantiert angesichts der Unzufriedenheit der Engländer und Franzosen mit der erfolglosen Politik ihrer verantwortlichen Leute, dass diese etwa einen Monat später noch im Namen der Nation auf die Rednerbühne treten können. Beide Länder stehen vor schweren inneren Krisen. Mit Mühe versucht man nach aussenhin Einigkeit und Kampffreudigkeit vorzutäuschen. Kummervoll windet sich eine widerspruchsvolle Propaganda durch das Labyrinth der Schlagworte, die man bei Ansetzung dieses Krieges zur Parole erhoben hatte. Nein, nein, die Weltmeinung dreht langsam, aber beständig auf neue Tatsachen hin. Schon lange wurde das Schild mit dem Titel „Ausmerzungen des Hitlerismus“ niedriger gehängt. In alle Winde ist die Siegeszuversicht der Alliierten zerbrochen, und geblieben ist die Angst vor der Lokalisierung dieses Krieges auf die Westfront, die Angst vor dem grossen deutschen „Angriff zu Land, zu Wasser und in der Luft“, die Angst vor jener hoffnungslosen Niederlage, die für England und Frankreich gleichbedeutend ist mit dem Abtritt zweier Grossmächte von der Weltbühne. Wie wäre es sonst wohl möglich, dass man das Treffen Hitler-Mussolini am Brenner auch in London und Paris als „entscheidend für das europäische Schicksal“ bezeichnet hätte! Wie könnte man sonst bei den Westmächten an eine zweistündige Unterredung, von der die Weltöffentlichkeit nicht das geringste Wortlein erfuhr, schier endlose Hoffnungen auf einen „neuen Friedensvorschlag“ knüpfen? So sicher es ist, dass der Führer und der Duce nicht zusammenkamen, um sich in die Augen zu schauen oder den jüdischen Gazetten einen frischfröhlichen Anlass zu tausendfältigen Kombination-

nen zu liefern, so fest steht die Tatsache, dass beide Männer entschlossen sind, diesen Krieg im Sinne der bewährten Achsenpolitik zu Ende zu führen. Das Ergebnis kann niemals und nichts anderes sein als ein deutscher Sieg, an dem Italien in weitgehendem Masse mitbeteiligt sein wird. Sie sind wieder einmal kläglich reingefallen, die Allwissenden der Reuter und Havas, wenn sie Punkt für Punkt aufzählen, worüber Hitler und Mussolini gesprochen haben sollen. Klingt es nicht wie ein Märchen aus dem Tollhaus, wenn der britische „Observer“ eine „diplomatische Offensive des Führers“ erfindet und diese unter den Titel stellt „Aufteilung Europas zwischen Italien, Deutschland und Russland“, und zwar dergestalt, dass Russland alle baltischen Staaten schlucken würde, dass Deutschland Rumänien dem Reich einverleiben und Italien Jugoslawien dem Imperium eingliedern würde. Das ist wirklich allerhand, was irgendein kleiner Moritz da zu wissen glaubt. Wir wissen dafür bestimmt, dass er nichts weiss, sondern dass er nur die Hosen gestrichen voll hat und jene Völker, die im besten Einvernehmen mit den Grossmächten Deutschland, Italien und Russland leben, in den Krieg mithineinhetzen möchte, damit alles geschehe, was einer Verzögerung der grossen Abrechnung im Westen dient. Dass diese Abrechnung nicht endlos auf sich warten lassen wird, dürfte mit dem neuesten überraschenden Angriff deutscher Bomber auf den britischen Kriegshafen Scapa Flow am vergangenen Sonnabend bewiesen sein, zu dem wir anschliessend einige Worte zu sagen haben. Die Aussprache der beiden Staatsmänner Mussolini und Hitler wird indessen am besten durch folgende knappe Formulierungen der „Berliner Börsenzeitung“ gekennzeichnet:

„Die Staatsmänner des Westens diskutieren, machen Experimente, intrigieren und betätigen sich als Brandstifter am Hause des Nächsten. Der Führer und der Duce handeln. Sie sind Männer der Tat, sie bilden die Geschehnisse Europas. Nach dem misslungenen Anschlag auf den Norden Europas hätten die Westmächte nun gern einen anderen Gegenstand ihres Interesses im Süden Europas, vor allem Italien, gesucht. Das Kohlenabkommen war darauf die erste, die Zusammenkunft am Brenner die zweite Antwort. Sie wird bestimmt ihre Wirkung nicht verfehlen.“

### Wieder Bomben auf Scapa Flow

Die beiden bekannten britischen Kriegshäfen Firth of Forth und Scapa Flow sind in diesem Krieg schon mehrfach das Ziel der deutschen Luftwaffe gewesen. Jedesmal sind die deutschen Bomber mit grossem Erfolg von ihrer schweren Fahrt zurückgekehrt. Zum ersten Male hatten am 16. März einige Ketten deutscher Heinkel-Flugzeuge die Aufgabe, auf Scapa Flow, wo sich Teile der britischen Heimatflotte für eine besondere Aktion vorbereiteten, eine grössere Anzahl von Bomben abzuwerfen. Der amtliche deutsche Heeresbericht sagt nicht, wieviel Maschinen an diesem Flug teilnahmen, er unterstreicht nur, dass alle nach Erledigung

ihres Auftrages wohlbehalten wieder in der Heimat eintrafen. Der Angriff erfolgte fast zur selben Stunde, als der britische Rundfunk hochtrabend melden zu können glaubte, dass sich seit mehreren Tagen kein feindliches Flugzeug an der englischen und schottischen Küste habe blicken lassen. Die deutschen Bomber erreichten Scapa Flow für die Engländer völlig unerwartet am Sonnabendabend und belegten nicht nur drei Schlachtschiffe und einen Kreuzer, sondern auch drei Flugplätze mit ihrer verderbenbringenden Last. In einer Meldung heisst es, dass sie wie ein Blitz aus heiterem Himmel auf die überraschten Briten herabstürzten, die verzweifelt mit ihrer Flak schossen und auch Kampfflugzeuge einsetzten, ohne indessen den geringsten Erfolg zu erzielen. Die britische Admiralität hat den deutschen Angriff auf Scapa Flow bestätigt. Die erlittenen Opfer und Schäden zuzugeben, fällt ihr jedoch wie immer unsagbar schwer. Tatsächlich spricht die amtliche Mitteilung Winston Churchills nur von einem leichtbeschädigten Schiff und einer toten sowie sieben verletzten Zivilpersonen. Daneben wird schlankweg behauptet, dass ein deutscher Bomber abgeschossen wurde. Deutscherseits erfolgte darauf die Erwiderung, dass es sich bei diesem abgeschossenen Flugzeug nur um ein eigenes englisches handeln könne, da alle deutschen Maschinen unversehrt noch in derselben Nacht ihre deutschen Stützpunkte erreichten. Der deutsche Rundfunk wertete allerdings schon dieses einfache Zugeständnis Churchills als einen gewaltigen Fortschritt. Früher seien nach dergleichen Bombenangriffen nur tote Hunde und Kaninchen als einzige Opfer angegeben worden. In Wirklichkeit scheinen die Folgen der deutschen Aktion, bei denen die Briten von 14 Flugzeugen und einigen Hundert Bomben sprachen, noch beträchtlicher zu sein, als aus den ersten deutschen Meldungen hervorgeht. Jedenfalls weiss der Washingtoner Korrespondent der „New York Times“ zu berichten, dass sechs grosse Kriegsschiffe, darunter Panzerkreuzer und Kreuzer, getroffen und teilweise schwer beschädigt worden sind. Eines der Kriegsschiffe habe sogar zwei Volltreffer erhalten und sei völlig zerstört. Zu den beschädigten Schiffen der schweren Klasse sollen die „Hood“, „Repulse“ und „Renown“ gehören. Zur Stunde ist noch unbekannt, was Mr. Chamberlain in seinem Wochenbericht vor dem Unterhaus über den deutschen Bombenangriff auf Scapa Flow gesagt hat. Dass er seine Erklärungen den Betrachtungen Churchills anpasst, darf nach den bisherigen Erfahrungen vorausgesetzt werden. Das ändert nichts an der Tatsache, dass die deutschen Bomben von den Briten als recht unwillkommene Ostereier empfangen wurden, die möglicherweise nur eine Kostprobe darstellen. Als die Engländer am 18. Dezember v. J. mit 54 ihrer modernsten Vickers-Wellington-Maschinen die Deutsche Bucht angriffen wollten, fanden 34 Flugzeuge ein rasches Ende in den Nordseewellen. Die deutschen Kampfflugzeugstaffeln haben damals ganze Arbeit getan. Inzwischen mögen Reuter und Havas und die von ihnen gefütterten Zeitungen ruhig weiter berichten, dass englische Bomber in nächtlicher Stunde über Wien, Prag und Warschau geflogen sind — an dieser Stelle begnügt man sich mit dem Wissen, dass die deutschen Bomber über Scapa Flow auf den Abwurf propagandistischer Flugblätter verzichteten.

O scenario da aggressão britânica ao navio desarmado alemão „Altmark“.



Der Schauplatz des britischen Angriffs auf das unbewaffnete deutsche Schiff „Altmark“.

# Westfront-Geographie

Mit dem schon des öfteren dargestellten Verlauf des Westwalls ist vom Gesichtspunkt der Verteidigungsbereitschaft aus im ganzen gesehen auch die deutsche Westfront im gegenwärtigen Kriege umrissen. Sie verläuft vom Fuss der Alpen bis zur Küste der Nordsee. Obgleich Luxemburg, Belgien und die Niederlande neutral sind, behält die durch den Westwall bzw. die hinter ihm liegende Luftverteidigungszone gekennzeichnete Front dennoch entlang der Grenze auch dieser Länder einen aktiv-militärischen Charakter, da unter Nichtachtung allen Völkerrechts Engländer und Franzosen wiederholt das neutrale Gebiet zum Einfliegen nach West- und Norddeutschland, also zum Angriff, missbraucht haben und demzufolge eine deutsche Abwehr selbstverständlich ist.

Was man aber schlechthin vom Blickpunkt des Kampfes aus als „Front“ zu betrachten pflegt, beschränkt sich zu Lande heute auf die tatsächliche Grenze zwischen Deutschland und Frankreich. Die Ausdehnung dieser Westfront beläuft sich auf rund 400 Kilometer. Sie ist charakterisiert durch zwei deutlich voneinander unterschiedene Teile: 1. in fast genau nordsüdlicher Richtung den Rhein abwärts zwischen Basel und Karlsruhe und 2. in einer ost-westlich verlaufenden Linie von Karlsruhe entlang dem Pfälzer Wald und der Saar bis zu der Stelle, wo die drei Länder Deutschland, Frankreich und Luxemburg zusammenstossen.

Jeder dieser Frontbereiche ist etwa 200 Kilometer breit. Im Sprachgebrauch der Armeen und auch in der Öffentlichkeit bezeichnet man deutscherseits die Front entlang dem Rhein als „Oberrheinfront“, diejenige zwischen Rhein und Mosel als „Saar- und Pfälzische Front“. Die Franzosen sagen entsprechend ihrem geographischen Standpunkt „elsässische“ bzw. „lothringische“ Front. Wie das Deutsche Reich seine Westgrenze durch den Westwall, hat Frankreich seine Ost- bzw. Nordostgrenze durch die bekannte Maginot-Linie (im Norden auch Daladier-Linie genannt) gesichert. Soweit diese sogenannten „befestigten Gebiete“, die „régions fortifiées“, die derzeitige Front interessieren, kommen die von Mühlhausen, Kolmar und Strassburg an der elsässischen, die von Hochwald, Bitsch, Forbach und Hakenberg an der lothringischen Front in Betracht. Sie sind im einzelnen 5 bis 15 Kilometer tief, bestehen aus mehreren hintereinanderliegenden Zonen von Befestigungsanlagen (Bunkern, Panzerwerken usw.) und sind miteinander verbunden. Das Rückgrat der régions fortifiées bilden die Gebirgsbefestigungen des Wasgenwaldes (Vogesen) und des lothringischen Stufenlandes sowie die Gürtelbefestigungen Belfort, Epinal, Nancy und Metz. An einer Stelle — südlich Forbach — schiebt sich noch ein ziemlich ausgedehntes Ueberschwemmungsgebiet ein.

Wie häufiger aus dem Bericht des Oberkommandos der Wehrmacht über die Ereignisse an der Front ersichtlich, gehören von deutschen Gebieten zum Bereich der Westfront an der Oberrheinfront badische Landesteile zwischen Rhein und Schwarzwald, also Bezirke des Breisgaues, um den Kaiserstuhl und des Waldgebirges der Hardt. An bekannteren Städtenamen sind hier zu nennen Lörrach, die Grenzstadt gegenüber der schweizerischen Stadt Basel, ferner Breisach

am Rhein und Kehl, der Brückenkopf gegenüber Strassburg, sowie Karlsruhe, die Landeshauptstadt von Baden. An dieser Front, an der sich die Gegner auf beiden Ufern des Rheins gegenüberliegen, herrscht — abgesehen von gelegentlichen Operationen der Luftwaffe — im allgemeinen Ruhe, da der Rhein eine natürliche Frontscheide bildet und die Franzosen alle Brücken über den Strom gesprengt haben.

Anders liegen die Verhältnisse an der Saar- und pfälzischen Front, um die es sich auch handelt, wenn der Heeresbericht von Artillerie- und Spähtruppentätigkeit und von Stosstruppunternehmen „zwischen Pfälzer Wald und Mosel“, „westlich Pirmasens“, „südlich Saarbrücken“, „westlich des Warndt“, „westlich Merzig“ usw. spricht. Hier ist es auch, wo zwischen Saarbrücken und dem lothringischen Forbach der Führer auf den von deutschen Truppen genommenen Spieherer Höhen am Weihnachtsabend des letzten Jahres zum erstenmal wieder seit dem Weltkrieg den Boden Frankreichs betrat. — Verwaltungspolitisch liegen im Bereich dieser Front Teile der Bayerischen Pfalz, des Saargebietes und des preussischen Regierungsbezirks Trier (Kreis Saarburg). Obgleich an verschiedenen Stellen der Front, die der Heeresbericht in Abschnitte zerlegt, Flussgrenzen vorhanden sind, wie an der Saar und ihrem Nebenfluss, der Bliess, und an der Lauter, einem kleinen Zufluss zum Rhein, so herrscht im Gegensatz zur Oberrheinfront an der Saar- und pfälzischen Front doch ständig eine leichte Bewegung, da die — im übrigen sehr gewundene — Grenze zwischen Deutschland und Frankreich hier in der Hauptsache über verbundenes Gelände, über Aecker und Felder und Wiesen, über Hügel, Berge und durch Wälder verläuft, also Gelegenheiten und Möglichkeiten zu militärischen Operationen ohne weiteres bietet. Hier ziehen sich denn auch die vordersten Linien beider Seiten hin, wobei sich deutsche Stellungen und Stützpunkte vielfach schon auf französischem Boden befinden. Zwischen den Stellungen liegt das berühmte Niemandsland.

Anders als im Weltkrieg, in dessen Verlauf auch während der letzten Zeit des Stellungskrieges noch grosse Frontbewegungen stattfanden, ist — an jenen Offensiven des Jahres 1918 gemessen — die heutige Westfront, abgesehen von den bekannten täglichen kleinen Unternehmen im Vorfeld, erstarrt. An den genannten Fronten liegt sich die geballte und massive Kraft der deutschen und französischen Armee gegenüber. Bestes Soldatentum der Welt auf beiden Seiten. Während die einen aus falschverstandener Treueverpflichtung für ihre egoistischen und feigen Bundesgenossen von der Themse in die Gräben gestiegen sind und Tag für Tag ihr Opfer für Dinge bringen, die sie im Grunde genommen gar nichts angehen, wehren sich die anderen — eben wir Deutsche — aus aufgezwungener Notwendigkeit. An der ganzen deutschen Westfront aber geht ein heisser Wunsch entlang, der jeden Soldaten tiefst erfüllt: „Wenn wir bloss mal den Tommy vor die Klinge kriegen!“ Und meinen damit die schamlosen englischen Kriegshetzer, die um ihres Geldsackes willen diesen Krieg entfesselt und seine täglichen Opfer auf dem verbrecherischen Gewissen haben.

## Wo war damals das Weltgewissen?

Ein deutscher Freikorpskämpfer erinnert an Oberschlesien 1921

„Bilanz des Grauens“, diesen Artikel las ich vor kurzem in einer deutschen Reichszeitung. Wer die Polen kennt, weiss, was für unmenschliches Leid, was für ein Martyrium unserer deutschen Brüder hinter diesem sachlichen Zahlenmaterial steht. Aber wie oft begegnet man im neutralen Ausland der Auffassung, dass diese Greuelthaten an den Volksdeutschen in der Kriegspsychose begründet seien, weniger im polnischen Charakter. Es seien Ausnahmezeiten, in denen sich die Disziplin lockere und verbrecherische Elemente ihren niederen Instinkten folgten. Diese Ansicht ist entweder auf das Konto der englischen Propaganda zu buchen oder sie ist unentschuldbare Ahnungslosigkeit. Denn der Pole ist grausam, hat immer seine Freude am Quälen wehrloser unschuldiger Menschen gehabt und seine soldatischen und politischen Führer haben diesen Trieb bewusst gefördert. Ich möchte hier nur 3 Erlebnisse aus meiner Freikorpszeit in Oberschlesien anführen.

Am 21. Mai 1921 stürmten die Freikorps von Eicken und Oberland den Annaberggipfel. Beim Ueberschreiten der Sprengschützer Höhen fanden wir 2 Leichen von Abstimmungspolizisten (Apo), deren Ohren und Nasen abgeschnitten waren, im Stadium der Verwesung. Beim Durchschreiten des Dorfes Ober-Ellguth, dicht unterhalb des Annabergklosters, sahen wir den Leichnam eines Kameraden, den die Polen an einem Scheunentor gekreuzigt hatten. Ist es ein Wunder, dass nach diesen Erfahrungen von den deutschen Stürmern kein Pardon gegeben wurde?

Ein Freiwilliger namens Karl Keil (aus Derschau bei Oppeln) wurde bei einem Patrouillenunternehmen östlich Zembowitz verwundet und gefangen. Die Polen fesselten den Mann, stachen ihm die Augen aus und banden ihn an einen Baum zwischen den Linien. Dann veranstalteten sie nach dem Unglücklichen Scheibenschüssen. Die entsetzlichen Schreie des armen Mannes drangen zu seinen deut-

lichen Kameraden, und da sie ihn nicht befreien konnten, gab Frhr. v. Hanstein Befehl, ihn durch eine MG-Garbe von seinem Todeskampf zu erlösen.

Am 4. Juni 1921 stürmte das Freikorps von Eicken das oberschlesische Dorf Slawentzitz, wo sich das polnische Hauptquartier befand. Ich fand im Schlosspark des Fürsten Hohenlohe-Oehringen frische Erdaufwürfe. Von gefangenen Insurgenten liess ich diese Gräber — denn darum konnte es sich nur handeln — öffnen. Es war ein grauenvoller, entsetzlicher Anblick, der sich uns bot und der in uns jungen Menschen einen unauslöschlichen Hass gegen diese verrohten, tierischen Polen wachrief. Die nackten Körper der Deutschen — es handelte sich um 3 friedfertige Bürger, die bei der Volksabstimmung im März 1921 für Deutschland optiert hatten — waren mit unzähligen blutverkrusteten erdigen Wunden bedeckt. Einwandfrei konnte man feststellen, dass diese Armen zu Tode geprügelt worden waren. Am Unterleib trugen alle drei eine entsetzliche Wunde, während ihr Mund eine unförmige Masse darstellte. Der Tatbestand wur-

de durch zahlreiche Zeugenaussagen erhärtet, die Leichen photographiert und der englische Major Dun gab das Material an das englische Weissbuch über Oberschlesien weiter.

Wahrscheinlich weiss der englische Besatzungsoffizier, der damals unsere Empörung über die Polen teilte, heute nichts mehr davon. Vielleicht hat er auch vergessen, was sich auf einem Kalkofen bei Gogolin zutrug und was uns den Abgrund zwischen deutscher und englischer Mentalität so recht klar machte. Er sagte zu dem aufstürmende Polen feuernden MG-Führer: „Kamerad, lassen Sie mich auch mal!“ Offenbar verstand er die deutsche Entgegnung gar nicht: „Herr Major, wir kämpfen für unsere Heimat, für uns ist der Krieg kein Sport!“ Sie war auch zu rücksichtsvoll, die deutsche Antwort. Damals glaubten wir noch, „Baralong“ wäre eine Ausnahme, die jeden anständigen Engländer empört hätte. Heute wissen wir seit Burenkrieg und Hungerblockade, seit „Altmark“ und „Wakama“, dass Wehrlose zu Quälen nicht nur polnische, sondern auch englische Art ist: Sport!

G. Hopp

A Inglaterra tenta-o agora com um „pacto do Mar Negro“ — Depois da Conferencia Balcanica em Belgrado, a Inglaterra procura agora proseguir o seu jogo diplomatico nos Balcaens, mediante um „pacto do Mar Negro“. Infe-re-se da manobra propagandista de folhas inglezas, que se acham previstas para esse pacto, que se volta exclusivamente contra a Russia Sovietica, a Turquia, a Bulgaria, a Rumania e, quiçá, tambem a Grecia.



England versucht es jetzt mit einem „Schwarzmeer-Pakt“ — Nach der Belgrader Balkan-Konferenz versucht England jetzt mit einem „Schwarzmeer-Pakt“ sein diplomatisches Spiel auf dem Balkan fortzusetzen. Aus den Propagandamanövern englischer Blätter ist zu entnehmen, dass die Türkei, Bulgarien, Rumänien und vielleicht auch Griechenland für diesen Pakt, der sich ausschliesslich gegen Sowjetrussland richtet, vorgesehen sind.

## Eisenversorgung der Kriegführenden

Der Ausgang des gegenwärtigen europäischen Krieges hängt in hohem Masse von der Sicherung der Eisenversorgung ab, und es ist deshalb zweifellos interessant, die Leistungsfähigkeit der Gegner auf diesem Gebiete einmal gegenüberzustellen.

### Produktionskapazitäten

Erstaunlich ist zunächst das Uebergewicht der deutschen Kapazität, gemessen an der Erzeugung des vergangenen Jahres, auch gegenüber der Gesamtleistung der Westmächte. Noch bis zum Ende der achtziger Jahre konnte England, technisch und wirtschaftlich das Ursprungsland der modernen Eisenindustrie, seine Stellung als grösster Eisen- und Stahl-erzeuger der Welt behaupten, aber schon in den Jahrzehnten vorher hatte sich sein Vorsprung erheblich verringert. 1870 lag die englische Roheisenerzeugung mit 6 Millionen t noch weit über der der Vereinigten Staaten von 1,7 und Deutschlands von 1,3 Millionen t. 1890 überholte die Eisenindustrie der Vereinigten Staaten in diesem Punkte erstmalig die englische; 1906 rückte auch die deutsche Roheisenerzeugung an die zweite Stelle der Welt. Ziemlich parallel verlief die Entwicklung der Rohstahlerzeugung. In den Wirren des Nachkriegsjahres konnte die englische Produktion zwar noch einmal vorübergehend die deutsche auf den 3. Platz zurückdrängen, blieb dann aber endgültig hinter Amerika und Deutschland zurück, bis es im letzten Jahrzehnt auch diesen Platz an Russland abtreten musste und auf die 4. Stelle rückte. Im Gegensatz dazu steht der machtvolle Aufschwung der deutschen Eisenindustrie, die trotz des Verlustes der alten Eisenbezirke in Lothringen und Ostoberschlesien ihren Vorsprung gegenüber den nächstgrösseren Ländern in den letzten Jahren immer mehr vergrössern, im letzten Jahr seinen Weltanteil auf 22,4 (1937 15,3) vH. bei Roheisen und 21,4 (14,6) vH. bei Rohstahl verbessern konnte. 1938 entfielen von der Weltroheisenproduktion auf England 8,3 vH., Frankreich 7,3 vH.; Deutschland 22,4 vH. (Alliierte also 15,6 vH.). Die entsprechenden Zahlen für Rohstahl: England 9,7 vH., Frankreich 5,7 vH., Deutschland 21,4 vH. Alliierte 15,4 vH.) Dieses selbst gegenüber der Ge-

samterzeugung Englands und Frankreichs erreichte deutsche Uebergewicht der Kapazität hat sich im laufenden Jahr weiter vergrössert und wird sich noch weiter zugunsten Deutschlands verschieben durch die jetzt wirksam werdenden, in den letzten Jahren begonnenen Ausbauten, daneben aber auch durch die Einbeziehung der früheren polnischen Eisenwerke, einschliesslich ihrer rohstoff-sichernden Erzgruben, die noch in erheblichem Umfang intensiviert werden können.

Das für die Westmächte mithin recht ungünstige Kräfteverhältnis auf diesem Gebiet ist einer der Hauptbeweggründe für die englischen Bemühungen um die Einschaltung der Vereinigten Staaten, wobei neben der Eisenbasis selbst vor allem auch deren Verarbeitungszweige die englische und französische Kriegswirtschaft stärken sollen. Die Uebersicht über die Entwicklung der Eisen- und Stahlerzeugung im Weltkrieg lässt erkennen, wie sehr damals die Materiallieferungen Amerikas das Kräfteverhältnis zugunsten der Alliierten verlagert haben. Einer Einbeziehung der USA auf alliierter Seite steht indessen die Einbeziehung der UdSSR durch Deutschland gegenüber. Wenn auch Russland mit 19 Millionen t Rohstahl im letzten Jahre die 29 Millionen t der USA nicht erreicht, so hat Deutschland das Plus einer direkten und unstörsbaren Transportverbindung für sich, während den Alliierten nur der risikoreiche Seeweg bleibt.

Entscheidend für die wehrwirtschaftliche Einsatzfähigkeit der Eisenindustrie ist nun nicht allein die in den Erzeugungszahlen erkennbare Kapazität, sondern vor allem auch die Sicherung ihrer Verbindungswege.

## An unsere Leser!

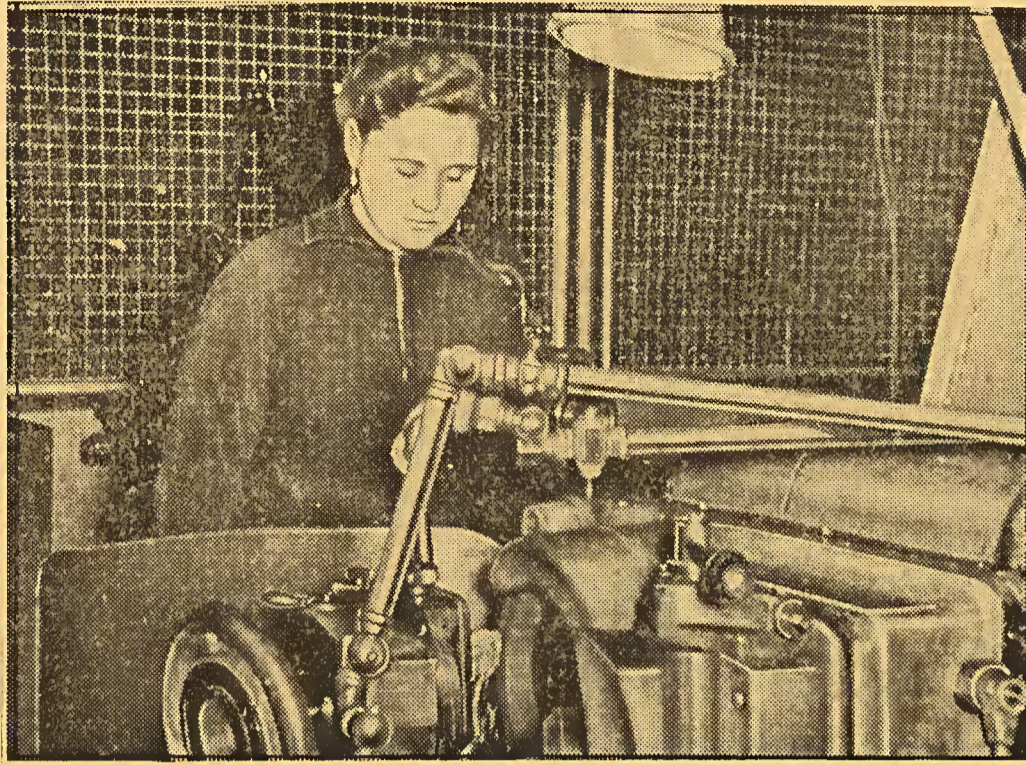
Wir möchten nochmals darauf hinweisen, daß wir zukünftig nichtangekommene Zeitungen nur gegen Ein-sendung des Betrages von 600 Reis nachschicken können.

O chefe do Departamento do Trabalho da Alemanha Konstantin Hierl viu passar em 24 de fevereiro sua 65.ª data natalícia.



Reichsarbeitsführer Reichsleiter Konstantin Hierl beging am 24. Februar seinen 65. Geburtstag.

A mulher operaria alemã. Numerosas mulheres alemãs atenderam ao apelo que lhes foi dirigido, assumindo, na extensão do possível, o posto dos homens que, de armas na mão, defendem a Patria. Vemos aqui uma mulher afiando fresas de aço.



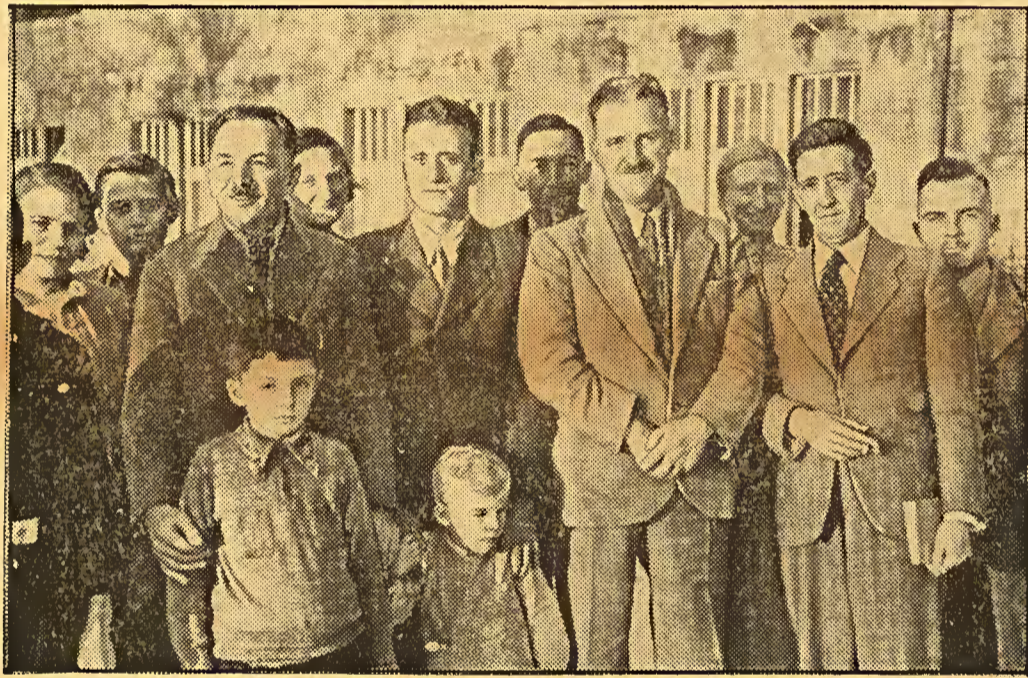
Die Frau an der Werkbank. Zahlreiche deutsche Frauen sind dem Ruf gefolgt und haben, soweit es in ihren Kräften steht, die Plätze der Männer übernommen, die mit der Waffe in der Hand das Vaterland verteidigen. — Hier werden von einer Frau Stahlfräser geschliffen.

Heinrich Dau, o capitão do „Altmark“, subtraiu seu navio, graças a uma magistral navegação, às tentativas de sequestro do inimigo, até que foi abordado, à noite, pelos ingleses num fjord norueguês.



Heinrich Dau, der Kapitän der „Altmark“ entzog sein Schiff durch hervorragende Navigation dem Zugriff des Feindes, bis es nachts in dem norwegischen Fjord von den Engländern geentert wurde.

Repatriados da Africa Oriental Alemã. Logo após o rompimento da guerra, todos os homens alemães e, em grande parte, também as mulheres da colonia na Africa Oriental Alemã foram internados num grande acampamento colectivo em Daressalam. Depois de mezes de reclusão, os prisioneiros teutos puderam embarcar com destino á Alemanha, levando consigo o estritamente necessario, pois todos os objectos de valor ficaram em poder dos ingleses. Uma parte dos repatriados se encontra actualmente no alojamento dos retromigrantes do Departamento dos Alemães no Exterior, em Berlin-Tegel. Apresentamos aqui alguns dos alemães que regressaram da Africa Oriental Alemã onde trabalhavam como lavradores (tambem cultivadores de sisal), commerciantes e empregados.



Heimkehrer aus Deutsch-Ostafrika. Gleich nach Kriegsausbruch wurden alle deutschen Männer und grösstenteils auch die Frauen in unserer Kolonie Deutsch-Ostafrika interniert und in ein grosses Sammellager in Daressalam gebracht. Von hier aus durften sie nach monatelanger Gefangenschaft, nur mit dem Nötigsten versehen — alle Wertsachen und alles Eigentum behielten, bzw. beschlagnahmten die Engländer — nach Deutschland ausreisen. Ein Teil der Heimkehrer befindet sich nun in dem Rückwandererheim der Auslandsorganisation in Berlin-Tegel. — Hier Heimkehrer aus Deutsch-Ostafrika, sie sind zum grössten Teil als Farmer, Angestellte und Kaufleute sowie Sisalpflanzer tätig gewesen.

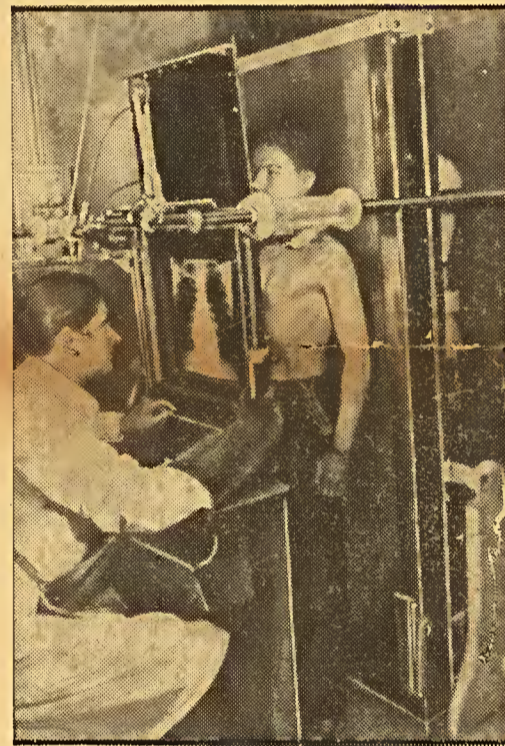
Sie müssen für England und Frankreich kämpfen. Dieses Bild wurde jetzt erst von dem britischen Zensor freigegeben. Es zeigt indische Soldaten im Wetterschutzmantel in Frankreich, wo sie, die dieses Klima völlig ungewohnt, durch den harten Winter schweren körperlichen Schäden ausgesetzt sind.



Elles têm de lutar pela Inglaterra e França. A photographia aqui reproduzida só agora foi liberada pela Censura inglesa. Mostra-nos soldados indús encapotados, na França, onde se acham expostos a graves males physicos provocados pelo rigoroso inverno a que esses homens não estão habituados.

Apto para o serviço aéreo — A arma aérea exige homens de tempera de aço. As condições precipuas são raciocínio rapido, vontade de ferro e absoluta capacidade physica. Eis as provas a que se sujeitam os recrutas que são rigorosamente examinados.

Exame radioscopico do coração e do pulmão.



Untersuchung von Herz und Lunge am Röntgenschirm.

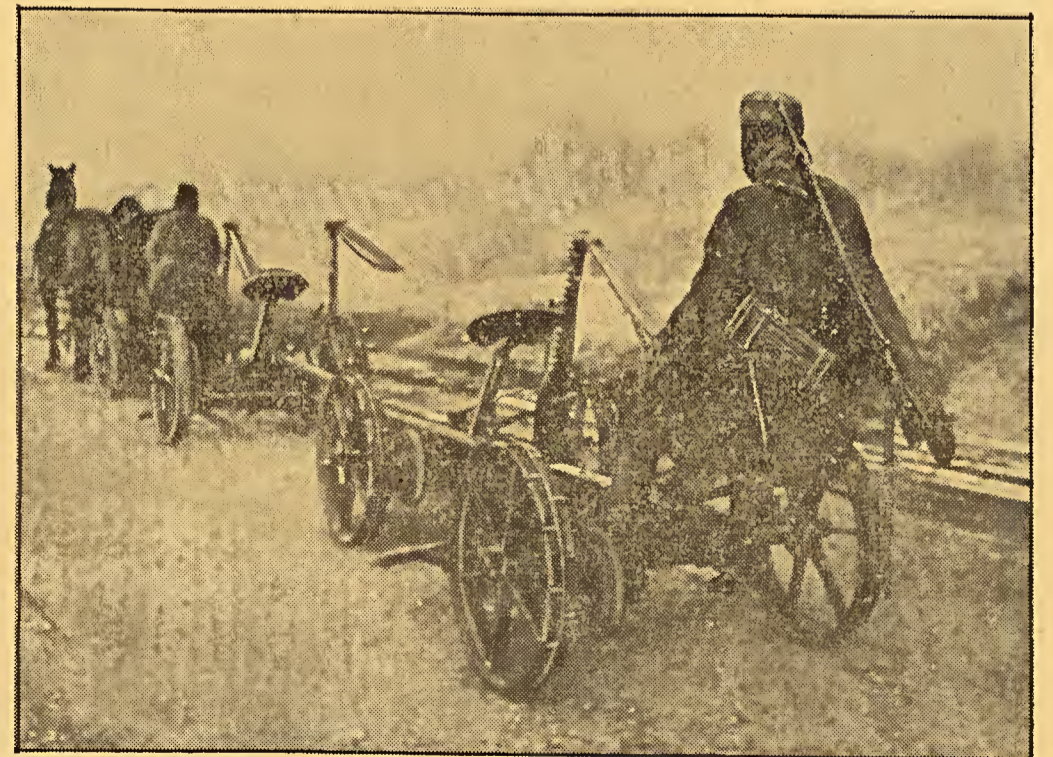
Exame de pressão arterial, sob rarefacção do ar correspondente a 7000 mts. de altura.



In der Unterdruckkammer wird der Prüfling theoretisch auf 7000 m Höhe gebracht.

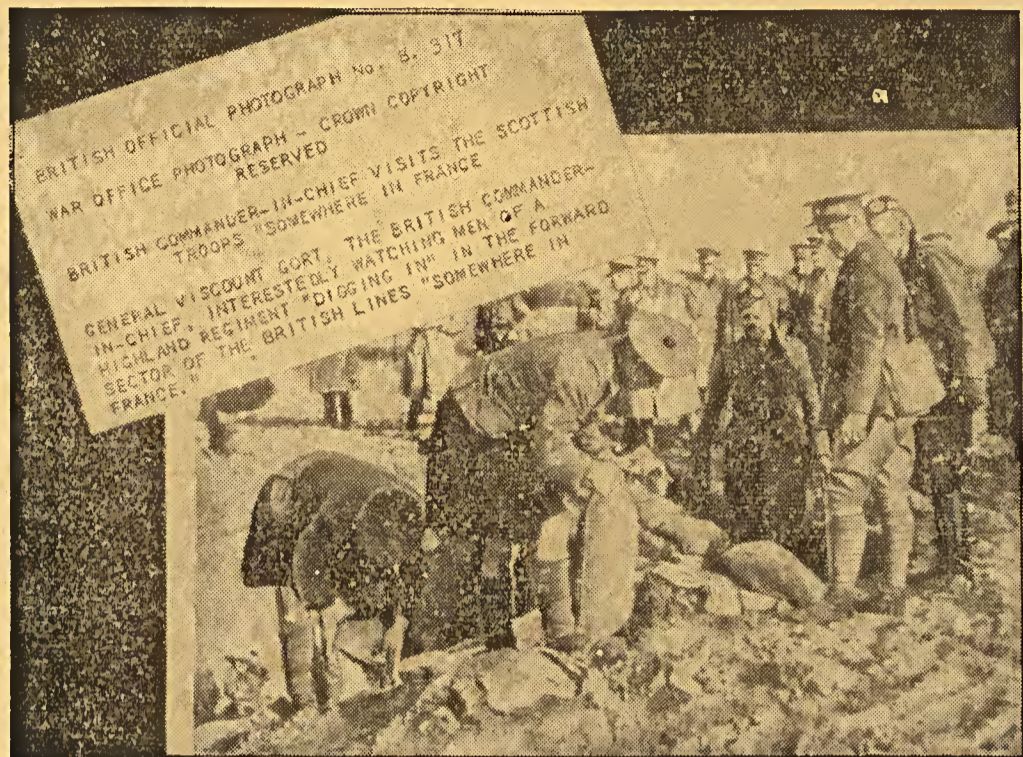
Tauglich als Flieger — Die Luftwaffe erfordert eiserne Männer. Blitzschnelle Reaktion, eiserner Wille und unbedingte körperliche Tauglichkeit sind die Voraussetzungen, auf welche die in die Luftwaffe eintretenden neuen Rekruten gründlich untersucht werden.

Soldado e camponez. Depois da colheita nas regiões orientaes libertadas pela Alemanha e depois de debulhados os cereaes e ensilados os tuberculos, as machinas agricolas são recolhidas por corpos especiaes do Exército allemão e acto continuo repassadas e concertadas.



Soldat und Bauer. Nachdem in den freigemachten Gebieten die Ernte eingebracht, das Getreide gedroschen und die Hackfrüchte eingelagert sind, werden nun durch besondere militärische Kommandos die wertvollen landwirtschaftlichen Maschinen zurückgebracht, instandgesetzt und für die Frühjahrsbestellung bereitgemacht.

Falsificações photographicas pelo Ministerio de Informaçoes inglez. O referido Ministerio divulgou esta photographia emitida pelo Ministerio da Guerra britannico como „photographia official britannica Nr. B 317“, com direitos reservados á coroa, com a seguinte legenda: „O commandante em chefe britannico em visita a tropas escocesas algures na França. O general Visconde de Gort, commandante em chefe britannico, acompanhando interessadamente os trabalhos de abertura de trincheiras por um regimento de „highlanders“ num sector avançado das linhas britannicas em qualquer ponto da França“. O jornal inglez „Picture Post“ publica ao lado desse cliché uma carta recebida de um leitor, em que este, occupando-se da photographia, diz, que esta foi feita em abril de 1939, vendo-se nella um intimo amigo do missivista. Esse amigo acompanhou naquella occasião o referido commandante em chefe a um campo de exercicios distante de Aberdeen (Escossia) menos de 4 kilometros. Informa ainda o missivista, que esse seu amigo ainda não havia deixado a Inglaterra até ao momento em que escrevia a carta ao jornal.



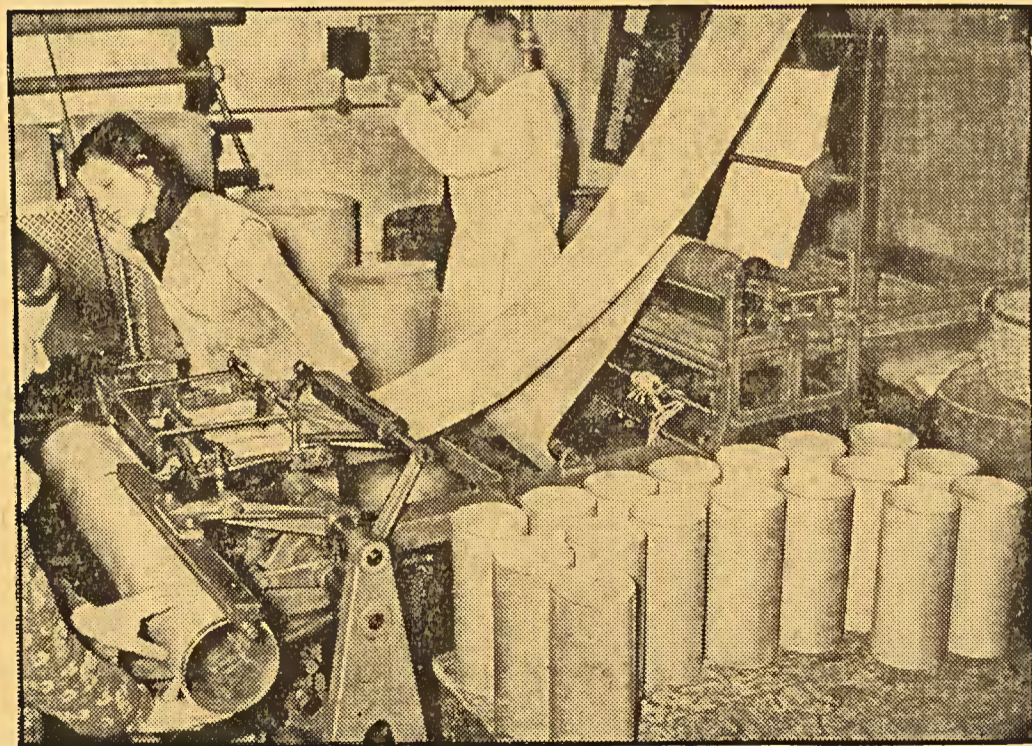
Die Bildfälschung des britischen Informationsministeriums. Das britische Informationsministerium verbreitet dieses Bild, das vom britischen Kriegsministerium als „Amtliche britische Photographie Nr. B 317“ unter dem Vorbehaltsrecht der Krone herausgegeben wurde, mit folgendem Text: „Der Oberstkommandierende besichtigt schottische Truppen irgendwo in Frankreich. — General Viscount Gort, der britische Oberstkommandierende, interessiert den Männern eines Hochland-Regiments zuschauend, die in einem vorderen Sektor der britischen Linien irgendwo in Frankreich schanzen.“ Die britische Zeitung „Picture Post“ veröffentlicht zu diesem Bild eine Zuschrift in der ein Leser zu diesem Bild Stellung nimmt und mitteilt, dass diese Aufnahme, auf der übrigens ein guter Freund des Lesers zu sehen ist, im April 1939 gemacht wurde. Der Freund des Lesers begleitete damals den Oberstkommandierenden zu einem Truppenübungsplatz, der keine 4 km von Aberdeen (Schottland) entfernt ist. Der Leser teilt dann noch mit dass sein Freund bis heute England noch nicht verlassen hätte.

O trajecto aéreo Moscú—Berlín.



Die Flugstrecke Moskau—Berlín.

Recipientes de papel velho para oleo para automoveis. A necessidade premente de se economizar ferro e outros metaes fez com que se procedessem a cuidadosos trabalhos preliminares nos varios institutos de pesquisas e experimentação officiaes allemães, afim de se encontrar, no dominio dos recipientes para oleo para automoveis, um material de papel velho que substitua perfectamente os metaes até aqui empregados. Numa fabrica berlinense que trabalha com refugo e retalhos de papel vêm sendo fabricados os primeiros recipientes (garrafas) para oleo, servindo-se para isso de papel em bobinas. Trabalham ali machinas e apparatus especiaes que dão a forma cylindrica aos recipientes e collam e amoldam estes.



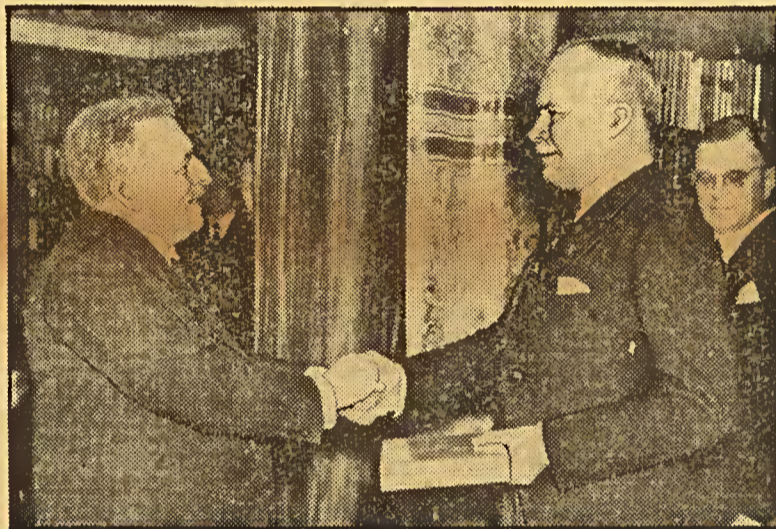
Autoöflaschen aus Altpapier. Die zwingende Notwendigkeit der Einsparung von Eisen und Metall hat zu eingehenden Vorarbeiten bei verschiedenen staatlichen Prüf- und Forschungsanstalten geführt, um auf dem Gebiet der Autoöflaschen für die bisher verwendeten Metalle einen vollwertigen Austausch durch Altpapier vorzunehmen. In einer Berliner Altpapierverwertung werden bereits die ersten Autoöflaschen aus dem Rollenpapier hergestellt. — Hier werden durch Spezialapparate aus dem Rollenpapier die späteren Autoöflaschen gewickelt und geklebt.

Em um campo de concentração britânico — Nestes últimos annos foram espalhados pelo mundo, um sem numero de vezes, as lendas mais incríveis em torno de campos de concentração allemães. Conforme declarou Hitler, em seu notavel discurso de 30 de janeiro, esses campos de concentração não passam de uma invençaoe inglesa. Acrescentou, satyricamente, que a Allemauha teve de consultar o lexico, afim de saber o que é um campo de concentração. A photographia aqui reproduzida apresenta dous membros do povo boer que foi vencido e subjugado pelos inglezes nos annos de 1899—1902. Naquella occasião os inglezes haviam installado um campo de concentração nas ilhas Bermudas.



In einem britischen Konzentrationslager — Ungezählte Male sind in den vergangenen Jahren die ungläublichsten Märchen über deutsche Konzentrationslager in der Welt verbreitet worden. Wie der Führer in seiner grossen Rede am 30. Januar erklärte, sind diese Konzentrationslager eine englische Erfindung. Deutschland, so fügte er satyrisch hinzu, habe erst im Lexikon nachschlagen müssen, um zu lesen, was ein Konzentrationslager ist. Unser Bild zeigt zwei Angehörige des Burenvolkes, das in den Jahren 1899—1902 von den Engländern besiegt und unterworfen wurde. Die Engländer liatten damals auf den Bermuda-Inseln ein Konzentrationslager eingerichtet.

Sven Hedin recebe uma distincção honorifica. Por occasião da passagem do seu 75.º anniversario natalicio, o grande cientista e explorador sueco Sven Hedin foi galardoado com a grã-cruz da Ordem do Merito da Agua Allemã, como prova de reconhecimento de Hitler pelos seus meritos. O cliché mostra o acto da entrega da insignia pelo embaixador teuto em Stockholmo, principe de Wied.



Deutsche Ehrung für Sven Hedin. Anlässlich seines 75. Geburtstages wurde dem grossen schwedischen Forscher Sven Hedin das Grosskreuz des Verdienstordens vom Deutschen Adler vom Führer in Anerkennung seiner Verdienste verliehen. Hier überreicht der deutsche Gesandte in Stockholm, Prinz zu Wied, dem Forscher die Auszeichnung.

A miragem das potencias occidentaes — Ao passo que no começo da guerra a imprensa inglesa e franceza não revelava seus verdadeiros objectivos de guerra, ella hoje não guarda reserva alguma e proclama abertamente, que não lhe bastará a extincção do regime nacional-socialista, mas que se empenhará pela destruição definitiva, pela „liquidation radical da obra politica de Bismarck.“ Em lugar do Reich unido, ter-se-ia uma Allemanha descentralizada e fragmentada em pequenos Estados, mais ou menos como no-la apresenta o mappa aqui reproduzido.



Das westliche Wunschbild — Während die englische und die französische Presse zu Beginn des Krieges ihre wahren Kriegsziele noch nicht zu erkennen gab, bringt sie jetzt unverhohlen zum Ausdruck, dass es ihr nicht nur auf die Beseitigung des nationalsozialistischen Regimes, sondern auf die endgültige Zerschlagung und endgültige „Liquidation des politischen Werkes Bismarcks“, ankommt. An Stelle des geeinten Deutschen Reiches soll ein dezentrales in kleine Staaten zerschnittenes Deutschland treten, etwa so, wie wir es hier in unserem Kartenbild zeigen.

# KRANK?

Dann lassen Sie sich

## homöopathisch

behandeln. — In dem

**Dispensario Homöopathico São Paulo**  
Praça João Mendes 130

stehen Ihnen von 9—18,30 Uhr die besten homöopathischen Aerzte São Paulos

unentgeltlich

zur Verfügung. Denken Sie daran, dass jede leichte Erkrankung in eine schwere Krankheit ausarten kann. Die Homöopathie heilt auch in schwersten Fällen auf eine milde Weise und mit recht geringen Spesen.

(Neben der homöopathischen Apotheke Dr. Willmar Schwabe Ltda.)

## Dr. Max Rudolph

Allgemeine Chirurgie, Frauenheilkunde u. Geburtshilfe  
Röntgen-Bestrahlungen

Consult.: Praça Ramos de Azevedo 16, II., Tel. 4-2576  
Wohnung: Rua Hollanda 5, Tel. 8-1337

Sprechstunden von 3—5, Sonnabends von 11—1 Uhr

## Dr. Mario de Fiori

Spezialarzt für allgem. Chirurgie — Röntgenapparat  
Sprechst.: 2—5 Uhr nachm., Sonnabends: 10—12 Uhr  
Rua Barão de Itapetininga 139 - II. andar - Tel. 4-0038

## Dr. G.H. Nick

Facharzt für innere Krankheiten.

Sprechstunden täglich v. 14-17 Uhr  
Rua Libero Badaró 73, Tel. 2-3371  
Privatwohnung: Telefon 8-2263

## Dr. Erich Müller-Carioba

Frauenheilkunde und Geburtshilfe  
Röntgenstrahlen — Diathermie  
Ultraviolettstrahlen

Konz.: R. Aurora 1018 von 2-4,30  
Uhr. Tel. 4-6898. Wohnung: Rua  
Groenlandia Nr. 72. Tel. 2-1481

## Deutsche Apotheke

Ludwig Schwedes

Rua Libero Badaró 45-A  
São Paulo / Tel. 2-4468

## Erwin Schmied

Dentist

Umgezogen nach

Largo Santa Efigenia 1

3. Stock, App. 32

(Eingang von der Brille)

Sprechstunden

von 8.30—18.30 Uhr, Sonn-  
abends: bis 12 Uhr mittags

## Deutsche Apotheke

In Jardim America

Anfertigung ärztlicher Re-  
zepte, pharmazeutische  
Spezialitäten — Schnelle  
Lieferung ins Haus.

RUA AUGUSTA 2843  
Tel. 8-2182

## Jorge Dammann

Deutsche Damen- u. Herren-  
schneiderei. Große Auswahl  
in nat. u. ausländ. Stoffen.  
R. Ypiranga 193, Tel. 4-2320

## João Knapp

Klempnerei, Installation.

Regist. Rep. de Aguas und  
Esg. — Rua Mons. Paffa-  
laqua 6. Telefon 7-2211.

## Uhren • Reparaturen

Deutsche Uhrmacherei

## OTTO

Rua São Bento Nr. 484  
4. Stock, Saal 25

## Werner Pfeffer

Nickelação Cambucy

Rua Lavapés 801  
SÃO PAULO

## Deutsche Schuhmacherei

Rua Sta. Efigenia 225

Ausführung aller ins Fach  
schlagenden Arbeiten  
Hermann Radelsberger

## Josef Süls

Erstklassige Schneiderei. —

Mäßige Preise. — Rua Dom  
José de Barros 266, fobr.,  
São Paulo, Telefon 4-4725



# Diese Uhr geht nicht mehr!

... weil ihr komplizierter Mechanismus verschmutzt ist! Sie muß unbedingt einer gründlichen Reinigung unterzogen werden.

Die Harnwege sind ebenso fein ausgearbeitet wie der Mechanismus einer Uhr; sie müssen daher auch von Zeit zu Zeit gereinigt werden. Machen Sie deshalb eine gründliche innere Desinfektion mit den HELMITOL-Tabletten.

Ihr Arzt wird Ihnen die Richtigkeit dieses Rates bestätigen. Denken Sie daran, daß man Gesundheit und Kraft durch eine Desinfektion der Harnwege mit HELMITOL-Tabletten leicht wiedergewinnen kann.



**AO PINGUIM** H. Hillebrecht  
SÃO PAULO  
RESTAURANTE: AV. SÃO JOÃO 128  
E TAVERNA: RUA ANHANGABAHÚ, 2  
Telefon: Bar 4-5507 Gruta 4-2626

Ausgezeichnete Küche Jeden Sonnabend: Feijoada completa  
Allabendlich Künstlerkonzert, 7-1 Uhr; Sonn- u. Feiertags: Frühkonzert

# Aços Roechling

Der gute deutsche Stahl!

Qualitätswerkzeuge!

Eigene Härtestube

mit modernsten Einrichtungen zur Verfügung unserer Kundschaft!

Aços Roechling Buderus do Brasil Ltda.

São Paulo

Rua Augusto de Queiroz 71-103

Rio de Janeiro

Rua General Camara 136

Porto Alegre

Avenida Julho de Castilho 265

Vertretungen in Brasilien:

Curityba - Belem do Pará - Bello Horizonte  
Bahia

in anderen südamerikanischen Ländern:

Buenos Aires Montevideo  
Santiago de Chile

## Deutsches Farbenhaus

Henrique Zuehlke & Cia.

S. Paulo, R. Christovam Colombo 1, Tel. 2-0671

Alleiniger Vertrieb der bekannten

TEMPEROL-FABRIKATE

(Lacke - Oelfarben - Lackfarben)

Reichhalt. Sortiment in: Pinseln, Buntfarben, Oelen,  
Schablonen und sonstigen Malerbedarfsartikeln.

# CASA TURF

Rua Direita 119

Das deutsche Haus für feine Herren-Artikel

JENKE & SCHAEFFTER

# Fogg bringt ein Mädchen mit

Roman von WALTHER KLOEPFFER — Verlag August Scherl GmbH., Berlin.

(3. Fortsetzung.)

In der Schmiede, die Fogg zuerst betrat, lagen die Hämmer und Werkzeuge kunterbunt durcheinander, und der Boden war voller Holzspäne. Es tat not, dass hier aufgeräumt würde. Aus den Zimmern schlug ihnen dumpfe Luft entgegen. Anna riss sogleich sämtliche Fenster auf. Dann schritt Fogg mit Anna von einem Möbelstück zum anderen, sperrte Kästen auf, zog Laden heraus. Viel Wertvolles war nicht im Haus. Die letzten Jahre waren auch für den Schmied schwer gewesen, weil jeder nur das Dringendste ausbessern liess und viele mit dem Bezahlen nicht nachkamen. Im Wohnzimmer stellte sich Fogg auf das eingebaute Sofa und zog den Regulator auf, der mit melodischem Bimbam acht Monate übersprang. So! Jetzt war wenigstens wieder etwas Leben in dem toten Haus. Dann besprach er sich mit Anna, wie er die Zimmer einteilen und die Möbel umstellen wollte.

Anna blies die Backen auf. „Wilde Geschichte wird das, Josi! Aber keine Bange, ich schaffe es schon. Nur bei den Möbeln musst du mir helfen.“

Fogg sah das zierliche Persönchen zweifelnd an.

„Du glaubst wohl, ich habe keine Muskeln? Da greif her! Ich sehe nur von aussen so mickrig aus. Erst müssen mal die Betten an die Luft. Sonne gib's hier wohl überhaupt nicht? Weissst du zufällig, wo sich Besen, Bürste und Eimer herumtreiben? Natürlich nicht! Gorch Pitter hätte man auch eher festschlagen können.“

„Ich glaube, in der Küche“, erwiderte Fogg kleinlaut.

Sie ging hinaus und erschien nach einer Weile mit sämtlichen Reinemachergeräten. Auch umgezogen hatte sie sich und trug jetzt die blaue Seemannshose, die unten zu weit und um die Hüften unanständig eng war. Sie hatte die Ärmel hochgekrempelt und sah aus wie jemand, der zum Aeussersten entschlossen ist. Als sie Fogg verdutzten Blick hegegnete, erklärte sie:

„Solche Hosen sind praktisch. Man muss sich nur daran gewöhnen. Mittag musst du

auswärts essen, Josi. Und jetzt wäre es reizend von dir, wenn du verschwändest, Herren sind hier unerwünscht.“

Das liess sich Fogg nicht zweimal sagen. Er flüchtete vor Wirrwarr und Putzwasser ins Freie. Die Bäume bekamen schon die ersten Blättchen. Später schlenderte er ins Dorf.

Die geduckten kleinen Häuser mit ihren vorspringenden Schindeldächern und dem hölzernen Umlauf blickten ihn vertraut an. Siehst du, der Scheidewimmer hat aufgestockt! Und der Breitsamer hat sich einen neuen Kamin geleistet! Was es alles Neues gibt! Da und dort stand ein Haus zwischen dem alten, das er nicht kannte. Die meisten Anwesen waren

saum zu Tode. Aber wer von diesen Kranken noch nicht reif für das Bett war, sass hinterm Klöppelsack und liess die müden fleissigen Finger spielen. Die Männer aber machten verbissene Miene und Holzschuhe, Teller, Zündholzdraht und rührend unbeholfene Krippenfiguren, etwa eine Kuh oder ein steifbeiniges Lämmchen. Das ging alles noch an, aber die Kinder — —!

Mein Gott, diese Kinder. Blass, unterernährt, barfuss mitten im April, grosse Augen in den kleinen Gesichtern — Fogg krümmte sich vor Scham und dachte: Ich weiss nicht, wer an all dem schuld ist, aber so etwas dürfte es nicht geben. Wir haben ja früher auch nicht gerade Torte gegessen, aber

## Confeitaria

Aeltestes und vornehmstes Haus

Tel. 4-9230 - RUA BARÃO DE ITAPETININGA 239 - S. Paulo



## Biennense

Nachm. und abends gutes Konzert

verlortert, feucht und hatten die Fensterscheiben mit Pappe geflickt. Es waren zuweilen trostlose Anblicke.

Die Schellenberger erkannten ihn, grüssten, fragten, schüttelten die Hand. Man bat ihn, in die Stube zu kommen, und jammerte ihm vor. Die Frau wischte mit der Schürze den Stuhl ab und dann die Augen. Es stand mit dem Schellenberg nicht, wie es sollte; keinesfalls. Es gab Schulden, es gab Hunger, und das graue Gespenst der Arbeitslosigkeit ging um. Fogg hörte überall dieselbe Litanei. Frauen, die damals Spielgefährtinnen von ihm gewesen waren, sahen wie Greisinnen aus, faltig, bekümmert, überanstrengt. Viele waren unterleibskrank oder schleppten Schwindsucht mit sich herum und husteten sich lang-

bloss diese Brühe, die sie Kaffee heissen, und Kartoffeln und immer wieder Kartoffeln...

Einmal stiess er auf eine Hütte, windschief, ohne Dach, ohne Fensterscheiben. Man klärte ihn auf, dass der Güter Braumähd im Jahr 32 wegen Missernte und dem Gerichtsvollzieher sein Anwesen einfach im Stich gelassen habe und zu seiner Tochter in die Stadt gezogen sei. Wenn ein Bauer sich zu dem verstieg, musste Mathäi am letzten sein.

Dass es so schlimm mit Schellenberg stand, hatte Fogg nicht gewusst. Er setzte sich zerschlagen auf einen leeren Brunnentrog und dachte nach. Konnte man denn gar nichts tun, um diesem Elend zu steuern? Andere

Orte im Wald hatten Graphitwerke, Zündholzfabriken, Glasbläsereien oder Porzellan- und Keramikbetriebe. Das alles kam für Schellenberg nicht in Betracht. Was war mit einem Ort zu wollen, der sich aus lauter kleinen Frettern zusammensetzte, der abgedroselt war vom Verkehr, ein paar Stunden hinter der böhmischen Grenze lag, der schauerhafte Wege und einen armseligen Boden besass, der sein Mark, seine Wälder, preisgegeben hatte und fernab lag von allen grösseren Plätzen, wo es Arbeitsmöglichkeiten geben könnte?

Fogg hatte in der Bahn die Zeitungen studiert. Da war zu lesen, dass eine Hilfsaktion für die notleidende Ostmark im Gange sei. Nun ja, das war immerhin eine Hoffnung. Aber bis der Segen nach Schellenberg vordrang, hiess es Geduld üben. Besser als dieses tatenlose Hinwarten auf fremde Hilfe wäre Selbstzupacken. Aber wo? Er erwog ein halbes Dutzend Möglichkeiten und verwarf sie wieder als undurchführbar. Er schüttelte unzufrieden den Kopf, weil ihm so gar nichts Brauchbares einfallen wollte, erhob sich und nahm sich vor, den Fenzl zu besuchen.

Das kleine Fenzlanwesen lag ein wenig ausserhalb des Dorfes gegen das Schloss zu. Nahebei blinkte ein Weiher, auf dem Wasserlinsen und Enten schwammen. Einige Buben, barfuss und mit laufender Nase, ärgerten die Enten, indem sie Steinchen nach ihnen warfen. Das Fenzlhaus war konisch gebaut, da ein Vorsprung, dort einer. Das kam von den vielen Anbauten, die wiederum von den vielen Kindern herkamen, deren jedes ein Bett und ein paar Kubikmeter eigenen Raum beanspruchte.

„Ist der Vater daheim, ihr Buben?“  
Nachdem sie Fogg genugsam gemustert hatten, erklärte der grösste: „Mit dem kannst keine Geschäfte machen, der kauft nix, das sag' ich dir gleich. Es waren heute schon ein paar solche da.“

Fogg lachte.

„Ich bin kein Reisender. Ich bin der neue Doktor.“

„Warum sagst du denn das nicht eher? Dort hinten kommt er.“

Fogg drehte sich um. Eine himmellange, breitbeinig wankende Gestalt schob sich aus der Richtung Schlosswald herüber. Sie trug einen Baum auf der Schulter, der auf und nieder wippte. Musste ordentlich schwer sein, die Last. Endlich war der Fenzl in Gesprächsweite. Sein Hemd stand vorn offen, und auf seiner braunen Brust konnte man Zöpfe flechten. Die Sorte Pan und Waldschrat musste so ausgesehen haben.



Vor  
**Annahme falschen Geldes**  
schützt der bargeldlose Zahlungsverkehr  
Eröffnen Sie ein Konto beim  
**Banco Allemão  
Transatlantico**  
RUA 15 NOVEMBRO 268  
und zahlen Sie Ihre Rechnungen  
**per Scheck!**

Zu jeder gewünschten Zeit erhalten Sie von uns einen Auszug ihrer Rechnung, um Ihnen die Kontrolle über Ihre Zahlungen zu erleichtern.

**VIGOR-  
MILCH**

Die beste Milch in São Paulo

S. A.  
**Fabrica de Productos  
Alimenticios "VIGOR"**

Rua Joaquim Carlos 178  
Tel.: 9-2161, 9-2162, 9-2163

Deutsche Färberei und chemische Waschanstalt  
**„Saxonia“**

Aufnahmestellen: Rua Sen. Feijó 50. Tel. 2-2396  
und Fabrik: Rua Barão de Jaguará 980. Tel. 7-4264



**S Ö N K S E N**

die Fabrik der feinen Schokoladen  
u. Bonbons bietet Ihnen die grösste  
Auswahl in Ostereier und Hasen,  
Phantasien aus Schokolade und  
Marzipan, Oster-Geschenkartikel  
aus Porzellan und Steingut usw.  
Oster-Geschenkartikel zu billigen  
Preisen

BEACHTEN SIE DIE AUSSTELLUNG  
IN UNSEREN FILIALEN:

Rua 15 de Nov. 112 (am Largo Theouso)  
Av. São João 223 (geg. der Post)  
Rua da Boa Vista 250 (neb. Hotel d'Oeste)

**Dres. Lehfeld und Coelho  
Dr. Walter Hoop**  
Rechtsanwälte  
São Paulo, Rua Libero Badaró Nr. 443,  
Telef.: 2-0804 - 2. Stock, Zim. 11 - 16 - Postfach 444

**„Zum Hirschen“ Hotel und  
Restaurant**  
Rua Victoria 186 - Tel. 4-4561  
São Paulo Inh.: Emil Russig

**Park-  
Garten-  
Landsitz-  
Neu-  
Anlagen  
Pflanz-  
sorgfältige, preis-  
werte Bedienung**

**Hans Kohl**  
Jardineiro  
Guarulhos  
Posta restante

**Dienst am Kunden!**

Jedem Wunsch nach Möglichkeit  
gerecht zu werden, ist Grund-  
idee unserer Organisation und  
unseres geschulten Personals.

**Banco Germanico**  
da America do Sul  
São Paulo

R. Alvares Penteado 121 (Ecke Rua Quitanda)  
Rio de Janeiro, Rua da Alfandega 5  
Santos, Rua 15 de Novembro 114

**Ostern muss man  
Backen**



und eine tüchtige  
Hausfrau lässt sich  
das auch nicht neh-  
men, denn sie weiss,  
wieviel Freude sie da-  
mit macht. Ausserdem  
darf sie auf ihre Kunst,  
gut Backen zu kön-  
nen, wirklich stolz sein.

Viele Anregungen zum  
Backen empfangen Sie aus  
„Dr. Oetker's Rezeptbuch“  
welches Sie in den besseren  
Lebensmittelgeschäften er-  
halten. Sie brauchen zum  
Backen Dr. Oetker's

**Backin (Fermento Allemão)**

Dr. Oetker's Vanillinzucker und „Farinha Baby“, feinstes  
Maisstärkepulver. Als Nachtisch servieren Sie einen der  
köstlichen Oetker-Puddinge.

Alleinhersteller in Brasilien:  
**WALTER HUSMANN, Nahrungsmittelfabrik**  
SÃO PAULO - CAIXA POSTAL, 2599

„Himmelseiten, das ist ja der Fogg-Josef!  
Da legst dich nieder! Gleich hab' ich die  
Hand frei. Weissst, so eine Buchen hat ein  
höllisches Gewicht. Und das muss man im-  
mer um Mittag machen, weil da der Tutschek  
beim Essen ist. Los, ihr Kadetten, wisst  
schon, was!“ orgelte er seinen Buben zu,  
die flink wie junge Dachse den Baum hin-  
ter das Haus schleiften, um ihn zu zerlein-  
ern. „Also der Josef. Bist es oder bist  
es nicht? Und pfeilgrad aus Amerika? Aber  
jetzt rein in die gute Stube; muss dich doch  
meiner Alten präsentieren. Das heisst, gar  
so alt ist sie nicht; es ist schon die zweite.“  
„Du bist noch ganz der frühere Fenzl.  
Immer Humor, was? Wieviel hast denn Kin-  
der?“

„Werden so Stücke zwölfe sein. Genau  
weiss ich's selber nicht. Man verliert allmäh-  
lich die Uebersicht!“, lachte der Fenzl. „Das  
Kleinste ist fünf Monate, der Aelteste wird  
auf Pfingsten neunzehn.“ Dem Fenzl seine  
Vorfahren waren aus dem Oesterreichischen  
zugewandert, aus Oeblaru an der Enns. Von  
ihnen hatte er das Raubvogelgesicht und seine  
kecken Manieren. Auch sonst stach er von  
den Eingewessenen ab. Er war redelustig,  
zu verrückten Streichen aufgelegt und von  
lockerer Lebensauffassung. Seine Buben waren  
ein Kapitel für sich. Ueber die Fenzlbaude,  
wie Tutschek die Familie am Dorfweilher  
gehässig getauft hatte, gingen eine Menge  
Geschichten um. Nach ihnen wären die Bu-  
ben die reinsten Teufel gewesen. Einmal hat-  
ten sie in einer rahenschwarzen Sturmnacht ein  
Leiterwagen auf Tutscheks Scheuer prak-  
tiziert, indem sie unter Mühe und Lebensge-  
fahr droben Teil um Teil zusammensetzten.  
Ein andermal hatten sie dem Pfarrer, weil  
er sie in der Predigt zusammenstauchte, das  
hölzerne Oertchen abmontiert und zum Gau-  
dium der Schellenberger aus dem Pfarrgarten  
auf die Büchlkamer Strasse getragen, wo es  
zweckwidrig die Gegend verschandelte, bis  
sich der Schreiner und der Mesnerpeter er-  
barmten und es wieder zurücktransportierten.  
Kurz, es schien durchaus nicht geraten, sich  
ihre Abneigung zuzuziehen.

„Da bring' ich einen Feldzugkamerad, So-  
fie. Unsern neuen Doktor. Gib ihm das  
Prätzel!“ schrie Fenzl beim Eintritt in die  
Stube.

„Mein Mann hat mir schon von Ihnen er-  
zählt“, kicherte die rundliche Frau.

„Hoffentlich nur Gescheites“, lächelte Fogg.  
„Was den Mannsbildern halt so einfällt,  
wenn man sie nicht unter der Fuchtel hat.“  
Sie trug ein Kind am Arm, und zwei weitere  
hingen an ihrem Rockzipfel. Die anderen  
aber, denn die bis zwölf war noch weit,  
standen durcheinander, starrten neugierig und  
verlegen und füllten die mittelgrosse Stube in  
erschreckendem Masse.

„Antreten in Linie, marsch, marsch!“ kom-  
mandierte der Fenzl, und das Chaos for-  
mierte sich. „Stillgestanden! So, Josef, jetzt  
kannst du sie in Ruhe anschauen; jetzt sind  
sie ungefährlich.“

Fogg lachte Tränen und beglückwünschte  
Fenzl zu diesem militärischen Drill.  
„Ja mei, was willst? Anders wirst der Ban-  
de ja nicht Herr. Sauber gewaschen, was?  
Wie die Orgelpfeifen, Weggetreten!“ Der  
Haufe verzog sich aus der Stube und helan-  
gerte draussen das Fenster. Fenzl nahm ein  
verstaubtes Rähmchen von der Wand, in dem  
eine vergilbte Photographie stak, die die  
Gruppe Fogg im Quartier zeigte. „Das wa-  
ren wir einmal, Josef. Schön war's doch.  
Bleibst zum Essen da? Es gibt Kartoffelknö-  
del und Sauerkraut; das Fleisch musst dir  
halt denken.“

„Ich dank' dir schön, ein andermal. Heut  
geht's nicht. Wir treffen uns am Abend in  
der „Sonne“. Wir müsse doch den Einstand  
feiern. Gel, du kommst?“

„Natürlich komm' ich. Erzählst uns dann  
von drihen. Wie ist's denn bei den India-  
nern? Haben sie auch saubere Dirndl? So  
eine Kupferbraune wär als Abwechslung nicht  
zuwider, was, Alte?“

„Du wirst auch deiner Lebtag nimmer ge-  
scheit“, brummte Frau Fenzl und ging aus  
der Stube.

„Jetzt hab ich's mit ihr verschüttet. Eifer-  
süchtig ist die, nicht zum Sagen! Aher sonst,  
alles, was recht ist, könnt' ich mich nicht  
beklagen. Sie ist eine gute Haut. Nicht so  
bissig wie die vom Ameiser oder so geizig  
wie die vom Kern. Was ich noch sagen will  
— gel, wenn du mich brauchst oder eins  
von den Kindern, wir sind immer da für  
dich. Jetzt am Anfang wird's einen Haufen  
zu tun geben.“

„Vergelt's Gott, Fenzl. Ist schon recht.  
Also am Abend beim Wirt!“

„Servus, Josef.“ — — —

Mit dem Eintreten des Postboten Ameiser  
war der „Beritt“ vollzählig. Der Postbote,  
ein schmächziger, bescheidener Mensch mit  
einem Gesicht, das ständig nach Kummer aus-  
sah, wurde von Fenzl mit Hallo empfangen  
und spöttisch gefragt, ob die Afra den Haus-  
schlüssel denn gutwillig herausgegeben habe.  
Der Ameiser lächelte verlegen. Ganz Schel-  
lenberg wusste, dass er unter dem Pantoffel  
stand und sein ältliches, zänkisches Weib eine

Höllenstrafe war. Wenn es gerecht zuge-  
nach dem Tode, musste der Ameiser nach dem  
letzten Schnaufer geradewegs die Fahrt in  
den Himmel antreten. Vielleicht wäre die  
Ameiserin weniger hart und sauer geworden,  
wenn sie Kinder gehabt hätte. Andere hatten  
Kinder, oft viel zuviel, und sie hatte keine,  
das war ihr Gram. Es war heute nicht leicht  
geworden, sie zu überzeugen, dass dieser  
Wirtschausbesuch eine Ehrensache war; aber  
Ameiser hatte ihn durchgesetzt. Fogg zuliebe  
wäre er sogar ohne Hausschlüssel gegangen;  
denn er hing an Fogg, der ihn draussen stets  
ein wenig unter seine Fittiche genommen hat-  
te. In seiner verhaltenen, leise besorgten Art  
hatte er all die Jahre her für den Abwesenden  
geschwärmt, und nun sass dieser leibhaftig  
da, hielt interessante Reden, und man durfte  
zuhören und Freibier trinken, soviel man  
wollte. Einen so guten Tag hatte der Amei-  
ser schon lange nicht mehr gehabt.

Der Wirt Kern stand von Zeit zu Zeit  
auf und füllte die Krüge nach. Er schau-  
kelte eine schwarze Virginia zwischen den  
Zähnen, und wenn er sass, quoll sein Bauch  
über die Tischplatte. Er war wie die anderen  
um die Vierzig herum, und es tat ihm wohl,  
dass wieder mal ein richtiger Betrieb am  
Stammtisch war, während sonst nur der  
Steuerbote dort sass oder einer vom Amtsge-  
richt und Papier vollkritzelte, anstatt zu trin-  
ken. Denn bei den Schellenbergern war seit  
Jahren das Geld rar, und sie gingen nur an  
hohen Festtagen in die „Sonne“. Kerns ma-  
gere Frau sass strickend am Nebentisch, und  
ihre zwei erwachsenen Töchter klabten Erb-  
sen in eine Schüssel. Kern war der Wohl-  
habendste im Ort, aber das machte der Vieh-  
handel und nicht etwa die Wirtschaft.

Fogg erzählte.  
Von den ausgewanderten Landsleuten, von  
Peru im allgemeinen und von Santa Agatha im  
besonderen. Er nahm schwer auszusprechen-  
de Worte wie Maniokwurzel, Kaziken und  
Mangroven mit einer Leichtigkeit in den  
Mund, als wären sie alltäglich und hinter  
jedem Schellenberger Gartenzaun zu finden.  
Er schilderte, wie drüben der Urwald durch  
Brennen gerodet wird, wie billig man den  
besten Boden bekommt und dass die Haupt-  
sache der Reis, das Zuckerrohr und die Farb-  
hölzer sind. Zwischenhinein streute er span-  
nende Anekdoten und Jagdabenteuer.

„Teifl, Teifl“, sagte der Fenzl ein über  
das andere Mal und zog aufgeregt sein  
Schmalzerglas. „Das ist ein Land, das lob'  
ich mir! Magst vielleicht auch ein Schnüpfel.  
Josef?“

Der Fogg nahm eine Prise und musste  
heftig niesen. Na, diese Anna wird ja schöne  
Augen machen, wenn sie das Taschentuch  
in die Wäsche hekommt! dachte er heklom-  
men; aber andererseits war doch eine diebische  
Freude dabei wie bei allen Männern, die  
etwas Verbotenes tun, etwa die Stiefel auf

das Sofa legen oder in vernachlässigter Klei-  
dung im Hause herumlaufen.

Der Fenzl tat einen tiefen Zug aus sei-  
nem Glas, um die Begeisterung hinunterzu-  
schwemmen. Und dann redeten und fragten  
sie durcheinander, und alle auf einmal —  
niemand wusste, wie — waren sie mitten im  
Krieg drin und mitten in den Erinnerungen.  
Den kannten alle, und nicht zu knapp. Und  
sie hieben einander auf die Schulter und freu-  
ten sich, dass er sie verschont hatte, und  
schämten sich insgeheim ein bisschen, dass ihr  
Zusammenhalten und ihre Frontkameradschaft  
im Lauf der Jahre etwas aus dem Leim  
gegangen war. Und es schien, als ob diese  
nur auf den verflorenen Gruppenführer Fogg  
gewartet habe, um wieder aufzuleben.

Fogg stiefelte missmutig über seine nasse  
Wiese. Ueber Nacht war der Weisselbach  
über die Ufer getreten und hatte die angren-  
zenden Grundstücke überschwemmt. Ein neuer  
Schlag für die betroffenen Schellenberger. Der  
Bach, ein Nebenflüsslein der Ilz, floss in  
normalen Zeiten gesittet zwischen den Wiesen  
dahin und war ein Labsal für Mensch und  
Tier. Sobald aber im Frühjahr der Schnee  
von den Bergen schmolz, benahm er sich  
unbotmässig und war nicht wiederzuerkennen.

Foggs Blicke glitten über die versaute Wiese  
hin, die voll Geröllbrocken und Schlamm lag.  
Plötzlich stutzte er. Stand da nicht eine junge  
Dame, einbeinig wie ein Storch und ziem-  
lich ratlos, in dem Gsodmair seiner Hecke  
und winkte? Fogg eilte hinüber. Seinen ge-  
fetteten Schuhen und Wickelgamaschen schla-  
dete ein bisschen Wasser nicht. Er hatte eine  
Lodenjoppe mit Hirschhornknöpfen an und  
sah wie ein Einheimischer aus.

„Wo fehlt's denn, Fräulein?“

„Ich habe mich verlaufen und finde nun  
nicht mehr heraus. Ich dachte, das Brücklein  
sei noch da, aber der Bach hat es mitgenom-  
men. Ich bin schon ganz nass“, sagte sie  
kläglich.

„Wart', ich trag' Sie heraus“, erwiderte  
er gutmütig und nahm sie kurzerhand auf  
seine Arme. Donner und Doria, dachte er  
dabei, das ist mal eine Hübschel! Hellbraunes  
Haar, blaue Augen, ein pikant geschnittenes  
Gesicht und gewachsen, dass es ein wahr-  
er Staat ist... bei der Erschaffung von der  
hat der liebe Gott eine extra gute Hand ge-  
habt! Mit starkem Genuß trug er dies Bün-  
delchen Wärme und Frau, das zart nach  
einem unbekanntem Parfüm duftete, ins Trok-  
kene und ertappte sich bei dem Wunsch, es  
noch ein wenig oben zu behalten. Aber das  
ging wohl nicht an.

**Dralle** Birkenwasser, das  
„nor plus ultra“ aller  
Haarpflegemittel

**„Sublime“**

die beste Tafelbutter

**Theodor Bergander**

Al. Barão Limeira 117, Telefon 4-0620

### Juckt es, dann niemals kratzen



das ist verlorene Mühe. Man muss zu einem unfehlbaren Mittel von bequemer und sauberer Anwendung, wie Mitigal es ist, greifen. Mitigal ist das weltbekannte, unersetzliche Mittel gegen Krätze, Hautjucken und andere parasitäre Hautkrankheiten. Beachten Sie also den Rat: Juckt es, dann niemals kratzen.

**Nimm Mitigal**

### Extra Fino



Rua das Palmeiras 274  
Tel. 5-4429

### Damen-Schönheits-Institut „ELSE“

Dauerwellen (elektrisch u. nicht elektrisch), Ondulation u. Wasserwellen, Maniküre, Färben u. Massage  
Rua Domingos de Moraes Nr. 84-c  
Telephon 7-5480

## Oficinas Olympia

führen jede Reparatur, Überholung und Reinigung an **Schreib- u. Rechenmaschinen**

aller Systeme sachgemäss aus.

Modern eingerichtete Werkstatt und wirkliche Fachleute bürgen für erstklassige Arbeit

**Schnell / Gewissenhaft / Preiswert**

Kostenanschläge unverbindlich



**Olympia Máquinas de Escrever Ltda.**

São Paulo Rio de Janeiro  
Praça da Sé 43 / Tel. 2-1895 Rua Beneditinos 21 / Tel. 43-6311



Ein neues Kleid trotz Sparsamkeit!

Jawohl, selbstgeschneidert nach Buntem Beyer-Schnitt! Hübsche Vorlagen, auch für Kleider aus zweierlei Stoff, Westen- und Balcrakleider, Blusenanzüge, Mäntel, Kostüme usw. im Beyer-Made-führer Herbst/Winter 1939/40. Bd. I „Damenkleidung“ mit ca. 270 bunten Modellen und Schnittbau, RM 1.60 \* Bd. II „Kinderkleidung“ RM 1.—.

Verlag Otto Beyer - Leipzig

Physikalische Apparate, Vermessungsinstrumente und Zubehör, feinmechanische Werkstätten

### OTTO BENDER

Rua Sta. Ephigenia 80 - Telefon 4-4705  
Zeichenmaterial A. Nestler, Lehr und Gebr. Hafl, Pfronten. - An- und Verkauf von gebrauchten Vermessungsinstrumenten.



Deutsche Edelstein-Schleiferei  
R. Kröniger

Größte Auswahl in gefärbten und ungefärbten Edel- und Halbedelsteinen

Rua Fabier de Toledo 54 (em frente da Light)  
Telephon: 4-1083 und privat 4-2240

### Farben - Lacke - Pinsel

und alle übrigen Bedarfsartikel für Hausanstrich und Dekoration

**Emilio Müller, R. José Bonifácio 114**

### Adolpho E. Müller & Cia.

Flor. de Abreu 172 Caixa postal 712  
Telefon 4-2617

Generatoren für Gleich- und Wechselstrom — Elektromotoren für alle Zwecke — Ventilatoren — Werkzeugmaschinen — Hebezeuge — biegsame Wellen usw. — Zubehör für elektrische Kühlrichtungen.

### Livraria Delinee

Älteste deutsche Buchhandlung  
Rua São Bento 541 - Caixa Postal 2-V São Paulo

Reichhaltigstes Sortiment. Bestellungen werden rasch und gewissenhaft ausgeführt.

### Hugo Lichtenthaler

Rua Aurora Nr. 135

Ältestes deutsches Möbelhaus

Grosse Auswahl in kompl. Zimmern u. Einzelmöbeln. Auch TAUSCH und KAUF von gebrauchten Möbelstücken

„Danke“, sagte die junge Dame freundlich.

„Oh, gerne geschehen! Schade um die armen netten Schuhe!“

„Ich glaube, das lässt sich wieder in Ordnung bringen.“

„Ihre Strümpfe müssen doch ganz feucht sein? Setzen Sie sich mal auf diesen Balken, er ist ganz sauber. So, und jetzt geben Sie mal den Fuss her.“ Er streifte, ohne viel zu fragen, den Schlangenhautschuh ab und rieb mit seinem Taschentuch den dünnen Strumpf leidlich trocken. Als er den zweiten mit einem abschliessenden Klaps aus der Behandlung entliess, riet er: „Am besten gehen Sie gleich heim und ziehen sich um.“

„Sie haben recht. Also vielen Dank nochmals und Grüsgott!“ Sie blieb noch ein paar Sekunden unschlüssig stehen, dann schritt sie rasch davon. Fogg starrte ihr nach, auf eine durchdringend süsse und beklemmende Art verzaubert. Aus Schellenberg ist die meiner Lebtag nicht, überlegte er. Eher vom Schloss. Vielleicht ein Besuch. Ich bin ein Esel, dass ich mich nicht vorgestellt habe; dann wüsste ich jetzt den Namen. Herrlich aufgestöbert und durcheinandergebracht trat er den Heimweg an.

Als er pfeifend die Haustür öffnete, staubte Anna gerade die Bilder ab. Eins stellte Napoleon auf St. Helena dar. Der Korse sah wie ein betrübter kleiner Krämer aus. Der mit der Steuerbilanz nicht zurechtkommt. Sie stand auf einer Leiter, und ihr kurzes Röckchen wippte vor Eifer.

„Hör mal, Anna, du bist mir zu fleissig. Du musst dich mehr schonen. Wenn du zusammenklappst, wie stehe ich dann da, du tüchtige kleine Hausfrau?“

Ihr Gesichtchen glühte vor Freude.

„Oh, ich bin zäh, Josi. Und ich tue es doch gern. Heute mittag gibt es Pfannkuchen. Eigentlich wollte ich ja Eisbein mit Sauerkohl machen, aber das hat nicht geklappt. Denk mal an, die hier kennen das gar nicht!“

„Kennen sie schon. Nur heisst das hier anders. Du musst Schweinshaxe und Sauerkraut verlangen. Na, diese Mundschwierigkeiten geben sich mit der Zeit. Vielleicht kannst du die Pfannkuchen bald machen? Ich habe einen schandbaren Hunger!“

„Sofort, Josi.“ Sie eilte in die Küche.

Diese Küche war ein richtiger Nagel zu ihrem Sarg. Ein alter Herd, der nicht recht zog, keine Wasserleitung, russige Töpfe, korinthisches Geschirr — wie sollte man da Freude am Kochen haben? Auch Fliegen gab es. Es war zum Herzen. Und Anna wollte doch alles so gut und schön wie nur möglich machen. Wegen Josi. Sie hatte eine schwärmerische Zuneigung zu ihm gefasst, man durfte schon sagen — Liebe. Was in Hamburg noch unklarer, unbewusster Drang gewesen war, brannte jetzt als verzehrende Flamme. Sie hatte noch nicht viel mit Männern gehabt und nichts Ernstliches. Einmal hatte sie der Jochen Brinkmann im Pitterschen Hansflur geküsst, und das Abenteuer hatte mit einer Mantelschelle geendigt, weil es ihr zu plötz-

lich gekommen war. Das war in Hamelskoog. Aber in Josi war sie stark und inständig verknallt. Er glied in jedem Punkt dem Helden in der „Blutgräfin Bathory“, und er war ihr einziger Freund auf der Welt. Josi hatte vorhin „tüchtige kleine Hausfrau“ gesagt, und das war ein gutes Zeichen.

Während des Essens begann sie plötzlich: „Ich brauche Haushaltsgeld, Josi!“

Fogg gab ihr einen Zwanzigmarschein und dachte sorgenvoll: Nun wird's aber höchste Zeit, dass ich zu Geld komme! Ich muss das Haus herrichten lassen, ich muss die ärztliche Einrichtung kaufen, und leben müssen wir schliesslich auch. Auch ein Motorrad sollte her oder noch besser ein kleines Auto; es braucht ja nicht neu zu sein.

Als Anna sich am Nachmittag an den Betten zu schaffen machte — so einen Garten hatte sie sich schon lange gewünscht — kam ein junger, flotter Herr an den Zaun und sagte:

„Sapperment, sind Sie aber fleissig! Die Salatpflänzchen würde ich an Ihrer Stelle etwas weiter auseinanderstecken. Ja, so ist's richtig. Kann ich vielleicht den Doktor Fogg sprechen?“

„Gewiss, das können Sie. Er ist zufällig daheim. Wen darf ich melden?“ Der Fremde gefiel ihr. Er hatte eine gertige Figur und an seinen blitzenden Reitschnebeln klingelten die Sporen.

„Den Schlossverwalter Tutschek. Sind Sie eine Verwandte?“

„Nicht gerade. Nur so für den Haushalt da. Ich bin die Anna.“ Während sie mit Tutschek ins Haus schritt, ging der Gsodmair-Martl vorüber und grüsste. Er hatte ein schiefes grünes Hüthen auf und ein Buchzweiglein im Knopfloch; er sah fast wie ein Städter aus.

Tutschek stellte sich Fogg vor. „Ich hörte, Sie wollten Ihren Wald verkaufen?“

„Wenn ich einen anständigen Preis bekomme, warum nicht? Nehmen Sie doch Platz, Herr Verwalter.“

„Was heisst heute anständiger Preis? Ich weiss nicht, ob Sie über den Grundstücksmarkt unterrichtet sind? Man bekommt heute das Zeug nachgeworfen. Wir haben nur deshalb für Ihren Wald Interesse, weil er günstig für das Schloss liegt.“

„Günstig, das stimmt. Und was für Prachtbäume! Buchen, Eichen, Ahorn. Mein Grossvater hat ihn gepflanzt. Was wollen Sie geben?“

„Viertausend Mark.“

„Da ist zuwenig, Herr. Das ist ja allein schon das Holz wert. Bis Sie so einen Wald finden, können Sie weit gehen.“

„Wenn Sie sich lieber an einen Holzhändler wenden wollen, bitte. Ich will Sie nicht drängen“, sagte Tutschek.

„Händler kommt nicht in Frage. Das Holz ist zu schade zum Schlagen.“

„Ich mache Ihnen noch einen anderen Vorschlag, Herr Doktor. Ich gebe Ihnen dreitausendfünfhundert in bar und die Kuhleiten dazu. Dann haben Sie gleich wieder Grund-

und Boden. Lassen Sie gelegentlich mit Föhren aufforsten. Das sind dankbare Bäume. Dann haben Sie Geld und einen neuen Wald dazu, sogar dicht beim Haus.“

Fogg kennt die „Kuhleiten“ genau. Es sind anderthalb Hektar dürrer Grasboden, ganz in der Nähe. Er weiss auch, warum Tutschek ihn abstossen will. Er liegt ziemlich weit ab vom Schloss, zwischen den Schellenberger Viehweiden, und häufig verlaufen sich fremde Kühe auf den fürstlichen Besitz und fressen das bisschen Gras weg.

„Ein merkwürdiger Tausch, Herr Verwalter. Das muss ich mir schon noch sehr überlegen. Ist das Ihr letztes Wort?“

„Mein letztes. Weiter zu gehen, bin ich nicht befügt. Ueberlegen Sie sich's, bitte, aber nicht zu lange. Denn wir haben noch ein anderes Objekt an der Hand, und Bargeld ist heute knapp.“

„Gut, ich sage Ihnen so bald wie möglich Bescheid“, erklärte Fogg und geleitete den Verwalter zur Tür. Die Verabschiedung war gemessen, fast kühl. Fogg mochte den Mann nicht. „Anna, führe den Herrn hinaus! Guten Tag, Herr Tutschek.“

Fogg hörte noch, wie Tutschek der Anna ein paar Schmeicheleien sagte, dann ging er zurück ins Wohnzimmer. So ein gerissener Hund! 3500 und die Kuhleiten... Der will ja schön einsteifen! Zornig zog Fogg seine Windjacke an und machte sich fertig zum Ausgehen. Er hatte vor, das in Betracht kommende Grundstück sogleich zu besichtigen.

Fogg wanderte zunächst einmal durch seinen eigenen Wald. Es war wie ein Abschied. Dieser Wald, das einzig Wertvolle an der ganzen Erbschaft, war nicht zu halten. Ob nun Tutschek der Käufer war oder ein anderer, blieb sich gleich. Fogg kannte alle grossen Bäume, und keiner fehlte. Schön von den Schellenbergern. Der Schmiedemeister Kilian Fogg hatte nie zugelassen, dass einer von den Bäumen umgemacht wurde, mochte es manchmal auch schmal hergehen im Fogg-haus. Aber jetzt, wo es galt sich als Arzt niederzulassen und der bedrängten Heimat zu helfen, durfte man vor solch sentimentaln Bedenken nicht haltmachen. Fogg brauchte dringend Geld, sogar ziemlich viel Geld. Die Hamburger Behörde liess nichts von sich hören, also blieb nur der Wald. Das Stückchen Wiese, die alten Möbel und das Haus zählten nicht.

Fogg kehrte dem Wald den Rücken und stieg gegen das Dorf zu abwärts. Frühe Blumen schmückten den Wegrain, Löwenzahn, Tausendschönchen und das sanfte Gelb der Himmelschlüssel. Manchmal war auch Krokus da, weiss und blau und lila. Ein wenig Sonne schien, und ein gefefferter Wind kam von der böhmischen Seite her. Die Berge, nicht eben hoch, aber blaugrün bewaldet, standen klar und mit festen Umrissen in der Ferne. Ein voreiliger Falter gaukelte über den Weg, und es war anzunehmen, dass ihn fror. Nun war Fogg bei der Kuhleiten angelangt.

Ein trauriges Stück Boden, dachte er. Spärliches, hartes Gras, zuviel steiniger Sand, zu wenig Humus. Ob Föhren hier fortkämen, schien zweifelhaft. Der Tutschek nahm eben den Mund voll. Und hinterher sass man da mit dieser Streusandbüchse. Am Rand der Kuhleiten lag eine nicht sehr tiefe Grube. Wahrscheinlich hatte jemand versucht, hier Steine zu brechen, aber es wieder aufgegeben, weil ihm das Material zu schlecht und zu bröselig war. Fogg kletterte hinab. Das Gestein, verwitterter Gneis, war von einer nur dünnen Humusschicht bedeckt. Das erklärte auch die Unfruchtbarkeit dieses Jaunerbodens.

Plötzlich aber machte Fogg eine Entdeckung.

In den Gneis waren massenhaft dunkelgraue Adern und Aeste eingesprenkt, weiche kristallinische Schnüppchen, die er von Ceylon her kannte. Teufel, das war doch Graphit! Zur Sicherheit rieb er mit dem Finger darüber, und dessen Kuppe wurde ganz grau und glatt. Fogg wälzte einen der herumliegenden Blöcke auf die Kehrseite. Wieder Graphit. Es war zu vermuten, dass das Material in tieferen Lagen noch reichlicher und besser war. Hui. Auf der Kuhleiten kam also Graphit vor, uci, so was... könnte man vielleicht ausbenten, wie?

Der Gedanke biss ihn förmlich ins Genick, liess ihn nicht mehr los und machte ihn ein bisschen wirbelig vor Aufregung. Herrgott, das wäre eine Möglichkeit! Die Zigarette verbrannte ihm den Finger, er warf sie weg und kletterte wieder nach oben. Nicht zu früh freuen, sonst wird es bestimmt nichts, gab er sich selbst einen Dampf. Reichlich traumverloren ging er heim und schickte sogleich zu Fenzl.

„Ja, Josef? Was ist denn los?“

„Du musst mir einen Gefallen tun, Fenzl. Also hör zu, Du und deine zwei ältesten Buben, ihr geht heute nacht auf die Kuhleiten und macht, was ich sage: An drei oder vier

### Existenzkampf und Alltag

Der eine wie der andere stellen von Tag zu Tag grössere Ansprüche an jeden Einzelnen von uns. Wer in seiner geistigen und körperlichen Spannkraft anfängt fühlbar nachzulassen, wird ausgeschaltet, um dem Leistungsfähigeren Platz zu machen.

Soweit darf es niemand kommen lassen, der nach vorwärts strebt. Wenn die Anforderungen an Geist und Körper gross sind, besonders hierzulande im subtropischen Klima, dann muss man eben wenigstens jährlich einmal etwas Ausserordentliches für seine Gesundheit tun. Den Nerven gibt man neue Aufbaustoffe durch eine Kur mit Tonofosfan. Diese hochwertige, organische Phosphorverbindung schafft den so notwendigen Kräfteausgleich. Tonofosfan, ein Bayer-Produkt, erhöht das körperliche Wohlbefinden und stärkt die Nerven.



**Bund der schaffenden Reichsdeutschen**

União Beneficente e Educativa Alemã  
RIO DE JANEIRO

Am **OSTERSONNTAG** grosses

## GARTEN-KONZERT

im Deutschen Haus Nictheroy

Es spielt unser Orchester unter Leitung seines Dirigenten  
Herrn Hering



**DIE NÄHMASCHINE  
FÜR JEDEN HAUSHALT**

Agenten an allen Plätzen

**THEODOR WILLE & CIA. LTDA.**  
AVENIDA RIO BRANCO 79/81 RIO DE JANEIRO

### OTTO MEISTER

Rua Buenos Aires Nr. 84 / Telefon 23-4772  
Telegr.: „ENSINO“ / RIO DE JANEIRO  
Filiale: Praça Patriarcha, 8, 8.º and. / S. PAULO  
Lehrmittel für Gymnasien u. wissenschaftliche Institute - Konstruktion - Chemie  
Naturgeschichte - Geographie  
Konstruktion und Reparatur von Präzisionsinstrumenten

### Deutsches Heim, Rio de Janeiro

Rua 7 de Setembro 140 - 1. Stock  
Tel. 42-3601

Mittag- und Abendtisch auch nach der Karte  
Stets frischer Schoppen - Reichhaltige Getränke

### URCA - RIO

Bar und Restaurant  
**TABAJARAS**

An der Praia gelegen, herrliche Aussicht auf die Bucht  
Deutsche Spezialplatten / Endstation der Omnibus-  
linien 13 und 41 / Telefon: 26-1145

### Bar und Restaurant VICTORIA

Rua 1.º de Março 33 - Tel. 23-4347  
Besitzerin: Wwe. WILLY HARDT

MITTAG- UND ABENDESSEN  
1.ª Küche Brahma-Chopp  
Verkehrslokal des Kythäuser-Bundes

Dipl. Ing.  
**ARNOLD BRUNE**

Engenheiro Civil

Escritorio: Rua General Camara 20 / 3. Stock  
Tel.: 23-0951

Bauberatung  
Statische Berechnungen

Spécialität:

Fabrikbau  
und weitgespannte Hallen  
in Holz, Eisen und Beton  
Wasserschürfungen  
Brunnenbau, Wünschelrute

Bar und Restaurant **Fischerklause** Rua Th. Ottoni 126  
RIO - Tel. 43-5178  
Deutsche Küche - Brahma-Chopp  
Inhaber: Fritz Schaade

Rio=  
**Besucher**

befucht

**DANUBIO AZUL**

Avenida Niem de Sá 34

Telefon 22-1354

Prima Küche

Täglich Konzert  
3m ersten Stod Tanz

## BAR ALPINO

RIO DE JANEIRO / Rua Gustavo Sampaio 115  
Avenida Atlantica Nr. 142 / Telephon: 47-0939

Angenehmer Aufenthalt / Bayrische  
Stimmungsmusik / Erstkl. Bar- u. Restau-  
rations-Betrieb / Ww. Karoline Krips

## Casa Germania

RESTAURANT UND BAR  
**GEORGIE FUCHS**

SPEZIALITÄT: Mittag- und Abendessen  
Aufschnitt

RUA DOMINGOS FERREIRA, 220 — RIO  
(Ecke Barão de Ipanema)

Geöffnet bis 1 Uhr nachts — Telephon 47-0805

## Dr. Fridel-Schöpfe

Säuglings- und Kinderarzt. Moderne Be-  
handlung der Ernährungsstörungen (Brech-  
durchfall, Blutarmut, Tuberkulose und Haut-  
krankheiten, Ultraviolet-Strahlen).

Consultorio: Rua Miguel Couto Nr. 5  
von 2-5 Uhr. Tel. 22-0713. — Wohnung:  
Tel. 22-9930

Preiswert **Kölnisch Wasser** Erstfrischend

das beliebte Qualitätsprodukt der

**Deutschen Apotheke - Rio de Janeiro**

Rua da Alfândega 74 - Tel. 23-4771

Haut- und Geschlechtskrankheiten

## Dr. Paul Cardozo-Legène

in Deutschland ausgebildeter und approbierter Arzt

Rua Alcido Guanabara 15, 4. Stock

Telephon 22-0912

Sprechstunden: 9-12 und 3-6

Samstag: 9-11 und 12-3 Uhr

verschiedenen Stellen hebt ihr Löcher aus,  
und zwar so tief, bis ihr auf den Fels kommt.  
Von dem haut ihr mit dem Pickel ein paar  
Brocken ab und bringt sie mir. Gesteins-  
proben, begreift du? Ich habe in dem auf-  
gelassenen Steinbruch nämlich Graphit gefun-  
den, die Masse, wie sie in den Bleistiften  
steckt, und möchte herauskriegen, ob auch  
an anderen Stellen auf der Kuhlzeiten Graphit



*Der Sonnenschein  
des Hauses*

ist ihr Kind, wenn es sich  
guter Gesundheit erfreut.  
Aber was ist, wenn eine  
Diarrhoe ihr Kind quält.  
Dann müssen Sie sofort zu  
den bewährten Eldoformio-  
Tabletten, dem Erzeugnis  
der Firma „Bayer“ greifen.

Vergessen Sie  
niemals: Gegen **BAYER**  
Diarrhoe stets

**Eldoformio**  
Tabletten  
die sowohl Kindern  
wie Erwachsenen helfen.

vorkommt. Aber ganz heimlich müsst ihr das  
machen, und der Tutsche darf beileibe nichts  
spannen; überhaupt Maul halten, schärfe das  
deinen Buben ein. Lässt sich das machen?  
„Wäre nicht übel. Wenn's weiter nichts  
ist! Wir müssen halt hübsch still sein, und  
etliche von meinen Fratzen stell' ich als Horch-  
posten im Umkreis auf. Die Grasdecke he-  
ben wir sauber ab und pflastern sie nachher

wieder darauf. Heut schon. Aber wozu —?“  
„Frag' nicht lang. Später sag' ich dir's  
schon. Am liebsten ginge ich selber mit.  
Aber ich möchte mich nicht auf seinem Grund  
erwischen lassen.“

„Du, was ich noch sagen möcht', eine ap-  
petitliche Hauserin hast du dir da angeschafft;  
die wär' schon eine Todsünd' wert. Und ich  
hab' immer gemeint, du hast so eine Schiache  
wie unser geistlicher Herr“, grinste der Fenzl.  
„Lass mir die Anna in Ruh; das ist ein  
braves Mädel.“

„Die darfst gut einsperren, hörst. Wenn  
unsere Burschen das erst heraushaben, laufen  
sie dir das Haus nieder.“

„Mit der Kuhlzeiten kann ich mich also  
verlassen?“

„Wie auf das Fegfeuer“, versicherte der  
Fenzl. — — —

Gegen vier Uhr früh rückte er mit seinen  
Buben bei Fogg an. Jeder trug einen schwe-  
ren Rucksack, den er im Wohnzimmer pol-  
ternd entleerte.

„Aber, Fenzl, du Uhu, das ist ja ein ganzes  
Gebirge, was ihr da anscheipft!“ stotterte  
Fogg, von immer neuen Steinhäufen bedrängt,  
deren Ausläufer bis an seine Füße hranden-  
ten.

„Lieber zuviel als zuwenig, Josef, hab' ich  
mir gedacht. Klau' jetzt aus, was du brauchst.  
Den Rest schmeissen wir in den Dorfweier.  
Und meine Buben sind stumm wie die Karp-  
fen, da kannst Gift drauf nehmen.“

Nachdem Fogg die halbe Nacht an Hinwar-  
ten und Ueberlegen vergeudet hatte, fuhr er  
am Morgen nach München. Er besass in  
derlei Lagen eine rasch zupackende, eisenharte  
Art, die über Zweifel und Widerstände ein-  
fach hinwegschritt. Dort empfing ihn mittäg-  
licher Hochbetrieb. Geschäftige Menschen he-  
völkerten die Strassen und schritten unbekan-  
nten Zielen zu. Nachdem Fogg am Haupt-  
bahnhof seinen Rucksack hinterlegt hatte, ging  
er in einen Laden für Aerztebedarf, stellte sich  
vor, suchte an Hand von Katalogen viele  
nickelhlitzende Instrumente aus, ferner das Nö-  
tigste an Sprechzimmer-einrichtung und bat,  
alles zusammenzupacken und ihm auf telepho-  
nischen Anruf hin als Nachnahme zu schicken.  
So war das erledigt.

Sodann sah Fogg sich in einem Autoge-  
schäft gebräute Kraftwagen an und ent-  
schied sich für einen dunkelgrünen Zweisitzer.  
Der Wagen war recht mitgenommen, voll  
Schrammen, das Trittbrett verbeult und ver-  
wetz; auch klapperte die Motorhaube in stö-  
render Weise. Das waren Aeusserlichkeiten.  
Aber der Motor, das Herz und die Seele ge-  
wissermassen, war nach den Beteuerungen  
Herrn Windhackls gut, nein, prima. Hand-  
schlag, abgemacht.

„Sie stellen mir den Wagen also zurück?“  
„Sie können ihn gleich mitnehmen. Bin froh,  
wenn die Garage leer wird, Herr Doktor.“

„Aber ich kann ihn augenblicklich nicht  
bezahlen.“

„Tut nichts. Ich gehe Ihnen vier Wochen  
Zeit. Die Adresse habe ich ja“, sagte Herr  
Windhackl wohlwollend. Er war ein Mann

von Menschenkenntnis und von raschen Ge-  
schäften. Auch waren 250 Mark keine welt-  
erschütternde Summe.

Fogg setzte sich, ein wenig bedudelt von  
so viel Erfolg, hinter das Steuer, trat auf  
den Gashebel und knatterte los. Schlecht ge-  
schlafen, zwei Stunden Fussmarsch zur Bahn,  
harte Holzklasse im Zug — wer freut sich  
da nicht auf eine weiche Sitzgelegenheit im  
eigenen Auto? Fogg repetierte im Geist noch-  
mal die Verkehrsvorschriften, einen überfah-  
renen Radfahrer konnte er jetzt nicht brau-  
chen, und zuckelte aus der Augustenstrasse in  
die Gabelsberger. Kein Laden, kein hübsches  
Mädchen vermochte seine Blicke abzuziehen;  
er benahm sich ganz als braver Staatsbürger  
und vorsichtiger Autolenker. Dann hinterstellte  
er den Wagen mit Besitzergefühlen im Hof  
der Technischen Hochschule, umkreiste ihn  
erst noch einmal — Benzinbahn zu? Licht  
aus? Reifen in Ordnung? — und fragte einen  
vorübergehenden Laboratoriumsdieners nach  
Herrn Ighaut.

Es war ein bisschen schwierig, diesen Herrn,  
einen gebürtigen Schellenberger und jetzigen  
Angestellten, in dem weitläufigen Gebäude  
zu finden, aber es gelang.

„Also, Herr Ighaut, es handelt sich um  
folgendes: Sie kennen doch sicher die sämt-  
lichen Herren hier? Nennen Sie mir, bitte,  
einen, der mit der Analyse und Werthstim-  
mung von Gesteinsproben, zumal von Graphit-  
erz, Beschcid weiss. Ich wäre Ihnen wirk-  
lich dankbar.“

„Solche gibt es mehrere. Am besten wen-  
den Sie sich an Herrn Doktor Dolschi, Er-  
ster Stock, Tür 17. Ich glaube, das ist Ihr  
Mann. Wollen Sie den Rucksack nicht bei  
mir lassen?“

„Sehr freundlich, aber den brauche ich ja.  
Vielen Dank.“

„Nichts zu danken.“

Fogg machte sich auf den Weg. Es kam  
ihm selber ein wenig lächerlich vor, wie er  
mit einem prallgefüllten gewöhnlichen Ruck-  
sack durch diese feierlichen Gänge wandelte.  
An der Tür von Zimmer 17 war eine Visi-  
tenkarte befestigt: „Dr. ing. Heinrich Dolschi,  
Privatdozent“. Fogg klopfte an, öffnete und  
sah sich einem Herrn gegenüber, der weniger  
wie ein Wissenschaftler denn ein Sportlehrer  
ausschaute.

„Ich hitte um eine kurze Unterredung, von  
der sehr viel abhängt“, sagte Fogg und stellte  
den Rucksack neben sich auf den Stuhl. Dr.  
Dolschi war leicht hetreten, weil er nicht  
wusste, was der Rucksack bedeuten sollte.  
Aber er lud Fogg höflich ein, Platz zu  
nehmen.

„Mein Name ist Fogg. Ich bin Arzt und  
komme aus dem Dorf Schellenberg. Das liegt  
irgendwo hinter Passau. Schellenberg ist ein  
armer Ort, vielleicht der ärmste im ganzen  
Bayerischen Wald. Die Leute dort hungern  
und verkommen, wenn man ihnen nicht bald  
hilft.“

Was hat das mit mir zu tun? dachte der  
andere ratlos. Er hörte wohlgezogen und  
günstigen Hauptes zu und betrachtete ange-  
spannt Fogg's Gesicht, das ihm gefiel. Es  
war etwas Kühnes darin, etwas Verlässliches  
und etwas von Willenstärke. Diese Sorte Ge-

sichter kannte er von seinen Bergfahrten her  
und liebte sie. Dolschi nickte, als wollte  
er damit ausdrücken: Sprich nur weiter; ich  
bin ganz Aug' und Ohr.

(Fortsetzung folgt.)



„Wat möchtest lieber sein, Schipper oder  
Regimentstompeter?“

„Det is doch eja! Mensch, wenn ick die  
Schippe in die Hand nehme, jibt et Schwie-  
len, und wenn ick die Trompete ansetze, jibt  
et Blasen.“

Der nie in Verlegenheit zu bringende, mit  
unverwüstlichem Humor gesegnete Kanonier  
Fritz Bolle hat trotz strengen Verbotes ei-  
nen gerupften Hahn im Kasten. Des Wacht-  
meisters unfehlbare Nase hat selbigen ent-  
deckt. Das Beweisstück in der Rechten wen-  
det er sich wütend an Bolle: „Was ist das  
— Bolle?“ „Ein — ein — feindlicher Spion!“  
„Willste mich etwa noch veräppeln —  
he?“

„I wo,“ sagte Bolle, „ick habe es doch  
janz deutlich gehört. Als unsere Batterie auf-  
fuhr, flog det Biest aufs Dach und krächte  
so laut, dass es der Feind hören konnte:  
„Ar... tulle... riiii“. — Da habe ick den Spion  
unschädlich jemacht!“

„Mein Kamerad, der Gefreite Hein, sollte  
einen Oberleutnant photographieren,“ berich-  
tet Wep, „darauf entspann sich folgendes  
Zwiesgespräch:“

Oberleutnant: „Na, schon wieder so'n Holz-  
kopf von Photograph!“

Gefreiter Hein: „Jawohl, Herr Major!“

Oberleutnant: „Bin kein Major!“

Gefreiter Hein: „Und ich bin kein Holz-  
kopf, Herr Leutnant.“

Ein Bäuerlein kommt von weit her zu sei-  
nem schwerkranken Bruder ins Krankenhaus.

Eine Stunde spricht er ihm Trost zu. Zum  
Abschied sagt er:

„Also pfüat di Gott, Sepp, und zur Leich-  
kumma dann eh alle!“

# Aus der großdeutschen Wirtschaft

Das am 11. Februar in Moskau unterzeichnete Wirtschaftsabkommen mit Russland setzt die Tradition der deutsch-russischen Wirtschaftsbeziehungen aus der Zeit vor 1914 fort. Schon damals nahm Deutschland ungefähr ein Drittel der gesamten russischen Ausfuhr ab und lieferte Waren im Umfange von etwa der Hälfte der russischen Einfuhr. In den Jahren 1931—33 bezifferte sich die Ausfuhr Deutschlands nach der Sowjetunion auf über 40 vH. von deren Einfuhr, während die russische Ausfuhr nach Deutschland einen entsprechenden Umfang erreicht hatte. In den folgenden Jahren verringerte sich dann der wechselseitige Warenaustausch fast auf Null. Wenn auch begreiflicherweise Einzelheiten des neuen Abkommens nicht veröffentlicht worden sind, so ist doch soviel bekannt geworden, dass der beiderseitige Warenumsatz den Wert von 1,2 Milliarden RM weit übersteigen wird. Es ist weiterhin bekannt, dass Russland mit seinen Lieferungen an Lebensmitteln und Rohstoffen bereits begonnen hat und dass ein eingehendes Lieferungsprogramm deutscher Industriewaren auf Grund russischer Bestellungen vereinbart worden ist. Man kann ohne jede Uebertreibung sagen, dass das neue Abkommen als deutlicher Ausdruck der veränderten politischen Beziehungen zwischen den beiden Grosstaaten in seiner Bedeutung von keinem Wirtschaftsabkommen der Jahre nach 1918, auch nicht von dem Ottawa-Abkommen Englands, übertroffen wird. Es macht für die Gegenwart die Wirtschaftsblockade der Westmächte gegenüber Deutschland endgültig illusorisch und es eröffnet für die Zukunft ungeheure Perspektiven eines wachsenden Warenverkehrs zwischen Berlin und Moskau. Die Möglichkeiten der wirtschaftlichen Erschliessung Russlands unter deutscher Mitwirkung, die Schaffung eines gewaltigen geschlossenen Absatzgebietes für Lebensmittel, Rohstoffe und Industriewaren verlagern für Deutschland endgültig das wirtschaftliche Schwergewicht nach dem südöstlichen und östlichen Kontinent. Die gleiche Bedeutung hat das Abkommen, das erst die neue Phase der beiderseitigen Wirtschaftsbeziehungen einleitet, für Russland, das nunmehr seinen wichtigsten Lieferanten qualifizierter Industrieprodukte vor der Tür hat. Für Kontinentaleuropa leitet das Abkommen vom 11. Februar eine neue Ära der wirtschaftlichen Entfaltung ein.

Die Kriegsparole für die deutsche Landwirtschaft hat Generalfeldmarschall Göring in einer Rundfunkrede in die beiden Ziele zusammengefasst: jeden Hektar Landes zu bebauen und höchsten Ertrag zu erzielen. Die Verwendung von polnischen Landarbeitern hilft dabei eines der schwierigsten Probleme der Landwirtschaft in Deutschland lösen; das seit Jahren immer dringender gewordene Problem wachsenden Landarbeitermangels.

Ueber die Fortschritte der deutschen Textilindustrie auf dem Gebiete der Kunstfaser veröffentlichte die deutsche Presse hochinteressante Berichte. Insgesamt wird die deutsche Spinnfaserverzeugung aus eigenen Mitteln 75—100 vH. des Kriegsbedarfs decken können. Neben dem weiteren Ausbau der Spinnfaserverzeugung aus Zellstoff geht das Bestreben der Chemie vor allem auf die Herstellung einer vollsynthetischen Spinnfaser aus Kohle und Kalk. Wie prompt die Chemie den neuen Anforderungen des Krieges auch auf diesem Gebiete zu antworten vermag, ergibt sich aus der Tatsache, dass der Landwirtschaft bereits für die Ernte 1940 ein synthetisches Bindegarn zur Verfügung gestellt werden kann, das an Stelle des ausländischen Sisalhanfes tritt. In immer stärkerem Masse wendet sich das Interesse anderen Rohstoffen neben dem Holz zur Produktion von Spinnfasern zu. Ein solcher in enormen Mengen in Deutschland anfallender Rohstoff ist das Kartoffelkraut. Aus dem „Solanum“ genannten neuen Erzeugnis konnten der Öffentlichkeit bereits hergestellte vollwertige Stoffe gezeigt werden. Ein weiterer inländischer Rohstoff ist das Schilf, das bereits in Italien mit Erfolg als Ausgangsprodukt für künstliche Textilfasern verwandt wird und das jetzt auch in Deutschland als Faserrohstoff systematisch angebaut werden soll, wofür in dem Reichtum an Flüssen und Seen günstige Voraussetzungen vorliegen.

Die schon seit Jahren geförderte Leistungssteigerung der deutschen Industrie hat — wie schon im Weltkrieg 1914—18 — auch durch den heutigen Krieg einen gewaltigen neuen Impuls erfahren. Nach Tempo und Intensität werden die staatlichen Pläne durch die Erfordernisse der Kriegswirtschaft in gewal-

tigem Ausmasse gefördert. So werden in der nächsten Zeit mehrere Hundert Normen neu eingeführt werden, auch die Typenherstellung wird beträchtlich erweitert werden. Die zu lösende wichtigste Aufgabe liegt aber auf dem Gebiete einer Hebung der Leistungsfähigkeit der kleinen und mittleren Industriebetriebe. Gerade hier herrschen zum grossen Teil noch veraltete Produktionsmethoden, wird nicht mit modernen Maschinenanlagen gearbeitet. Da sich die staatliche Wirtschaftsführung das Ziel gesetzt hat, die industrielle Produktion auf breiter Basis aufzubauen, aus den in Deutschland vorhandenen Produktionsstätten vom grössten bis zum kleinsten Betrieb gewissermassen eine einheitliche, gigantische Produktionsstätte zu machen, so ist die Rationalisierung gerade der noch rückständigen Betriebe mit Energie in Angriff genommen worden. Ein wichtiges Mittel sind die vom Reichskuratorium für Wirtschaftlichkeit ausgebildeten Ingenieure, die den mittleren und Kleinbetrieben als technische Berater zur Seite stehen.

Eine ausserordentlich bedeutungsvolle Neuerung auf dem Gebiete der wirtschaftlichen Selbsthilfe ist der Plan der Werkerhaltungs-

hilfe. Im Export hat die Industrie bereits seit Jahren eine Selbsthilfe zur Verbesserung der Wettbewerbsverhältnisse für deutsche Produkte auf ausländischen Märkten mit bestem Erfolg durchgeführt. Das gleiche Prinzip soll jetzt auf ein durch den Krieg hervorgerufen Problem Anwendung finden. Die Umschaltung der Wirtschaft auf die Kriegsproduktion hat für verschiedene Zweige der Industrie, z. B. in der Textilindustrie, umfangreiche Stilllegungen zur Folge gehabt. Daraus erwuchs die Aufgabe einer Aktion zur Erhaltung der Substanz solcher Betriebe, damit sie bei Friedensschluss ihre alte Produktion wieder aufnehmen können. Der Teil der Industrie, der durch den Krieg in seiner Produktion erhalten und gefördert wird, soll nun im Wege einer Gemeinschaftsverpflichtung finanziell den benachteiligten Betrieben das Durchhalten ermöglichen. Einzelheiten dieses wahrhaft genialen Projektes dürften bereits in nächster Zeit bekanntgegeben werden. Auch aus diesen Angaben ergibt sich der weite organisatorische und produktionstechnische Vorsprung der deutschen Kriegswirtschaft vor der noch völlig chaotischen Kriegswirtschaft Englands und Frankreichs.

## Finanzen im Krieg

Es gibt einen alten Satz, dass Kriege an finanziellen Schwierigkeiten nicht verloren werden. Diese von Militärseite stammende Anschauung setzt aber voraus, dass das Schwergewicht der gesamten Volkswirtschaft in die Waagschale geworfen wird, dass die betroffene Nation einen totalen Krieg führt und in absoluter Geschlossenheit hinter der Führung steht. Unter diesen Gesichtspunkten ist nicht zu bestreiten, dass die durch jeden Krieg entstehenden enormen zusätzlichen Ausgaben wenigstens während der Dauer der Verwicklungen zu keinen Besorgnissen Anlass zu geben brauchen. Diese unerlässlichen Voraussetzungen sind aber nur in ausserordentlich wenigen Fällen erfüllt. Wer nüchtern im gegenwärtigen Kriege die Entwicklung zum Beispiel der deutschen Wirtschaft verfolgt, wird feststellen, dass einmal die allgemeine deutsche Lage und zum anderen die straffe Organisation des gesamten öffentlichen und privaten Wirtschaftslebens Vorbedingungen erfüllen, die im Weltkriege noch undenkbar erschienen. Die Deutschen haben es in der Tat fertig gebracht, die Preise für die wichtigsten Verbrauchsgüter stabil zu halten. Auf anderen Sektoren ist es zu Erhöhungen gekommen. Man kann aber wohl an-

nehmen, dass hier ein „gewollter“ oder wenigstens „geduldeter“ Vorgang sich abzeichnet. Noch eigenartiger muss den Betrachter berühren, dass der Staat offenbar bewusst auf die Möglichkeiten verzichtet, die sich für ihn am Kapitalmarkt eröffnen. Jahrelang hat das Reich durch eine strenge Kontrolle der zur Ausgabe gelangenden Emissionen die Spargelder aufgesaugt und in Staatsanleihen festgeschrieben. Seit Kriegsbeginn jedoch wurde auf diese Möglichkeit verzichtet, obgleich der Geldmarkt an der Berliner Börse in einem solchen Zustand der Geldflüssigkeit war, dass die niedrigsten Zinssätze seit mehr als 10 Jahren erreicht wurden. Die deutsche Volkswirtschaft hat sich gewissermassen hermetisch von der Aussenwelt abgeschlossen. Sie konzentriert alle Kräfte auf den Sieg. Sie treibt Aussenhandel, wo es möglich ist. Aber diese Tatsache kann nicht darüber hinwegtäuschen, dass das Wort das Richtige trifft, das kürzlich einmal die französische Havas-Agentur gebrauchte, als sie erklärte, Göring — der oberste Leiter der Kriegswirtschaft — wolle aus Deutschland „eine Kaserne — eine Fabrik — eine Küche“ machen.

Während seit dem Weltkrieg infolge der Enteignung des deutschen Vermögens im Aus-

lande die Angriffsflächen auf Kapital, wirtschaftlichen Einsatz usw. nicht mehr bestehen und das Reich dadurch von seinen Gegnern selbst gezwungen wurde, sich auf sich selbst zu beschränken und nach Möglichkeit gerade in finanzieller Hinsicht autark zu werden, ist bei England genau der umgekehrte Fall gegeben. England hat ausserhalb seiner Insel sehr viel zu verlieren. Jede verkaufte Aktie von ausländischen Unternehmungen verringert den wirtschaftlichen Einfluss in der Welt und vermindert den Eingang der zum Ausgleich der Zahlungsbilanz so dringend benötigten Zinsen. Jede Preiserschütterung schlägt dem englischen Handel Wunden, dem Handel, der lebenswichtig für England ist, während er für Deutschland lediglich eine ergänzende Rolle spielt. Dieser Tatbestand wird am besten dadurch gekennzeichnet, dass der englische Einfuhrüberschuss in Friedenszeiten grösser ist als die deutsche Gesamteinfuhr. Es sind daher Alarmzeichen, wenn man in London Auslandswertpapiere der Privatpersonen beschlagnahmt, wenn Minister von Inflation sprechen und wenn ein so angesehenes Wirtschaftsblatt, wie der Londoner „Economist“ in seiner Ausgabe vom 5. Januar wörtlich ausspricht, dass ernste Gefahr bestehe, dass England den Krieg nicht gewinne, wenn die Kriegsausgaben auf der gegenwärtigen Höhe gehalten werden müssten und nicht durch eine rigorose Steuerpolitik eine Entlastung des Staatshaushaltes geschaffen werde. Der „Economist“ kommt nämlich in seinen Berechnungen zu dem Ergebnis, dass im Jahre 1940 die gewaltige Summe von 2,5 Milliarden Pfund durch normale Einnahmen nicht gedeckt werden könnten. Dabei ist immerhin zu berücksichtigen, dass bei Ausbruch des Krieges England auf eine Schuldenlast der Oeffentlichen Hand von 8 Milliarden Pfund zurückblickte, die auf den Kopf der Bevölkerung berechnet die höchste in der ganzen Welt war.

Der gegenwärtige Krieg sollte von England wirtschaftlich aufgezogen und gewonnen werden. Hore Belisha meinte noch vor kurzem im Unterhause, er würde „in aller Bequemlichkeit“ zu Ende geführt werden können. Nach den sehr ernsthaften Betrachtungen der englischen Presse sieht es jetzt nicht mehr danach aus. Die Lage ist so, dass England den Wirtschaftskrieg wollte. Es hat ihn bekommen. Diese Methode, Krieg zu führen, hat jahrhundertlang Erfolge gezeitigt.

Diesmal scheint das nicht der Fall zu werden, weil ihm ein Gegner gegenübersteht, der sich auf diese typische englische Kriegführung Jahr um Jahr sorgfältig vorbereitet hat. Es ist an das bittere Wort zu erinnern, das vor einiger Zeit ein deutscher Admiral gebrauchte. Er sagte: „Der Hunger, den uns die Engländer bringen wollten, werden wir ihnen selbst schicken. Wir warten nur auf den Befehl.“

## Ein Sender erobert die Herzen der Welt

Neben der Presse ist der Rundfunk eine der grossen geistigen Waffen im Kampf Deutschlands um seinen Raum und um sein Recht. Während der Mittel- und Langwellen-Rundfunk das Grossdeutsche Reich und das übrige Europa bestreicht, ist das Kampffeld des deutschen Kurzwellenrundfunks die ganze Erde. Als Weltstimmende Deutschlands ist es die Aufgabe der deutschen Kurzwellen, über Grenzen und Blockaden hinweg in den übrigen Erdteilen für den Durchbruch der Wahrheit und des deutschen Rechts zu kämpfen und die Deutschen in fernen Ländern über die wahre Lage in Deutschland zu unterrichten.

Ueber diese grosse Aufgabe des deutschen Kurzwellensenders, der namentlich im Kriege eine besondere Bedeutung zukommt, berichtet ein Buch, das in diesen Tagen in der Essener Verlagsanstalt in Essen erschienen ist: Herbert Schröder: „Ein Sender erobert die Herzen der Welt“ (Das Buch vom deutschen Kurzwellenrundfunk). Der Verfasser, einer der ältesten Mitarbeiter des Deutschen Kurzwellensenders, schildert darin die Geschichte, die Arbeitsweise, den Aufbau und die Erfolge des Deutschen Kurzwellensenders. Die Arbeit der Männer vom Kurzwellenrundfunk ist eigenen, neuen Gesetzen unterworfen. Während die übrigen Rundfunksender ihre Hörer und deren Wünsche annähernd kennen, wendet sich der Kurzwellensender an ein unbekanntes Hörerpublikum in fernen Erdteilen, mit fremden Sprachen, Sitten und Gebräuchen. Durch die unterschiedliche Zeiteinteilung in den verschiedenen Ländern bedingt, muss ein Kurzwellensender ununterbrochen Tag und Nacht arbeiten. Ein Kurzwellenpro-

gramm umfasst täglich mehr als 70 Stunden, insgesamt werden sieben Hauptprogramme auf sechs Richtstrahler gesendet. Die Nachrichtensendungen werden täglich in mehr als einem Dutzend Sprachen verbreitet.

Ohne auf die interessanten technischen und organisatorischen Einzelheiten des Kurzwellenrundfunks näher eingehen zu können, veröffentlichen wir nachstehend einige Lesebeispiele des neuen Buches, aus denen sich für den Leser ein knappes Gesamtbild über die Aufgaben und Erfolge des Deutschen Kurzwellensenders ergibt.

Wie überhaupt im internationalen Rundfunkverkehr, so ist Deutschland auch im Kurzwellenbereich berufen, eine bedeutsame Rolle zu spielen. In diesem Weltkonzert der Mächte ist seine Stimme durch den „Deutschen Kurzwellensender“ vertreten. Diese Stimme hat sich nicht nur Gehör zu schaffen gewusst — sie fand Zugang zu den Herzen von Millionen Hörern, nicht nur deutschen, sondern auch ausländischen. Der Deutsche Kurzwellensender sendet nicht nur, er hat eine Sendung. Sie lässt sich klar und einfach in die beiden grossen Aufgaben zusammenfassen: Brücke zur Heimat zu sein für alle Volksgenossen, die in Uebersee leben und sich zum Reich bekennen und zweitens der Kündler und die Stimme Deutschlands in der Welt zu sein.

Es gibt kaum ein anderes Volk, das so in der Welt verstreut ist wie das deutsche. Von rund hundert Millionen Deutschen leben nur etwa 80 Millionen innerhalb der Reichsgrenzen. Von den ausserhalb des Mutterlandes wohnenden Deutschstämmigen leben wie-

derum schätzungsweise 10 bis 12 Millionen in Uebersee. In den meisten Ueberseedutschen brennt die ewige Sehnsucht nach der Heimat, das Heimweh, das nie ganz zum Erlöschen kommt. Erst der Deutsche Kurzwellensender hat rundfunkmässig die Weltgemeinschaft der hundert Millionen im Aether Wirklichkeit werden lassen. Er hat mitgeholfen, auch den Volksgenossen und Stammesbrüder in Uebersee in die grosse Weltgemeinschaft der Deutschen hineinzustellen. Der Ueberseedutsche braucht nur sein Kurzwellen-Empfangsgerät einzuschalten, um jetzt auch eingeschaltet zu sein in diese grosse Gemeinschaft. Die Heimat kommt zu ihm. Die Wellen des Aethers haben die Wellen der Weltmeere überwunden. Sie spüren nun alle, die Deutschen in Afrika, in den Wäldern Brasiliens, in Australien, in den Millionenstädten des Fernen Ostens, in Nordamerika — man hat uns nicht vergessen!

Aber nicht nur an die Menschen deutschen Stammes wendet sich der Deutsche Kurzwellensender. Eine ganze Welt hört mit. Ebenso klar, einfach und gerade wie die Sendung des Deutschen Kurzwellensenders für die Ueberseedutschen ist auch seine Mission für die Welthörerschaft. Er ist für sie die Stimme Deutschlands — in der weitaus überwiegenden Mehrzahl der Fälle sogar die einzige Stimme Deutschlands, die zu ihnen dringt.

Es ist ein glückliches Zusammentreffen, dass gerade dem neuen Reich von Anfang an der Kurzwellenrundfunk zur Verfügung stand. Denn nie zuvor war Deutschland so sehr im Mittelpunkt des Weltinteresses, wie es auch gleichzeitig noch niemals so sehr die Zielscheibe von Angriffen aller Art und Gegen-

stand zahlloser Missverständnisse gewesen ist. Die Abwehr dieser Hetzwelle gegen das neue Deutschland und die Berichtigung der aus frühen Quellen gespeisten Vorstellungen war daher die vordringlichste Aufgabe der kurzen Wellen.

**„Ribi“ und „Big Bad Wolf“**

Kaiserdamm 77 ist ein grosses, aber unscheinbares Haus. Bis vor kurzem noch war es ein privates Wohngebäude. Heute beherbergt es die Zentrale des Deutschen Kurzwellensenders. Nie ruht hier der 24-Stunden-Betrieb. Nie wird es hier dunkel. Wer nachts über diesen ersten grossen Platz der Triumphstrasse geht, der weiss: hier arbeitet Deutschland für die Seinen in Uebersee. Viele Menschen gehen täglich in Nr. 77 ein und aus. Mitarbeiter, Künstler, Lieferanten, Besucher, Hörer. Viele sind darunter, Auslandsdeutsche und Ausländer, die von weither kamen, um den Sender, der ihnen ein Freund geworden ist, persönlich kennenzulernen und zu sehen, wie er organisiert ist, wie er aussieht, wie hier gearbeitet wird und wer die Menschen sind, die diese Arbeit leisten.

Vor allem besucht der Hörer die Ansager, die für manchen ja den Sender schlechthin verkörpern. Es sind Stimmen, die der Hörer kennt, mit denen er Freundschaft geschlossen hat, und die nun leibhaftig vor ihm stehen als „Walter mit der Mundharmonika“, „Ribi“, „Scotty“, „Naughty-Naughty“, als „Big Bad Wolf“, „Mr. Jack“ und wie all die Spitznamen lauten, die die deutschen und vor allem die ausländischen Hörer diesen Stimmen gegeben haben. Es ist ein verantwortungsvolles Amt, Ansager zu sein. Er ist dem Hörer Freund und Führer durch die Schätze deutscher Kultur, die das Kurzwellenprogramm vor ihm ausbreitet. Vieles, was dem Rundfunkhörer im Reich selbstverständlich ist, bedarf für den Uebersee Hörer einer besonderen Einführung. Mit wenigen Worten muss der Ansager den Sinn der Sendungen erläutern. Wie ein Lexikon muss er über alles Bescheid wissen und es in mehreren Sprachen formgerecht zum Ausdruck bringen können. Das setzt einen Ansagertyp voraus, wie es ihn bisher im deutschen Rundfunk noch nicht gegeben hat und wie er erst vom Kurzwellensender im Laufe der Jahre herangebildet worden ist.

**Briefe an den Kurzwellensender**

Als die ersten Briefe kamen und zeigten, wo überallhin die Stimme Deutschlands drang, da gab es im Sender täglich neue Freude und Ueberraschung. Und auch heute ist es nicht anders, wenn es auch kaum noch einen Ort auf dem weiten Erdenrund geben dürfte, wo der Deutsche Kurzwellensender kein Echo findet.

„Werdet ihr dort draussen denn auch wirklich gehört?“ — Immer wieder hört man diese Frage. Denn was nützen die schönsten Programme, wenn sie ihr Ziel nicht erreichen! Jawohl — überall wird gehört! Und zwar, das muss vorausgeschickt werden, gut gehört. Die Rede Adolf Hitlers wurde über NBC-Netzwerk (Ortssender) übertragen, aber wir hörten sie auf der kurzen Welle direkt aus Berlin besser als über die amerikanischen Stationen.“ so schreibt ein Hörer aus New York. „Wir, die wir (in Talang-Padang, Niederländisch-Indien) am Rande des Urwaldes wohnen, finden es herrlich, wenn unser Heim allabendlich erfüllt ist von deutschen Worten und deutscher Musik. Ohne dies kein Leben mehr!“ — Aus Talkeetna am Polarkreis kommt die Zuschrift: „Sie können sich kaum vorstellen, mit welcher Freude ich hier in der Einsamkeit der Wildnis Alaskas frühmorgens, bevor ich meine täglichen Runden als Pelzjäger mache, die deutsche Station, der ich so viel fröhliche und erhabene Stunden verdanke, einschalte.“

**Kommt der grosse Tiger auch zu uns?**

Ein lustiges Kapitel sind die Eingeborenen in den Kolonien: „Das ist eine Aufregung, wenn es gegen sieben Uhr geht: Missis, komm schnell, Baas ruft. Germany calling: Hallo Afrika! — Dann geht der Jubel los. Besonders meine Kaffernmädchen freuen sich auf die schöne deutsche Musik. Sie dachten erst, es sei ein Grammophon, dann hörten sie eines Abends jemand sich räuspern. Na, da ging es los: „Missis, Missis, da sitzt wirklich ein lebender Mensch im Kasten. Ich habe ihn gehört, er hat gehustet!“ — „Ach, ist das ein Wunder für das kindliche Gehirn der Schwarzen.“ (Tses, SWA). Aber auch andere Fragen gehen dann durch das schwarze Hirn: „Die Eingeborenen, die an der Tür standen und horchten, fragten in

ihrem einfachen Deutsch: Missis, werden wir nun wieder deutsch? Kommt der grosse Tiger (damit meinen sie den Führer) auch zu uns? (Der Tiger ist bei den Eingeborenen das Symbol eines grossen Königs.) Sie können es nicht begreifen, dass seine Worte über den Draht kommen sollen. „Was sind die Deutschen doch für kluge Menschen,“ sagen sie. Viele dieser wahrheitsliebenden und treuen schwarzen Menschen sind so auch zu gläubigen Anhängern des Führers und der

**Das ewige Heimweh nach Deutschland**

Mit der vom Kurzwellensender verbreiteten Kunde vom deutschen Mutterland, angefangen vom Klang der Sprache bis zu den Berichten von seinem Wiederaufstieg, kann es nicht ausbleiben, dass sich bei den Hörern zwei Dinge einstellen: der Stolz auf die alte Heimat und das Heimweh. Oft sind es scheinbare Kleinigkeiten, die plötzlich einen Ueberfall des Gefühls verursachen wie bei diesem Hamburger in Mar del Plata, Argentinien: „Wissen Sie, wenn dann die Kathie Kuhl von der Liebe im Hafen singt oder ich meinen alten Parademarsch von den Siebzehnern in Ludwigslust höre, ja, meine Herren, da bekommt man Heimweh, auch wenn man sich dagegen sträubt.“ — Oder es schreibt einer (aus Port, Michigan, USA), dessen Deutsch lange, lange nicht mehr im Umgang mit anderen Deutschen geschliffen wurde: „Meine geehrten Herren von Deutschland nehmt meine begrüssung herzlich entgegen womit ich Gott dange eure lieben stimmen von der Heimat zu hören, die Sehnsucht nach der alten Heimat zwang mich mein Hertz leichter zu machen, in di bar Zeilen zu schreiben, was ich noch nicht vergessen habe und es sind noch file tausende die dasselbe Gefühl haben als ich habe. Mein Haus ist jeden abend belaten mit Zuhörer nur deutsche stimmen zu hören und hofe das Schicksal wende sich und erlaube mir meine unforgessliche Heimat wider zu sehen. Hoch lebe Deutschland und lange Jahre soll der Reichsführer Herr Adolf Hitler leben.“

Pläne tauchen auf, die Fremde, die nicht zur zweiten Heimat werden konnte, wieder

deutschen Sache geworden, nicht nur in den Kolonialgebieten, sondern auch im sonstigen Afrika: „Unser Nubier Abdu,“ so heisst es aus Alexandria, Aegypten, „der Ihnen anbei stolz seine Photographie schickt, ist eine treue Seele und der fanatischste Hitler-Anhänger, den ich kenne. Wenn er nach getaner Arbeit würdevoll in sein Stammkaffeehaus geht, wo ihn seine schwarzen Kollegen erwarten, dann heisst es: „Da kommt Abdu Hitler.“

zu verlassen, und sei es auch nur, um in der Heimat die letzte Ruhestatt zu finden...

Aber auch für viele ausländische Hörer in Uebersee ist Deutschland durch den Kurzwellensender ein lebendiger Begriff geworden. „Eine Zigarette, einen Schaukelstuhl und den Deutschen Kurzwellensender, was will ich noch mehr?! So geniesse ich meine Abende,“ so schreibt ein Hörer aus Little Rock, Arkansas, USA. — Aus Rio de Janeiro, Brasilien, heisst es: „Ihr Programm erweckt täglich mehr Interesse durch die ritterliche Art, mit der es für die latinamerikanischen Länder zusammengestellt ist und damit eine Basis der Achtung und Sympathie schafft, auf die andere keinen Wert legen.“ — Aus Pretoria, Südafrika: „Es ist kaum notwendig, zu betonen, wie sehr das Afrikaner-Volk den Freundschaftsdienst würdigt, den Sie mit Ihren Afrikaans-Programmen erweisen.“ — „Die erste portugiesische Sendung für Angola hat hier Begeisterungstürme hervorgerufen...“ — „Ich schreibe Ihnen, weil ich durch den Rundfunk anfangs, Deutschland und das deutsche Volk zu lieben...“ — „Ich konnte die Deutschen bisher nicht leiden, aber irgendwie gibt Ihr Sender uns einen anderen Eindruck von ihnen. Sie wachsen langsam in unsere Herzen hinein!“

**Die Front im Aether**

Das neue Buch war bereits im Druck, als neben den Sendern auch die Geschütze zu sprechen begonnen hatten. Aus dem Auf-

marsch und dem Kampf der Wellen und Worte ist ein Krieg geworden. Er wird nicht allein mit den Waffen aus Stahl und Eisen geführt. Auch die Batterien des Rundfunks stehen in der vordersten Front. Die deutschen Kurzwellen sind hier die Langrohrgeschütze, die über alle Schranken hinweg die ganze Welt erreichen. Ihr Ziel ist die Verbreitung der Wahrheit und die Vernichtung der Lüge, wo immer sie auftritt. Zu den Kriegsschauplätzen zu Wasser, zu Lande und in der Luft ist ein neuer getreten, die Front im Aether. Es bedarf kaum eines Wortes, um zu sagen, was diese Möglichkeit des Rundfunkempfangs heute bedeutet. Sie ist vielleicht das ausschlaggebend Neue an der jetzigen Kampflage. Man kann es sich einfach nicht mehr vorstellen, dass es im Weltkrieg von 1914 bis 1918 diese Waffe noch nicht gegeben hat. Dass mit der Durchschneidung der Ueberseekabel die Gegner einfach das Nachrichtenmonopol der Welt besaßen. Das ist nun anders. Der deutsche Rundfunk bringt der Welt nicht nur direkt die deutsche Meinung, er zwingt auch den Gegnern in Presse und Funk Grenzen ihrer Hetzarbeit auf, wenn sie nicht Gefahr laufen wollen, das Vertrauen ihrer Völker vollends zu verlieren.

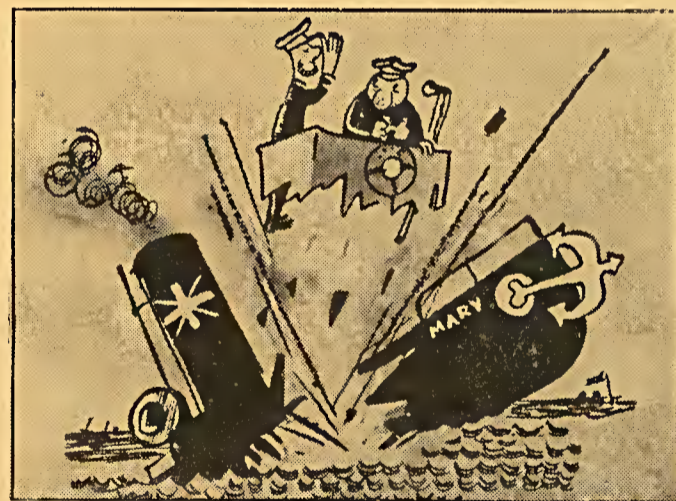
An der Haltung der Hörschaft hat sich — das wissen wir auch schon jetzt aus zahlreichen Zuschriften aus vielen Ländern — nichts Wesentliches geändert. Auch sie steht weiter zu ihrem Sender, der sich in langen Jahren als Freund erwiesen und bewährt hat. „Millionen von Menschen schalten hier jeden Tag Berlin ein... Wir haben seit drei Wochen keine Nacht mehr richtig geschlafen, weil wir am Radio leben...“ — „Am Abend um 6,45 Uhr ist kein Deutscher in Argentinien zu sprechen. Da sitzt alles am Rundfunkgerät. Das ist einfach Naturgesetz... Grüsst alle deutschen Volksgenossen in der Heimat und sagt ihnen, wir sind genau so tapfer und treu wie sie es sind und werden stets unsere Pflicht erfüllen, wo uns auch das Schicksal hingestellt hat. Einig und einträchtig bilden wir eine grosse Schicksalsgemeinschaft, aber den Kopf halten wir hoch und im Herzen sind wir stark durch den Glauben!“

**Hierüber lacht Deutschland**

Aus der „Chicago Daily Tribune“

Rechts: **Zwei Jahre später**  
England und Frankreich wollen heute nichts von Frieden wissen. Aber in 2 Jahren ist es zu spät

Unten:  
„Welche gehorhamst, Herr Kapitän, feindliche Mine zerstört!“



**Umgang mit Vorgesetzten**

Humor aus Feldzeitungen des Weltkrieges

Oberstleutnant zu einem Mann seiner Regiments: „Wie nennt man mich eigentlich, mein Sohn?“ — Musketier: „Herr Oberstleutnant Freiherr von —!“  
Oberstleutnant: „Schon gut, schon gut. Ihr nennt mich doch wohl auch noch anders.“ — Na, nur raus mit der Sprache!“ — Musketier: „Sturmbulle, Herr Oberstleutnant, weil Herr Oberstleutnant das Regiment oft stürmen lassen!“  
Oberstleutnant: „So, so — habe ich noch andere Namen?“ Musketier: „Jawohl, Blindgänger, Herr Oberstleutnant!“ — Oberstleutnant: „Nanu, warum denn Blindgänger?“ — Musketier: „Weil Herr Oberstleutnant immer alles mitmachen und doch nicht dabei kaputtgehen!“

Ich schickte meinen Burschen in die Kan-

tine nach einer Büchse Sardinen. „Kannst dir auch eine kaufen,“ sagte ich ihm, „weil ich heute Geburtstag habe,“ und gab ihm 2 RM. Nach einer Stunde kommt mein Josef zurück und überreicht mir eine Mark. „Gib's keine Sardinen mehr?“ fragte ich. — „Es war nur noch eine einzige Büchse da.“ — „Na, und wo ist sie?“ — „Ja, das war meine!“

Musketier Lerchenmüller hat sich bei einer Patrouille ausgezeichnet und muss seinem Kompanieführer darüber genauen Bericht erstatten. Dieser ist mit Lerchenmüller sehr zufrieden, und da er gerade durch einen besonderen Glücksfall eine herrliche grosse Leberwurst auf seinem Tisch stehen hat, lädt er den schmunzelnden Musketier ein, sich zu bedienen. — „Ist es Herrn Leutnant egal,

wo ich die Wurst anschneide?“ — „Natürlich, lieber Freund!“ — „Dann schneide ich sie lieber in meinem Unterstand an, Herr Leutnant!“ Stramme Kehrtwendung, und weg war Lerchenmüller und die Wurst auch!

Der Bauer Gschwendtner hört nachts in seinem Hühnerstall verdächtige Geräusche, er schleicht sich hin, reisst plötzlich die Türe auf und ruft:

„Ist da jemand?“ — Da kommt aus der Ecke eine piepsende Stimme: „Nein, nur wir Hühner!“

Kaiser Franz Joseph hatte sich auf eine Inspektionsreise in die Herzogovina begeben und besichtigte dort eine Reihe von Ortschaften und Städten. Zuletzt kam er in ein Dorf, welches just an der montenegrinischen Gren-

ze lag und fragte eine Bäuerin: „Na, Mütterchen, wo sind denn die Spitzbuben, die ihr früher hier so zahlreich hattet?“

„Keiner mehr bei uns, Gott sei Dank, sie sind alle unter die Gendarme gegangen!“

Einer meiner Kompaniekameraden erhielt eines Tages ein seltsames Päckchen seiner Frau. Es enthielt nämlich ein Unterhosenbein nebst Nadel und Zwirn. Dazu die Zeilen: „Lieber Willy! Die Feldpostpäckchen dürfen nicht mehr wiegen. Daher musste ich die dickwollene Unterhose zerschneiden und die andere Hälfte in ein zweites Päckchen tun. Näh die Hälften zusammen.“

Mein Freund, der Schnadlinger Toni, wohnhaft in Wien im dritten Bezirk, ist ein reinlicher Mensch und ein lustiges Haus obendrein. Neulich erzählt er mir mit vergrämem Gesicht, dass ihm zu Hause arges Missgeschick widerfahren sei. Er habe sich die Hände waschen wollen, und wie er dann ein Handtuch suchte, sie abzutrocknen, war keines da — weit und breit nicht.

„D' Handtücher san alle in der Wäsch,“

hat ihm seine Frau auf seine Fragen zugerufen.

„So!“ hat er dann geschrien, „mit was soll i mir dann d' Händ' abtrocknen?“

„Halts halt beim Fenster auss!“ war die Antwort der Frau, „da sans sofort trocken!“

„So,“ hat drauf der Schnadlinger Toni gebrummt — wenigstens hat er's mir so erzählt, „so und was wird sein, wann i heut abends mei Sitzbad nehma muass?“

Der Herr Leutnant bemüht sich vergeblich, dem Hiesel die Einwirkung des Seitenwindes auf die Geschosshahn begreiflich zu machen. Schliesslich kommt ihm ein Gedanke: „Können Sie Radfahren?“ — „Zu Befehl, Herr Leutnant!“ — „Und wo haben Sie die Luft am liebsten? Von vorne, von hinten oder von der Seite?“ — „In die Schläuch, Herr Leutnant.“

Forschungsreisender: „Bin ich hier beim Stamm der tanzenden Nurus?“

Eingeborener: „Ja, aber heute wird nicht getanzt. Unser Radio ist kaputt.“

## Kleine Reise durch Hannover in Amerika!

Von Norbert Zimmer

Es war bereits im Jahre 1934. Wir sassen in Hannover, wohlgerichtet im echten Hannover in Deutschland, und beratschlagten über einen grossen niedersächsischen Kultur- und WirtschaftsAtlas. Dieser Atlas sollte die vielfachen Leistungen Niedersachsens im deutschen Kulturleben klarlegen und auch die wirtschaftlichen und kulturellen Fäden aufzeigen, die von Niedersachsen in alle Welt gingen. Da kam mir die Erinnerung an einen Brief, den ich einmal von einem Freund aus Hannover in Amerika bekommen hatte. Ich suchte nach diesem zweiten Hannover in der Welt und wälzte dazu einen amerikanischen Atlas. Was ich aber fand, war nicht nur das eine Hannover, aus dem ich seinerzeit den Brief erhalten hatte, sondern es waren 77 Hannover in den Vereinigten Staaten. Fast jeder Staat der amerikanischen Union wies den Namen Hannover als Stadt, Dorf oder Distrikt auf. Manche Staaten hatten sogar mehrere Hannover, wie etwa Pennsylvania, in dem gleich 14 verschiedene mit allerlei Beiwörtern, wie Neuhanover, Oberhanover, Unterhanover u. a., zu finden waren. Aber ich entdeckte bei diesem Suchen nach Hannover in Amerika noch mehr. Es fanden sich auch andere deutsche Städtenamen in dem amerikanischen Atlas. Als ich mit meiner Suche fertig war, hatte ich ganze Seiten voller Namen. Es waren über 700! Da gab es neben den 77 Hannover noch 96 Berlin, 66 Hamburg, 30 Bremen, 25 Braunschweig, ferner Lüneburg, Northeim, Emden. Ebenso waren süddeutsche, mittel- und westdeutsche und auch ostdeutsche Städtenamen vertreten. Es gab Dresden, München, Köln, Baden, Mannheim, Darmstadt, Wien, Danzig, Königsberg und Posen. Es fehlte kaum eine der deutschen Grosstädte.

Nun, ich will von dem Atlas nicht mehr viel erzählen. Wir haben damals eine Karte über die vielen Hannover in Amerika hingebracht. Meine Entdeckung liess mir aber keine Ruhe mehr. Da ich in Büchern über den Ursprung dieser vielen Städte mit deutschen Namen nicht allzu viel fand, entschloss ich mich, selbst eine Reise von Hannover in Deutschland nach Hannover in Amerika durchzuführen. Ein Mitarbeiter sollte mich mit einer Photo- und Filmausrüstung begleiten. So fuhr ich denn eines Tages von Bremen nach Newyork.

Als ich in Newyork landete, erwischte mich ein Reporter einer amerikanischen Tageszeitung und fragte mich nach Sinn und Ziel meiner Reise. Ich erzählte ihm von den 77 Hannover in Amerika, die ich besuchen wollte. Der Mann traute erst seinen Ohren nicht, aber ich wies ihm stolz meine Liste mit den genauen Postanschriften vor. Der Erfolg war für mich überraschend. Am nächsten Tage erschien in den „New York Times“ ein Artikel über die Städtefamilie Hannover. Ich muss hier noch einfügen, dass ich auf der ganzen Erde etwa 90 Hannover entdeckt hatte. Drei lagen in Kanada, auf der Insel Jamaica gab es eine Provinz und einen Hafenort Hannover, an der Südspitze von Chile lag die Insel Hannover. In Südafrika gab es ebenfalls drei Gemeinden und in Australien kam der Name zweimal vor. So war Hannover eine wirkliche „Weltstadt“.

In Newyork bereitete ich meine Rundreise nach Hannover, über Hannover, durch Neuhanover nach Hannover usw. vor, indem ich

mir zunächst einmal ein altes Auto kaufte, einen Führerschein besorgte und mich für die weite Reise auch sonst noch ausrüstete. Auch einen Ofen musste ich mir für mein Auto beschaffen, da die Reise neun Monate dauern sollte, während deren ich nicht nur in den Winter hineinkam, sondern auch die Rocky Mountains zu überqueren hatte. Aber während ich diese Vorbereitungen in aller Ruhe traf, nahm der Artikel der „New York Times“ sehr schnell seinen Weg durch ganz Amerika. Andere Zeitungen übernahmen ihn, und mancher amerikanische Hannoveraner fand die Neuigkeit von der Weltbedeutung seiner und meiner Vaterstadt in seinem Morgenblättchen. So erhielt ich, ehe ich von Newyork abfuhr, einen ganzen Stoss Briefe aus den verschiedensten Hannover. Das eine Hannover schrieb, dass es das schönste Hannover in Amerika sei. Es läge am amerikanischen Rhein, dem Ohio-Fluss. Ich müsste unbedingt zuerst dorthin kommen, denn im Hannover-Weltfilm dürfe es nicht fehlen. Aber noch ein anderes Hannover wollte das schönste sein. Es lag in der Schweiz Amerikas, dicht am Mississippi. Ein drittes pries sich als das grösste Hannover an. Aus einem

anderen kam ein Brief, in dem sich ein Kaiser von Hannover vorstellte. Nun hatte ich die Wahl, und wer die Wahl hat, hat auch die Qual. Ich wusste wirklich nicht, wo ich zuerst anfangen sollte. Sollte ich nach dem Süden fahren, um Hannover in Virginia zu besuchen, oder nach Osten über Osthannover in New Jersey und dort nach Hannover in Pennsylvania. Oder sollte ich nach Hannover bei Boston in Massachusetts? Ich fuhr zuerst nach dem Süden nach Hannover in Virginia. Es lag im County Hannover. Von dem County Hannover konnte ich gleich in das angrenzende County Braunschweig, von dort in das County Lüneburg und von Lüneburg nach Mecklenburg-County.

Am dritten Tage nach meiner Abreise war ich im County Hannover in Virginia. Es war bereits dunkel, als ich anlangte, aber ich wollte doch wenigstens bis zur Gemeinde Hannover kommen, um dort meine erste Nacht in Hannover in Amerika zu verbringen. Das war aber leichter gesagt, als getan. Auf der Autokarte war der Ort wohl verzeichnet, aber zu finden war er in der Dunkelheit nicht. Menschen, die mir begegneten, waren durchweg Neger. Mit ihnen konnte ich mich nicht verständigen. Doch irgendwo in der Ferne sah ich ein Licht und aus der gleichen Richtung tönte mir Gesang entgegen. Ich versuchte mich durchzufinden und stand schliesslich auch vor einem kleinen Gebäude mit einer vergitterten Türe und vergitterten Fenstern. In der Tür lagen Schwarze und sangen. Sie nahmen von meiner Gegenwart nicht viel Notiz, und ich musste schliesslich feststellen, dass es das Kreisgefängnis von Hannover County war, vor dem ich stand. Es war scheinbar das einzig bewohnte Gebäude Hannovers. Meine Enttäuschung war gross! Es blieb mir nichts anderes übrig als umzukehren. Aus der ersten Uebernahtung in Hannover in Amerika wurde nichts.

Doch diesem ersten Hannover folgten bald weitere. Sie waren nicht mehr enttäuschend. Ich habe dort vielmehr wundervolle Erlebnisse gehabt, von denen ich nur einige herausgreifen kann. So besuchte ich eines der schönsten Hannover, die kleine College-Stadt Hannover am Ohio im Staate Indiana. Es war eine alte englische Gründung, die ihren Namen aus der Personalunionszeit zwischen Hannover und England hatte. Damals war der Osten der heutigen Vereinigten Staaten noch eine englische Kolonie. Dieses Hannover war in der Tat das landschaftlich am schönsten gelegene Hannover. Es lag auf den Höhen des Ohio-Flusses, von wo man einen wundervollen Blick in das gegenüber-

liegende Kentucky hatte. Das „Deutsche Departement“ des College veranstaltete einen Freundschaftsabend unter der Parole: Hannover am Ohio grüsst Hannover an der Leine!

Von hier aus wollte ich nach Hannover im Staate Ohio. Es war ein Nachbarstaat von Indiana. Auf der Reise nach dort erlebte ich eine andere Merkwürdigkeit. Ich fuhr frühmorgens mit meinem Auto von Hannover in Indiana in Richtung Hannover in Ohio. Etwa 80 km nordwärts stand ich vor einem Ortsschild, auf dem zu lesen war: Oldenburg, Indiana. Vor mir lag die Stadt. An den spitzen Kirchtürmen konnte ich schon erkennen, dass es eine deutsche Stadt war. Ich fuhr hinein und suchte zunächst den Bürgermeister auf. In der Hauptstrasse entdeckte ich noch einen Wegweiser. Er zeigte nach Hamburg, 7 km entfernt. Nun, ich sah mir erst Oldenburg an und fuhr anschliessend in einer Viertelstunde von Oldenburg nach Hamburg. Viel Zeit hatte ich nicht, denn ich wollte zum Mittagessen bereits in Pymont in Ohio sein. Es lag noch 50 km entfernt. Aber Pymont enttäuschte mich. Dort gab es nichts zu essen, also musste ich weiter nach Potsdam, das nur zehn Kilometer entfernt lag. In Potsdam fragte ich mich nach Hannover zurecht, musste aber feststellen, dass es im Staate Ohio zwei Hannover gab, eine Stadt und ein Dorf. Beide lagen 400 km auseinander. Ich wählte zuerst die Stadt, um dort übernachten zu können. Ehe ich aber hinkam, berührte ich am Nachmittag Bremen in Ohio. Es war eine kleine Oelstadt. Als ich dann am Abend in Hannover landete, machte mich der Hotelbesitzer darauf aufmerksam, dass 13 km entfernt Dresden lag. So entschloss ich mich noch nach dem Abendessen, einen kleinen Abendbummel von Hannover nach Dresden zu machen.

Irgendwie waren meine geographischen Begriffe nun schon durcheinander gepurzelt. Aber es sollte noch schlimmer kommen, als ich den Weg von der Stadt Hannover nach dem Dorf Hannover suchte. Wieder fuhr ich frühmorgens von Hannover fort. Zuerst landete ich in Berlin in Ohio. Es war ein seltsamer Eindruck, den diese Stadt bot. Die Männer trugen lange Bärte. Fast alle Bewohner gehörten nämlich zu den Amischen, einer mennonitischen Sekte. Einen dieser Berliner versuchte ich in mein Auto zu nehmen, damit er mich durch Berlin führe. Das war beim besten Willen nicht möglich. „Wir Berliner dürfen nicht autofahren. Unsere Religion verbietet es uns.“ Das war die Antwort. Aber er lud mich in seinem Hause zu einem Imbiss ein. Der Mann war Hühnerzüchter wie die meisten Berliner in Ohio und besass eine grosse Farm. Um so mehr wunderte ich mich, dass er kein elektrisches Licht in seinem Hause hatte. „Ja,“ meinte er, „die Elektrizität lehnen wir Berliner auch ab. Wir tapezieren auch unsere Wände nicht. Auch das geht gegen unsere Religion und wir tragen an unserer Kleidung keine Knöpfe.“ Da wusste ich nichts mehr zu sagen und machte mich auf den Weg nach Hannover. Es war aber auch jetzt nicht so einfach. Ich kam zunächst einmal von Berlin nach Braunschweig. Das ist auch in Deutschland nicht anders. Aber von Braunschweig ging es nach Neubremen in Ohio, von dort nach fünf Kilometern nach Münster, von Münster über Harzburg nach Neubayern, von da nach Leipzig und von Leipzig endlich über Napoleon nach dem Dorf Hannover.

Das war ein weiteres Erlebnis auf der Suche nach Hannover in Amerika. Erzählen will ich aber noch von meinem Besuch beim Kaiser von Hannover. Er wohnt in Hannover in Kansas. Ich hatte meinen Besuch so gelegt, dass ich am Heimatfest, das heisst also am Schützenfest, teilnehmen konnte. Es sollten sich zu diesem Feste mehrere Tausend Plattdeutsche versammeln, die in Hannover und Umgegend, das hiess in Bremen, Frankfurt und Münden in Kansas wohnten. Als ich dort eines Abends ankam, war gerade Zusammenkunft der lutherischen Gemeinde. Der Pastor stellte mich sofort dem Kaiser und der Kaiserin vor. „Seine Majestät“ war ein baumlanger Farmer, etwa siebzig Jahre alt. Sein Name war Wilhelm Brunhöber. Geboren war er in Bevensen bei Uelzen in der Lüneburger Heide. Ich fragte ihn natürlich sofort nach seiner Lebensgeschichte und kaiserlichen Vergangenheit. Dabei erfuhr ich folgendes: Wilhelm Brunhöber hatte 1888 in Deutschland im Garde du Corps gedient, unter drei deutschen Kaisern. Als ein Denkmal für Kaiser Friedrich modelliert werden sollte, musste er Modell sitzen. So bekam er bei den Preussen, da er aus der Provinz Hannover stammte, den Spitznamen „Kaiser von Hannover“. Später ist er nach

FUNDADA EM 1843

# Casa Alemã



Für die

## geschmackvolle Wohnung

das Passende zu finden ist nicht immer leicht

Unsere grosse Auswahl

### in Neuheiten

von

**Teppichen aller Art / Läufern**  
**Dekorations- und Bezugstoffen**  
**Polstergruppen / Feinen Möbeln**

enthält aber für Sie das Richtige

Führend auf ihrem Gebiet:

### ABTEILUNG INNENDEKORATION

**Schädlich, Obert & Cia. Rua Direita 162-190**

Hannover in Amerika ausgewandert und ist dort heute noch jedem Farmer als der Kaiser von Hannover bekannt.

Fast 60.000 km bin ich in den neun Monaten auf der Suche nach Hannover in Amerika durch die Vereinigten Staaten gefahren. Die Reise wollte kein Ende nehmen. Es ging von Newyork in die Nordwest-Staaten bis an die kanadische Grenze, von dort nach dem Süden zur mexikanischen Grenze, von dort nach dem Süden zur mexikanischen Grenze, von da über die Rocky Mountains nach Kalifornien, von Kalifornien die pazifische Küste hoch bis zum Staate Washington und wieder zurück nach Kalifornien. Immer war mir mein altes Auto ein treuer Begleiter. Zum Schluss wurde es ihm aber doch zuviel, es bockte, und es hätte nicht viel gefehlt, dass man eine neue Expedition in Hannover in Deutschland hätte ausrüsten müssen, um nach meinen eigenen hannoverschen Spuren irgendwo in der Wüste zwischen Kalifornien und Arizona zu suchen. Das kam so, und damit will ich diesen Bericht schließen. Ich war auf der Fahrt von Kalifornien nach Hannover in Texas. Die Zeit war knapp und der Weg war weit, so dass ich die Fahrt zum Fahren zu Hilfe nehmen musste. Mit 80 km ging es in der Dunkelheit einen Passweg hinauf mitten durch eine Steinwüste. Mit einemmal wollte der alte Karren nicht mehr. Er stand und rührte sich nicht von der Stelle. Die Hinterachse war gebrochen, was ich aber erst später feststellte. Nach einem halbstündigen Warten kam ein grosser Lastwagen an, der anhielt und dessen Fahrer sich bereit erklärte, mich in die nächstgelegene Stadt zurückzuschleppen. Ich war einverstanden und kettete meinen Wagen mit einer langen Kette an den Lastwagen an, und bergab ging es. Zunächst ereignete sich nichts. In den Kurven stoppte der Lastwagen, ich sah sein Schlusslicht aufleuchten und stoppte auch. Mit einemmal rissen meine Bremsen und auch die Kupplung funktionierte nicht mehr. Alles Hupen und Blinken nützte nichts. Es kam die nächste Kurve, stoppen konnte ich nicht mehr, also musste ich

auf den Wagen auffahren. Meine Scheiben gingen zuerst in Scherben, aber die Fahrt ging weiter. Es kam die zweite, dritte, vierte und schliesslich die siebente Kurve. Jedesmal gab es einen Zusammenstoss. Meine Lichter waren längst verloschen, das Schlusslicht des Lastwagens war in Trümmer gegangen, die Schutzscheibe war entzwei, es half nichts. Nur ein Zufall konnte mich noch retten, mich und meine bisher so schön verlaufene Fahrt durch Hannover und Amerika. Endlich, als wir im Tal waren und die Stadt vor uns lag, drehte sich der Fahrer nach hinten um. Er merkte wohl, dass meine Lichter nicht mehr brannten und brachte seinen Wagen zum Stehen. Jetzt konnte ich mir die Bescherung ansehen. Als vollendetes Wrack wurde ich im Schneckentempo nachts in Indio — so hiess die Stadt — eingeschleppt. Wir hielten vor einer Garage. Dicht daneben stand ein hoher Galgen, an dem eine lebensgrosse Puppe baumelte, die die vielversprechenden Worte trug: „Wer sich rasiert, wird gehängt.“ Um den Galgen tanzten Cowboys mit ihren Pferden. Sie feierten ein Reiterfest, zu dessen Verschönerung die Männer der Umgebung sich vier Wochen nicht rasieren durften. Ich hatte für diese Spässe im Augenblick keinen Sinn und vermutete auch unter diesen Cowboys keinen Deutschen. Als man mich daher englisch ansprach, vermochte ich in meiner trübseligen Stimmung nur zu erwidern: „Halts Maul!“ „Warum so unfreundlich?“ war die deutsche Antwort. Meine Gegenfrage war: „Kommen Sie etwa auch aus Hannover?“ „Nein, aber aus Hameln!“ So gab ein Wort das andere, ich klagte mein Leid, und das Ergebnis war, dass mir dieser Provinzhannoveraner mein Auto für 35 Dollar abkaufte. Ich nahm das Geld und fuhr noch in der gleichen Nacht mit dem Autobus nach Newyork. Die Fahrt dauerte drei Tage und vier Nächte. So endete fürs erste meine Fahrt von Hannover, nach Hannover, über Hannover, durch Hannover in Amerika. Wie aber die vielen Hannover nach Amerika kamen, darüber ein andermal mehr!

zwischen Finnland und der UdSSR, sprach, fragte der ehemalige Kriegsminister Hore-Belisha, ob tatsächlich 50.000 Franzosen zum Transport nach Finnland bereitgestanden hätten. Mr. Chamberlain erklärte darauf, nicht genügend informiert zu sein, er müsse erst einmal die amtliche Wiedergabe der Aeusserungen seines Kollegen Daladier abwarten.

Moskau, 14. — Die „Prawda“ wertet den Friedensvertrag mit Finnland als eine schwere Niederlage der englisch-französischen Kriegshetzer. Zwischen Finnland und der UdSSR, würden sich jetzt dauerhafte freundschaftliche Beziehungen entwickeln.

Helsinki, 14. — In einem Manifest der Regierung an die finnische Bevölkerung kommt zum Ausdruck, dass der Frieden mit Russland beschlossen wurde, um noch Schlimmeres zu vermeiden. Dem heldenhaften Mute des Heeres wie des ganzen Volkes entspricht nunmehr der feste Wille zum Neuaufbau. — Feldmarschall Mannerheim spricht in einem Tagesbefehl an die Armee gleichfalls von den ruhmreichen Kämpfen. Das finnische Heer habe mehr als 15.000 Gefallene zu verzeichnen. Die Friedensbedingungen hätten trotz allem Opferwillen angenommen werden müssen, da Finnland für einen Krieg mit einer Grossmacht nicht gerüstet gewesen sei und sechzehn Wochen lang vergeblich auf die versprochene Hilfe gewartet habe.

Berlin, 14. — Die britischen Schiffsverluste in der Zeit vom 4. bis zum 10. März betragen neun Dampfer mit rund 30.000 t. — Gleichzeitig gibt das Deutsche Oberkommando bekannt, dass die britische Tankerflotte 10 vH. ihrer Gesamttonnage verloren hat.

Newyork, 14. — Der deutsche Handelsdampfer „Hannover“ wurde von der eigenen Besatzung versenkt, als ihn ein englisches Kriegsschiff innerhalb der Hoheitsgrenze der dominikanischen Republik verfolgte.

Amsterdam, 14. — Wie „Daily Mail“ mitteilt, besuchte eine englische Bergarbeiter-Abordnung den britischen Minister Elliot und bat um Unterstützung für ihre 27.000 Kameraden, von denen viele nicht einmal mehr Brot für ihre Kinder kaufen können. Der Minister soll ihnen nach Angabe der Zeitung wörtlich geantwortet haben: „Da ihr es nun einmal wissen wollt; wir haben nicht nötig, dass ihr uns eure Nöte vorbringt, zuerst müssen wir den Krieg machen.“

Tokio, 14. — Auf japanischen Protest hin haben die Franzosen die auf dem Dampfer „Bangkok Maru“ beschlagnahmte deutsche Post wieder ausgeliefert.

Oslo, 14. — Die Regierungszeitung „Arbeiderbladet“ befasst sich mit dem finnisch-russischen Frieden und deutet an, dass Finnland sich jetzt mehr der UdSSR, und Deutschland annähern müsse, was auch zwangsläufig die Lage Schwedens beeinflussen werde. Da auch die Haltung der Türkei, die wieder Fühlung mit dem Reich suche, den Alliierten gegenüber schwankend geworden sei, glaubt das Blatt die Feststellung zu treffen, dass der Krieg für die Westmächte bereits so gut wie verloren ist.

Washington, 14. — Der Präsident des Deutschen Roten Kreuzes, Herzog von Koburg, ist hier eingetroffen, um mit dem Amerikanischen Roten Kreuz Fragen zu besprechen, die sich aus dem gegenwärtigen europäischen Krieg ergeben.

### Ein Jahr Reichsprotectorat Böhmen

Prag, 14. — Anlässlich des ersten Jahrestages der Errichtung des Protectorats Böhmen und Mähren sandte der Staatspräsident Emil Hacha an den Führer Adolf Hitler folgendes Telegramm: „Der heutige Tag ruft mir ins Gedächtnis, dass ich vor Jahresfrist bei Ew. Exz. vollstes Verständnis für das damals schwer heimgesuchte tschechische Volk gefunden habe. Dadurch, dass Sie es unter den Schutz des Reiches nahmen, ist es wertvoller Vorteile teilhaftig geworden. Es blieb vor allem vor den Schrecken des Krieges verschont, obzwar es selbst im Rahmen des Grossdeutschen Reiches am gegenwärtigen Kriege teilnimmt. Es drängt mich daher heute, den glorreichen deutschen Waffen, die auch das tschechische Volk schirmen, Sieg und Heil zu wünschen.“

Berlin, 14. — In Erwiderung des ihm vom Präsidenten Dr. Hacha gesandten Telegramms dankte der Führer mit folgender drahtlichen Antwort: „Ihr Gedenken an unsere erste Zusammenkunft vor einem Jahre hat mich tief bewegt. Bei Erkenntnis der Notwendigkeit eines friedlichen Beieinanderlebens beider Völker auf so engumgrenztem Raum ist es nicht die Absicht des Deutschen Reiches, dem tschechischen Volke Lasten aufzulegen, die seine nationale Existenz bedrohen könnten oder vielleicht sein nationales Bewusstsein mit den Erfordernissen des Reiches in Konflikt bringen. Aus diesem gleichen Grunde hoffe ich, diesem Teile des Reiches die Schrecken des Krieges ersparen zu können und damit ist die Weisheit des Entschlusses erwiesen, den Sie im März 1939 trafen. Für die Wünsche, die Sie, Herr Präsident, für den Kampf aussprechen, die in diesen Stunden unser geeintes Reich auszufechten hat, danke ich Ihnen. Es ist mein Wunsch, dass der endgültige Sieg sowohl dem deutschen wie dem tschechischen Volk dauernden Frieden, Wohlergehen und grosse soziale Wohltaten bringen wird. Adolf Hitler.“

Berlin, 14. — In der Reichshauptstadt wurde ein deutsch-finnisches Wirtschaftsabkommen unterzeichnet, welches den Austausch von Holz Erzen, Kupfer und Lebensmittel gegen deutsche Industrieerzeugnisse vorsieht.

Berlin, 14. — Generalfeldmarschall Hermann Göring hat an das deutsche Volk einen Aufruf gerichtet, dem Führer zu seinem Geburtstag am 20. April alle nicht gebrauchten Gegenstände aus Kupfer, Bronze, Messing,

Blei, Zinn und Nickel zur Verfügung zu stellen. Mit dieser Sammlung, heisst es weiter, sollen die letzten Hoffnungen der Feinde, dass dem deutschen Volk einige kriegswichtige Metalle ausgehen könnten, zunichte gemacht werden. Diese Spende für die Reichsverteidigung soll das Geburtstagsgeschenk der deutschen Nation für all das sein, was der Führer dem Volk und dem Reich bisher gegeben hat.

Amsterdam, 14. — Der ehemalige Gouverneur der indischen Provinz Punjab, Francis O'Dwyer, wurde auf einer Versammlung der ostindischen Gesellschaft in London von einem Inder durch einen Gewehrschuss getötet. Lord Zetland, der Sekretär des Indienministeriums, und andere Personen wurden durch mehrere Schüsse verletzt. Der Inder, welcher angab, das von den Briten im Jahre 1919 in Amritsar (Indien) angerichtete Blutbad rächen zu wollen, wurde verhaftet.

### Wer lügt hier?

Berlin, 15. — Ministerpräsident Daladier hat nach Abschluss des finnisch-russischen Friedens in der französischen Kammer erklärt, dass die Finnen von den Alliierten u. a. 500 Flugzeuge, 40.000 moderne Gewehre, 20 Millionen Schuss Gewehrmunition, mehrere tausend Geschütze, Minen usw. erhalten hätten. Dagegen stellt Marschall Mannerheim in seinem Tagesbefehl fest, dass Finnland, abgesehen von zwei Bataillonen Freiwilliger ganz ohne Hilfe des Auslandes auf sich allein gestellt den Krieg geführt habe.

Berlin, 15. — Ministerialdirektor Wohlfahrt erklärte, dass die handelspolitischen Beziehungen zwischen Deutschland und Rumänien sich sehr günstig entwickelt hätten. Rumänien als das reichste Land des europäischen Südostens spiele im Wirtschaftsaustausch mit dem Reich eine wichtige Rolle.

Berlin, 15. — Die deutsche Presse macht sich über eine „Botschaft des britischen Ausenministers Lord Halifax an das tschechische Volk“ lustig; ebenso tut sie einen Aufruf des ehemaligen Präsidenten Benesch ab, der heute im Dienste der Westmächte steht. — Auf dem Wenzelplatz in Prag fand am 1. Jahrestag der Errichtung des Protectorats Böhmen und Mähren eine grosse Truppenparade statt, bei der Mannschaften des Heeres, der Luftwaffe, der Polizei und SS, vor dem Reichsprotector, Freiherr von Neurath, vorbeimarschierten.

Amsterdam, 15. — Die englische Bevölkerung wird angesichts der ständigen diplomatisch-militärischen Niederlagen der Regierung Chamberlain immer erregter, wobei einige Parteipolitiker eine „energische Kriegsführung“ verlangen. England dürfe, sagte der Abgeordnete Herbert Morrison, nicht länger als Gentleman handeln.

Genf, 15. — Wie diplomatische Kreise versichern, hat der ehemalige Ministerpräsident Laval die Regierung Daladier wegen ihrer italienfeindlichen und gegenüber Finnland schwankenden Politik scharf kritisiert. — Die Rechtsgruppe der französischen Kammer wünscht den Rücktritt des General Gamelin und fordert genau wie die britischen Chauvinisten eine aktive Kriegsführung gegen Deutschland.

Rom, 15. — Die Kammer des Fascio und der Korporationen nahm in Anwesenheit des Duce den Haushaltsvoranschlag 1940—41 für das Luftfahrtministerium in Höhe von 3261 Millionen Lire einstimmig an. Dabei gab der Unterstaatssekretär im Luftfahrtministerium General Pricolo bekannt, dass die italienische Luftwaffe zur höchsten Schlagkraft entwickelt werde.

Helsinki, 15. — Die finnische Regierung schätzt die Kriegskosten auf 4.500 Millionen Finnmark, wozu noch die durch Luftangriffe erlittenen Verluste hinzuzurechnen sind. — Die Karelsche Landenge, die Finnland an Russland abtreten muss, ist 2,5 Millionen Hektar und zählt rund 420.000 Einwohner. Davon wohnen 84.000 in den Städten Wiborg, Kexholm und Sortavala. Die meisten Finnen in den an Russland abgetretenen Gebieten werden nach Mittel- und Westfinland umgesiedelt.

Newyork, 15. — Otto von Habsburg besuchte in Newyork den Bürgermeister La Guardia und schmeichelte diesem wegen seiner bekannten deutschfeindlichen Aeusserungen. 45 Minuten lang schüttete er dem jüdenstämmigen Bürgermeister sein „österreichisches Herz“ aus.

### Kritik an Chamberlain und Daladier

Berlin, 16. — Nach Ansicht politischer Kreise der Reichshauptstadt sind sowohl in Paris wie in London für die nächsten Tage noch vor Ostern bedeutende Regierungsumbildungen zu erwarten. Briten und Franzosen seien über die anhaltenden politischen Niederlagen ihrer verantwortlichen Staatsmänner sehr ungehalten. Daladier wird voraussichtlich das Ausenministerium an den ehemaligen Ministerpräsidenten Laval abgeben, von dem behauptet wird, er sei ein Freund der italienisch-französischen Verständigung. In London geht es besonders um die Stellung des Luftfahrtministers Kingsley Wood, der zusammen mit einigen unglücklichen Kollegen auf seinem Posten ersetzt werden soll.

Berlin, 16. — Die polnische Emigrantengeneration in Angers (Frankreich) hat ein sogenanntes Weissbuch veröffentlicht. Die „Deutsche Diplomatisch-Politische Korrespondenz“ zerpfückt das Machwerk, indem sie Punkt für Punkt nachweist, dass der frühere Staat Polen dem Reich gegenüber niemals eine friedliche Politik getrieben und später im Vertrauen auf die englische Garantie sich selbst das Grab gegraben hat.

## Duiz omfroyt

### Das Wichtigste der Woche

#### Aus dem Transocean-Dienst (Agencia Nema)

Wien, 13. — Die Ostmark feierte den zweiten Jahrestag ihrer Heimkehr ins Reich. Aus diesem Anlass hatten Städte, Dörfer und selbst die einsamsten Gehöfte Flaggenschmuck angelegt. Alle Zeitungen veröffentlichten einen Aufsatz des Reichskommissars Buerckel über den Wirtschaftsaufbau in der Ostmark. Die ausserordentliche Zunahme der Eheschliessungen und das starke Anwachsen der Geburten spiegeln am stärksten auch die seelische Stärkung der Bevölkerung im ehemaligen Oesterreich wieder.

Berlin, 13. — In politischen Kreisen wird darauf hingewiesen, dass während der Propagandarede des ehemaligen britischen Marineministers Duff Cooper durch die Vereinigten Staaten viele Engländer an ihn Anfragen wegen Kapitalanlagen und wirtschaftlicher Möglichkeiten in den USA, gerichtet haben. Diese auswanderungslustigen Briten handeln genau so wie jene chauvinistische Herrscherschicht Polens im vergangenen Jahr, die lange vor dem Krieg bereits gewaltige Kisten mit „reparaturbedürftigen Kunstgegenständen“ nach London und Paris schickten und dort persönlich eintrafen, nachdem sie das Volk in den Krieg gehetzt hatten.

Berlin, 13. — In England kann die arme Bevölkerung trotz Einführung der Lebensmittelkarten die hohen Preise für Fleisch nicht bezahlen. — Das von den Briten bei Nacht und Nebel nach Newyork geschaffte grosse Schiff „Queen Elizabeth“ stellt ein Kapital von 5 Millionen Pfund dar.

Berlin, 13. — Von deutscher Seite wird angesichts des russisch-finnischen Friedensabschlusses nochmals die strikte Neutralität des Reiches während des ganzen Konflikts unterstrichen. Man erfährt dabei zum erstenmal, dass Finnland im vorigen Jahre ein grosszügiges Angebot des Führers, mit einer Reihe kleiner Staaten Nichtangriffspakte abzuschliessen, in geradezu schrofferetzender Tonart mit der Begründung beantwortete, es brauche keinerlei deutschen Schutz und wünsche auch nicht, dass das Reich der Schutzpatron Finnlands werde.

Berlin, 13. — Der Pressechef des Reichsausensministers von Ribbentrop erklärte in einer Unterredung mit Zeitungsvertretern, dass Papst Pius XII. den Reichsausensminister und seinen Stab mit Handschlag begrüsst habe. Dabei wies er darauf hin, dass noch vor wenigen Jahrzehnten ein preussischer Prinz, der den Heiligen Vater anstatt des zeremoniellen Handkusses die Hand geboten habe, so etwas wie einen internationalen Skandal hervorrief.

Berlin, 13. — Die „Deutsche Diplomatisch-Politische Korrespondenz“ schreibt zum finnisch-russischen Frieden, dass die Sowjetunion nunmehr den erforderlichen strategischen Raum zur Sicherung Leningrads erhalten habe, während Finnland völlig unabhängig bleibe.

Auf alle Fälle sei das Ziel der Westmächte im Norden Europas ein „Gallipoli“ zu schaffen, gescheitert.

Berlin, 13. — Ebenso wie die Leipziger Frühjahrmesse, wurde auch die Wiener Mustermesse erfolgreich für alle Aussteller zu Ende geführt. Besonders die Nachfrage des Auslandes nach landwirtschaftlichen Maschinen, Ackergeräten und Werkzeugen, war sehr stark.

Berlin, 13. — Das egoistische Verhalten der Engländer und Franzosen im finnisch-russischen Konflikt wird durch eine unvorsichtige Aeusserung Daladiers gekennzeichnet. Der französische Ministerpräsident hatte den Finnländern nämlich gedroht, dass man sie beim Friedensschluss (bei manchen Leuten spukt ja immer noch ein zweites Versailles in Köpfchen!) unberücksichtigt lassen würde, wenn sie nicht augenblicklich die von den Alliierten in letzter Minute angebotene Hilfe eines Expeditionskorps annähmen. Diese Mitteilung wurde der Welt durch den Nizzaer Rundfunk bekannt, da die halbamtliche Havas-Agentur diese Entgleisung Daladiers nicht bringen durfte.

Krakau, 13. — Auf der Station Zuerawica bei Przemysl wurde zwecks schnellerer Umfüllung des Petroleums aus den russischen in die deutschen Waggons eine neue Pumptanlage errichtet.

Berlin, 13. — Die deutsche Presse weist auf die bedeutende Rolle des Monat März hin, die dieser seit 1933 für Deutschland gespielt hat. Sie erinnert an folgende geschichtliche Tatsachen: 1933 innere Einigung des Reiches, 1935 Wiedereinführung der Militärdienstpflicht, 1936 Besetzung des Rheinlandes durch deutsche Truppen, 1938 der Anschluss Oesterreichs, 1939 die Auflösung der Tschecho-Slowakei und jetzt 1940 die schwere Niederlage der Westmächte in Nordeuropa.

Berlin, 14. — Der Führer hat den slowakischen Staatspräsidenten Dr. Tiso zum Nationalfeiertag der Slowakei seine Glückwünsche übermittelt.

Amsterdam, 14. — Schatzkanzler John Simon führte im Unterhaus aus, dass die britische Land-, Luft- und Seemacht täglich etwa vier Millionen Pfund Sterling verbrauchten. Eine weitere Million würde für Radio, Lebensmittel und andere Fonds benötigt, während der Rest zur Spesenbegleichung diene.

### Alle Kohlen-Lieferungen auf dem Landwege

Rom, 14. — In einer amtlichen Mitteilung des Ausschusses zur Regelung der deutsch-italienischen Wirtschaftsbeziehungen wird bekanntgegeben, dass während des Besuches des Reichsausensministers in Rom vereinbart wurde, alle Kohlenlieferungen aus Deutschland nach Italien mit der Eisenbahn durchzuführen. Wie man ergänzend erfährt, rollen schon heute täglich zwanzig Eisenbahnzüge mit Kohlen über die Alpen. Diese Zahl soll im Laufe der nächsten Monate auf 60—70 Züge pro Tag gesteigert werden.

Amsterdam, 14. — Als Chamberlain am Mittwoch im Unterhaus über den Frieden

Brüssel, 17. — In Frankreich wurde die Herstellung von Weissbrot verboten. Die strenge Fleischrationierung hat bei der Pariser Bevölkerung grosse Unzufriedenheit hervorgerufen.

Amsterdam, 17. — Die britische Admiralität zahlt für die Entdeckung von Minen Prämien. Wer angeben kann, wo ein feindliches Schiff Minen legt, erhält 50 Pfund Sterling. Wer den Treibort einer einzelnen Mine zu verzeichnen vermag, erhält 5 Pfund Sterling.

Stockholm, 18. — Die bekannte schwedische Schriftstellerin Selma Lagerlöf ist im Alter von 81 Jahren auf ihrem Gut Marbacka im Vaernland gestorben.

Buenos Aires, 18. — Wie bekannt wird, sollen 200 Matrosen des versenkten Panzerschiffes „Admiral Graf Spee“ auf Kosten der argentinischen Regierung für 60 Tage in der Provinz Mendoza untergebracht werden. Die Behörden dieser Provinz sollen den deutschen Seelenten Beschäftigung anweisen.

Washington, 18. — Der Präsident der Republik Panama übermittelte dem britischen König den einmütigen Protest der 21 amerikanischen Republiken wegen der Verletzung der panamerikanischen Neutralitätszone durch ein britisches Kriegsschiff, das am 12. Februar den deutschen Frachter „Wakama“ zu kapern versuchte.

Berlin, 18. — Ausser dem Treffen zwischen Adolf Hitler und Mussolini am Brenner steht der deutsche Luftangriff auf den britischen Kriegshafen Scapa Flow im Mittelpunkt aller Presseberichterstattungen. Den deutschen Bombern glückte ein grosser Schlag, indem sie drei Schlachtschiffe und einen Kreuzer schwer beschädigten und mehrere Flugplätze mit Bomben belegten.

Berlin, 18. — Die deutsche Presse weist bei der Anprangerung feindlicher Lügen auf eine besonders hervorstechende Nachricht der Havas-Agentur hin. Danach habe sich der Amerikaner Summer Welles während seines Hotelaufenthaltes in Berlin geweigert, seinen Sekretär Johnson einen vertraulichen Bericht zu diktieren, da er gewusst habe, dass die Gestapo geheime Radioempfangsaparate in seinem Zimmer eingebaut hatte. Mr. Welles ist über diese Sensationsnachricht wahrscheinlich selbst erstaunt gewesen, denn seine Berichte hat er weder in Rom noch in Berlin, Paris oder London in Hotels diktiert, sondern stets in den Räumen der nordamerikanischen Botschaften. Die Havas-Agentur hatte sich wieder einmal glanzvoll blamiert.

**Zur Aussprache Hitler-Mussolini am Brenner**

Berlin, 18. — Ueber die Unterredung zwischen dem Führer und dem Duce anlässlich ihrer überraschen Zusammenkunft wurde folgende amtliche Verlautbarung ausgegeben: Der Führer und der Duce hatten am Montagmorgen am Brenner im Salonwagen des Duce eine Unterredung von 2 1/2 Stunden, die in herzlichem Geiste verlief. Bei der Unterredung waren Reichsaussenminister von Ribbentrop und der italienische Aussenminister Graf Ciano zugegen. — Wie ergänzend mitgeteilt wird, fand diese Zusammenkunft in strenger Abgeschlossenheit ohne jeden Prunk und ohne umständliche Vorbereitungen statt. Das einzige äussere Zeichen im Grenzbahnhof war die Beflaggung mit der italienischen Trikolore und der Hakenkreuzfahne. Während die beiden Regierungschefs im Salonwagen des Duce, an dem die Vorhänge herabgelassen waren, ihre Besprechungen abhielten, nahm der Zugverkehr über den Alpenpass ununterbrochen seinen Fortgang, ohne dass die Reisenden eine Ahnung hatten, dass sich an dieser Stelle ein historisches Ereignis abspielte.

Mailand, 18. — „Popolo d'Italia“, die Zeitung Mussolinis, bezeichnet die Aussprache zwischen dem Führer und dem Duce als das bedeutendste Ereignis seit Ausbruch des Krieges. — In „Hamburger Fremdenblatt“ wird gleichfalls festgestellt, dass die Zusammenkunft auf dem Höhepunkt des Krieges stattgefunden habe und dass beide Staatsmänner mit ihren Völkern durch die Schicksalsgemeinschaft seit langem schon so eng miteinander verbunden seien, dass der Sieg des einen auf das Schicksal des anderen tiefe Auswir-



**Bund der schaffenden Reichsdeutschen**  
UNIAO BENEFICENTE E EDUCATIVA ALEMA  
RIO DE JANEIRO

Am Sonnabend, den 30. März, im Deutschen Heim

**Grosser Konzert-Abend**

(Wiener Klänge)

Es spielt das verstärkte Orchester des Bundes der schaffenden Reichsdeutschen unter Leitung seines Dirigenten Herrn Georg Hering / Beginn: 8,30 Uhr

kungen haben müsse. Wer an eine Meinungsverschiedenheit glaube, der betrüge sich nur selbst.

Amsterdam, 18. — Chamberlain wurde an seinem heutigen 71. Geburtstag anlässlich der vielen Anfragen der Opposition besonders nervös und vertröstete alle auf seine Rede am Dienstag.

Rom, 18. — Der ungarische Ministerpräsident Graf Teleki wird die Osterwoche in Italien verleben und dabei mit Mussolini und Graf Ciano Unterredungen haben.

Belgrad, 18. — Wie sich die Zeitung „Politika“ aus Stambul berichten lässt, herrscht bei den britischen und französischen Offizieren in der Türkei die Meinung vor, dass die Westmächte nicht daran denken, einen Angriff an der Westfront einzuleiten. Vielmehr studieren sie immer noch an dem Plan, Russland vom Schwarzen Meer aus anzugreifen und seine Verbindungen mit Deutschland zu zerstören.

Washington, 18. — Nach Mitteilung des Staatsdepartements wurden in der Zeit vom 1. September v. Js. bis zum 15. März d. Js. 128 amerikanische Schiffe von Kriegführern aufgebracht. Hiervon entfielen 108 Schiffe auf die Engländer, 16 auf die Franzosen und 4 auf die Deutschen. In Gibraltar wurden von den Engländern in derselben Zeit 61 USA-Dampfer für die Zeit von zwei bis vierzehn Tagen zwecks Blockadekontrolle festgehalten.

Berlin, 19. — Wie aus einer Verlautbarung des halbamtlichen „Deutschen Nachrichtenbüros“ hervorgeht, sind seitens der britischen und französischen Presseagenturen besonders grosse Schwindelmannöver über die Besprechungen zwischen dem Führer und dem Duce verbreitet worden. Die Feinde Deutschlands betonen, dass Hitler und Mussolini einen Friedensplan vorbereitet und diesen in elf Punkten zusammengefasst hätten. Von zuständiger deutscher Stelle werden alle derar-

reich überhaupt nicht beeinflusst. Deutschland ist es gleichgültig, welche Persönlichkeiten in den plutokratischen Staaten regieren.

Amsterdam, 20. — In England wird für die Ostertage eine Regierungsumbildung erwartet. Die Stimmung in London wird als sehr schlecht und unruhig bezeichnet. Die Zeitungen fordern von der Regierung Chamberlain, das in der letzten Zeit so arg in Mitleidenschaft gezogene britische Prestige unbedingt wieder herzustellen.

Amsterdam, 20. — Chamberlain sprach am Dienstagnachmittag im Unterhaus über die britische Politik. Bezüglich Finnlands sagte er, dass Schweden und Norwegen die Verantwortung dafür trügen, dass ein Expeditionskorps der Alliierten nicht rechtzeitig nach Finnland geschickt werden konnte. Im ganzen seien die Finnen ein Opfer Deutschlands. Russland wurde vom Premier kaum erwähnt. Zur Unterredung des Führers mit Mussolini stellte er fest, dass die britische Regierung sich durch nichts von ihren Kriegszielen abbringen lassen werde. Von den Oppositionsrednern wurde die mangelnde Entschlussfähigkeit der Regierung kritisiert. Major Atlee erinnerte an die 1.400.000 Arbeitslosen und an das Elend der Bevölkerung im Bergwerksgebiet. — Die Berliner Presse wendet sich mit heissem Spott den Erklärungen Chamberlains zu und unterstreicht, dass nunmehr endgültig von den Briten selbst zugegeben wurde, wie sie Nordeuropa in ein Schlachtfeld verwandeln wollten.

Berlin, 20. — Heeresbericht vom Mittwoch Mittags: An der Westfront nichts Neues. Am 19. ds. griffen britische Flugzeuge um 20 Uhr die Insel Sylt an. Die Angriffe wurden von einigen Flugzeugen bis 2.40 Uhr von heute fortgesetzt. Dank der Tätigkeit der deutschen Luftabwehrbatterien wurde nur ein Haus beschädigt. Die Mehrzahl der Bomben fiel ins Wasser. Ein britisches Flugzeug wurde von den deutschen Batterien abgeschossen.

**DRUCKSACHEN**

ALLERART

STELLT IN BESTER AUSFÜHRUNG DIE DRUCKEREI DES „VERLAG DEUTSCHER MORGEN“ HER

**RUA VICTORIA 200**

TELEPHON 4-3393

tige Meldungen als Lügen bezeichnet, die aus der eigenen Angst der Westmächte vor der Festigkeit der Achse Rom-Berlin herühren.

Berlin, 19. — Um die für einen langdauernden Krieg notwendigen Metallreserven zu schaffen, ordnete Generalfeldmarschall Göring an, dass alle Bronzeglocken angemeldet und abgeliefert würden.

Leipzig, 19. — Die diesjährige Leipziger Frühjahrsmesse erreichte mit 30 Millionen Mark Devisen nur 9 Millionen weniger als das Friedensjahr 1939.

**Regierung Daladier zurückgetreten**

Brüssel, 20. — Nach Meldungen aus Paris ist das Kabinett Daladier am Mittwochvormittag zurückgetreten. In politischen Kreisen der Reichshauptstadt hetot man, dass dieses Ereignis die Kriegsführung gegen Frank-

Die britischen Flugzeuge überflogen, um diesen Angriff zu unternehmen, holländisches und dänisches Gebiet.

Rom, 20. — Mussolini hat im Gegensatz zu vorhergehenden Bekanntmachungen und Vermutungen den amerikanischen Staatssekretär Summer Welles vor dessen Abreise aus Rom nicht mehr empfangen. Summer Welles verlässt Donnerstagfrüh an Bord des Schnell dampfers „Conte di Savoia“ von Genua aus Europa. Pressevertretern gegenüber erklärte er, dass er weder einen Friedensplan einer europäischen Regierung mitnehme, noch zwischen den einzelnen Hauptstädten derartige Pläne übermittelte. Ebenso wenig werde er dem Präsidenten Roosevelt ein politisches Dokument dieser Art vorlegen können.

Amsterdam, 20. — „Allgemeines Handelsblad“ zufolge mussten holländische Firmen infolge der Einstellung der Kohlenverfrachtung nach Italien über Rotterdam tausend Arbeiter und Angestellte entlassen.

Stockholm, 20. — Wie die schwedische Zeitung „Aftonbladet“ mitteilt, ist die Sowjetregierung fest entschlossen, den britischen Wirtschaftseinfluss in Nordfinland einzuschränken. Es handelt sich dabei besonders um die in englisch-kanadischem Besitz befindlichen Nickelvorkommen.

**Gute Kameradschaft in der „Lyra“, Rio de Janeiro**

Dass der Mittwochabend beim Männergesangverein „Lyra“ in Rio de Janeiro als gesanglicher Pflichtabend seine besondere Bedeutung hat, ist schon unlängst an dieser Stelle betont worden. In den Übungs- und Probestunden wird nun einmal bei jeder Vereinigung deutscher Menschen, vor allem der Deutschen im Ausland die Grundlage ihrer Arbeit immer wieder neu gefestigt, werden die Vorbedingungen jenes lebendigen Begriffes erfüllt, den man schlechthin als Kulturbeitrag bezeichnet. Jeder weiss, dass dazu Treue und Kameradschaft notwendig sind. Ohne eine traditionelle Pflege dieser Eigenschaften ist oft bestgemeintes Wollen undurchführbar. Sangesbrüder sind meistens fröhliche Gesellen. Wenn sie stundenlang geprobt haben, bleiben sie oft noch in gemütlichem Kreis zum Gedankenaustausch beisammen. So ladet der Gesangverein Lyra alle, die nicht wissen, wo sie den Mittwochabend verbringen sollen und die ihre Freude am deutschen Lied haben, zu seiner wöchentlichen Chorstunde ein. Sie werden dort feststellen, wie kameradschaftlich z. B. die Geburtsfeiern der einzelnen Sangesbrüder begangen werden. Der Vereinschronist meldet heute wieder zwei im Kalender rot angekreuzte Tage: Es waren die Geburtstage des Kassierers Sangesbrüder v. Scholz, und des ältesten Mitgliedes der Lyra, des seit 27 Jahren zu allen Proben regelmässig erscheinenden Sangesbrüders Thime. Vom „Deutschen Morgen“ nachträglich die hesten Glückwünsche!

F. K.

**Zum Osterfest der Deutschen Schule Santo Amaro**

sind die Mitglieder und Freunde der deutschen Kolonie am Ostersonntag nach der Chacara des Herrn August Sönksen (Villa Sophia, Santo Amaro) eingeladen. Den ganzen Tag über wird dort an der traditionellen Ausflugsstätte dieser Schule für die Unterhaltung der Gäste auf allen Gebieten bestens gesorgt sein. Bei gutem Wetter lockt der schattige Wald, wo die Kinder ein fröhliches Osterferienessen sowie Singen und Spielen veranstalten. Sollte wider Erwarten Regen drohen, so steht ein grosses Zelt zur Verfügung. Villa Sophia erreicht man mit dem Santo-Amaro-Bond bis zur Fleischfabrik Eder, von dort am Friedhof vorbei ist linkerhand die grosse Mauer mit der Aufschrift „Piscina e Restaurante Villa Sophia“ nicht zu übersehen.

**Wir hörten ein Militärkonzert**

Diesmal nicht über den Deutschen Kurzwellensender, sondern im grossen Saal des Hauses der Gesellschaft Germania in S. Paulo, ausgeführt von der Musikkapelle der Guarda Civil. Um den Gesamteindruck vorwegzunehmen: Diese Veranstaltung, die der Initiative des bekannten Dirigenten Emmerich Csammer zu verdanken ist, war ein wünschenswert guter Erfolg. Im Rahmen der freundschaftlichen deutsch-brasilianischen Beziehungen bildete dieses Konzert ein sehr beachtliches Ereignis. Der Saal war erfreulich dicht, wenn auch nicht bis auf den letzten Platz besetzt. Von brasilianischer Seite waren der Kommandant der Guarda Civil, Herr Oberst Christinião Klingelhofer, eine Anzahl weiterer hoher Offiziere und namhafter Persönlichkeiten erschienen, das Deutsche Generalkonsul-

**TRANSPORTADORA S. PAULO-PARANÁ**

H. HOLLMANN & CIA.

Gütertransporte mit Lastwagen von Haus zu Haus

RASCH • SICHER • SPARSAM

von und nach São Paulo, Paraná und Santa Catharina



SÃO PAULO  
R. Visc. Parnahyba 2539  
TELEPHON: 3-4631  
Telegrammadresse „Elsur“

CURITYBA  
R. Vol. da Patria 51-53  
TELEPHON: 1313  
Telegrammadresse „Elsur“

**VORANZEIGE**

Der Deutsche Männergesangverein „LYRA“

veranstaltet im Einvernehmen mit dem Deutschen Generalkonsulat und zum Besten der deutschen Nothilfe ein

grosses

**Chorkonzert**

am Donnerstag, den 11. April

Zur Wiedergabe gelangt:

„DER ROSE PILGERFAHRT“

von Robert Schumann

Einzelheiten werden noch bekanntgegeben

**Liebeswerk Ostdeutschland**

Jed. Dienstag von 3-6 Uhr  
Spenden-Ausgabe  
und Arbeits-Ausgabe  
in der R. Arthur Prado 492



**Haushaltsgegenstände**

Reichhaltigstes Lager, vorteilhafte Preise, Ebenso Werkzeuge, Farben, Gartengeräte, etc. Feste Preise.

**FREDERICO WITTE**

RUA DO SEMINARIO



TELEPHONE 4-5237

lat war durch Herrn Konsul E. Boll vertreten. Viele Musikfreunde der deutschen Kolonie und zahlreiche brasilianische Verehrer flotter Militärmusik spendeten den ausgezeichneten Leistungen der 52 Mann starken Kapelle, die abwechselnd unter der Stabführung von Pedro Vieira de Souza und Emmerich Csammer spielte, starken Beifall. Es war in der Tat erstaunlich, mit welchem überzeugenden Einfühlungsvermögen die alten preussischen Märsche gemeistert wurden und es war gleichzeitig lehrreich festzustellen, wie sich Rhythmus und Melodie der Märsche zweier Nationen unterscheiden. Wir geben gerne zu, dass man mit Händen und Füßen oft unwillkürlich den Marschtakt mitschlug und dass man bei der glänzenden Gesamtleistung vom Fehlen einiger typischer Instrumente deutscher Militärkapellen, wie es nun einmal der Schellenbaum ist, absah. Es ist nun unmöglich, an dieser Stelle Marsch für Marsch in eingehender Besprechung zu würdigen. Darum sei die Reihenfolge genannt: Wir hörten: Rio Branco (Fr. Braga), Os Flagelados (J. Pereira), Coronel Rabelo (Nascimento), Marsch der Finnländischen Reiterei aus dem dreissigjährigen Kriege (1618-1648), Desauer Marsch, Bayrischer Defiliermarsch, Höhenfriedberger Marsch (Friedrich der Grosse), Torgauer Marsch (Friedrich der Grosse), Marsch des 1. Bataillon Garde (1806), Yorkscher Marsch (1813) von Ludwig van Beethoven. Im zweiten Teil: Ezequiel de Castilho (Bastião), Tenente Arlindo, Tribuna Popular (E. Cacciacao), Coronel Alberto (Fr. Braga), Radetzky Marsch (Johann Strauss), Alte Kameraden (N. Teike), Egerländer Marsch, Badenweiler Marsch (N. Fürst). Die Besucher dieses fast zweistündigen Militärkonzertes versäumten nicht, den Dirigenten und Musikern Anerkennung und Dank für diesen aus der Reihe gewöhnlicher Veranstaltungen fallenden Abend auszusprechen. ep.

### Bund der schaffenden Reichsdeutschen in Santos gegründet

Das heisst, gegründet ist der Bund schon längere Zeit, nur dass man dies am vergangenen Sonnabend im Bugre gebührend feierte und damit offiziell sein Bestehen bekanntgab.

In Santos nimmt man sich mit allem etwas Zeit. Der Beginn der Feier verzögerte sich bis gegen zehn Uhr und der Saal des Bugre wies noch eine verhältnismässig grosse Zahl leerer Sitzplätze auf.

Es ist auch schon lange her, dass wieder einmal die deutsche Kolonie von Santos zusammenkommt, erwähnte der Vorsitzende des neugegründeten Bundes, Kamerad Witt. Er begrüßte in einer kurzen Eröffnungsrede die anwesenden deutschen Volksgenossen und Freunde und gab Führung und Ziele des Bundes bekannt. Zu seinem Stellvertreter hatte er Kamerad Weirauch, zum Sekretär Kamerad Bajer ernannt.

Ausführlicher schilderte der erfahrene Vorsitzende des Bundes S. Paulo, Kamerad Langen, das Wirken der Organisation. Ein solcher Bund ist nicht dazu da, seinen Anhängern nur Vergnügung auf Vergnügung zu bieten. Es gilt deutsche Kulturarbeit zu leisten und die Tatsache, die er erwähnte, dass innerhalb eines Geschäftsjahres 16 Contos an Unterstützungsgelder an bedürftige deutsche Volksgenossen ausgezahlt wurden, sagt mehr als langweilige Worte. Und gerade jetzt ist eine Zeit, in der viel geholfen und viel erhalten werden muss. Deshalb allein darf schon kein anständiger Volksgenosse beiseite stehen. Es ist wahrhaftig ein kleiner Beitrag für uns Auslandsdeutschen, währenddem das Vaterland, mit dem wir unweigerlich fallen oder stehen, mit dem unser Ansehen vergeht oder sich vermehrt, einen schweren Kampf um seine Existenz kämpft. Das ist eine einfache klare Sache, und wir hoffen dies nicht in Phrasen noch jedem beiseite stehenden Deutschen klar machen zu müssen.

Das Programm der Feier, das sich bis zwölf Uhr in einer angenehmen Buntheit abwickelte, wurde vorläufig noch ausschliesslich von den Paulistaner Kameraden bestritten.

Die Windhuk-Kapelle spielte, Neise trug erhebende Gedichte vor, Friedrich Wenger und Rosina Kauner sangen. Die Pianistinnen Frau Prof. Wenger und Frl. Hahmann begleiteten die Sänger in trefflicher Weise. Dann folgten Zithervorträge und schliesslich platteten die paulistaner Tiroler. Diesen, von einem vorbildlichen Idealismus beseelten Laienkünstlern, die ausser ihrer Zeit noch ihr Schärfflein zum Dienst an der Gemeinschaft opfern, verdient besonderen und herzlichen Dank. Hoffen wir, dass sich innerhalb der Reihe der Santenser Deutschen auch bald eine Gruppe idealbeseelter Menschen zusammenfindet, die ihr Teil dazu beitragen kann,

deutsche Kultur im Ausland zu spenden. Der Beifall war reichlich und brachte fast auf der ganzen Linie Zugaben. Danach stand nichts mehr im Wege, das berühmte Tanzbein zu schwingen. Und bei einer solchen Musik kam es besonders in

Schwung. Man trennte sich sehr früh — anderntags. Es muss auch gesagt werden, dass die Kameraden aus Santos für die Unterbringung ihrer Gäste wohl Sorge getragen hatten, wofür ihnen der Dank der letzteren gewiss ist.



Beim BdsR in Santos: Der Vorsitzende Kd. Witt bei seiner Ansprache. Zwei Vortragende: Rosina Kauner und Frl. Hahmann am Klavier. Auf der Bühne die Original-Tiroler-Schuhplattlergruppe



Zu den besonders geladenen Gästen gehörten: Herr Generalkonsul Dr. Molly, São Paulo, die Leiterin der Frauengruppe „F“ des Bundes (Rio), Prinzessin zu Schaumburg-Lippe, die wir hier (zweite von links) neben der Gattin des Reichsvertreters sehen. Vom Vorstand des BdsR São Paulo waren Kd. Langen und Kd. Becker erschienen. Auch die Kapitäne der im Hafen liegenden deutschen Schiffe „Windhuk“, „Dresden“ und „Babitonga“ waren anwesend.

(Bildbericht: Fritz Christian)

### Das Deutsche Generalkonsulat

in São Paulo, Rua São Luiz 174, ist ersucht worden, den Aufenthalt der nachstehend genannten Personen oder deren Nachkommen zu ermitteln. Wer Auskunft über den Aufenthalt der Genannten geben kann, wird gebeten, dem Generalkonsulat Mitteilung zu machen.

Abraham, Ferdinand; Aschemann, Georg; Baptista, Elsa; Bauer, Margarete, geb. Leutert; Baur, Anita; Berger, Else, geb. Krakofsky; Bobock, Friedrich Ernst; Borovicka, Dr. J.; Brodowski, Karl von; Brunckhorst, Paul; Buckow, Hugo Karl Paul; Busmann, Herbert; Caspar, Sophie; Czekay, Friedrich; Eherhardt, Max; Faulstich, Hans Otto und Richard; Faltarna, Elisabeth; Feis, Albert Israel; Fischer, Frida, geb. Köstler; Friedrich, Frida; Giergowicz, Bruno; Goelde, Helmut (5. 12. 1921); Golly, Anna; Gruhe, Familie;

Habsgut, Erwin; Hauck, Maximo; Heine, Peter; Heinrichs, Hüften, Erich; Jäger, Alois; Jeske, Kaethe; Jettner, Margarete; Kaick, Heinrich van; Karen, Victor; Kohls, Hans; Koller, Johann Baptist; Kopp, Martin; Kroeger, Max; Lange, Gustav (11. 6. 1913); Lange, Frieda; Langenberg, Ida; Lawitschka, Friedrich; Libensky, Gerald; Lindstädt, Heinz; Nennmann, Heribert; Nistler, Emil; Noldt, Peter oder Nachkommen; Pedross, Franz; Poettler, Peter; Reinecke, Friedrich Wilhelm; Richter, Helena; Richter, Rudolf Gustav; Richter, Valentin; Riesen, Herbert van; Rosenbaum, Alfredo; Ruhig, Karl oder Nachkommen; Seifer, Willi; Schmieemann, Willy; Schrader, Karl Heinrich; Schulz, Ernst Otto Paul; Schumacher, Paul; Stadtmayr, Fritz; Stern, Gustav Alfred; Stoppel, August; Stozek, Karl; Stumpf, August; Thum, Hermann; Toepper, Rudolf; Weber, Alexander; Weiler, Friedrich E.; Weiner, Paul; Wilhelm; Wittig, Werner; Wohryzek, Karl; Zourek, Josef.

## Die erfolgreiche deutsche Luftwaffe

Messerschmitt Me. 110

Fieseler F. 1. 156

Verwendungszweck: Zerstörer. Der Zerstörer hat ähnliche Aufgaben wie der Jäger. Die wesentlich stärkere Bewaffnung wird im Rumpf des zweimotorigen Flugzeuges untergebracht. Die Bewaffnung besteht aus Maschinengewehren und -gewehren. Der Zerstörer verfügt über hohe Geschwindigkeit und Wendigkeit. Besatzung: Flugzeugführer, Beobachter, (hinterer Schütze). Kennzeichen: Tiefdecker, freitragend, Einziehfahrgestell, doppeltes Seitenleitwerk, zwei wassergekühlte Motore zu je rund 1000 PS.

Messerschmitt Me. 109

Verwendungszweck: Jagdeinsitzer (Jäger). Der Jäger hat die Aufgabe, angreifende Verbände von Kampfflugzeugen (Bombern) zu stellen, nach Möglichkeit zu vernichten oder wenigstens so zu schwächen, dass der Angriff nicht zur Auswirkung kommt. Jäger fliegen in der Rotte (zwei Flugzeuge) oder in der Kette (drei Flugzeuge). Kennzeichen: Tiefdecker, freitragend, Einziehfahrgestell, ein wassergekühlter Motor von rund 1000 PS.

Verwendungszweck: Verbindungsflugzeug (Langsam-Flugzeug). Das Verbindungsflugzeug besitzt eine so geringe Landegeschwindigkeit, dass es auf der kleinsten Fläche niedergehen kann. Ebenso kann es von jedem Feld aus wieder starten. Es ist infolgedessen in der Lage, auf dem Luftwege die rascheste Verbindung zwischen Stäben und Front herzustellen. Kurierere zu überbringen oder Transporte auszuführen. Besatzung: ein Flugzeugführer, ein oder zwei Beobachter. Kennzeichen: Hochdecker, hochbeiniges festes Fahrgestell, geschlossene Kabine mit guter Aussicht, ein luftgekühlter Motor von 240 PS.

Heinkel He. 111

Verwendungszweck: Kampfflugzeug (Bomber). Das Kampfflugzeug hat die Aufgabe, feindliche militärische Ziele anzugreifen und durch Bombenabwurf zu zerstören. Ein neuzeitiges Kampfflugzeug trägt je nach der Flugstrecke eine Bombenlast von 1000 bis 2000 kg. Kampfflugzeuge fliegen im Verband und in grossen Höhen. Besatzung: ein Flug-

## Zum achtjährigen Bestehen

am 16. März erhielt der „Deutsche Morgen“ von Kameraden und Freunden aus dem Leserkreis viele aufrichtige Wünsche übermittelt. Wir haben all die herzlichen Worte mit Dank verbucht. Alle Mitarbeiter unserer Wochenzeitung versprechen auch weiterhin ständige Einsatzbereitschaft für das gemeinsame Werk. Sie werden in diesem Jahr ihre Pflicht erstens denn je nehmen.

Herrgott, du hast uns auserseh'n,  
den grossen Kampf zu führen.  
Gib Kraft uns, dass wir ihn bestell'n,  
gib Mut uns, wenn zum Sturm wir geh'n  
und sich die Trommeln rühren.

Du hast den Führer uns gesandt  
als deiner Allmacht Zeichen,  
im Sturmgeflecht und Feuerbrand,  
Schirm seine und des Volkes Hand  
gib, dass wir niemals weichen.

Gib allen uns ein starkes Herz  
in schweren, dumpfen Tagen.  
Gib, dass wir licht- und himmelwärts  
im Kampf von Blut und Stahl und Erz  
die Schlacht zu Ende schlagen.

zeugführer, ein Beobachter, ein Funker, ein MG-Schütze. Kennzeichen: Tiefdecker, Einziehfahrgestell, einfaches Seitenleitwerk, zwei Motore zu je rund 1000 PS., Ganzmetallkonstruktion.

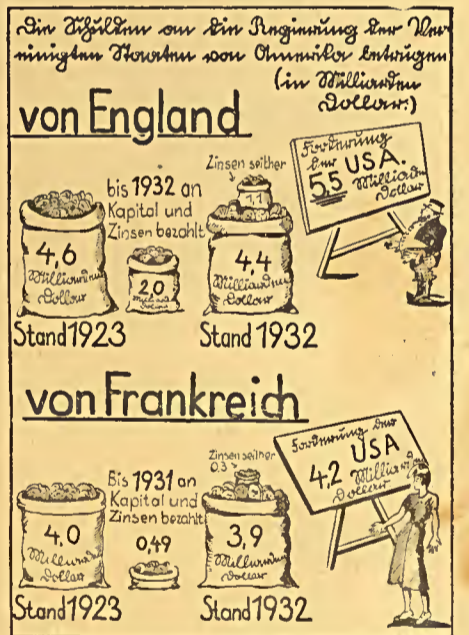
Dornier Do. 17

Verwendungszweck: Fernaufklärer. Der Fernaufklärer erkundet auf grosse Entfernungen feindliches Gebiet und schafft die für den Angriff von Kampfflugzeugen (Bombern) notwendigen Zieldarstellungen. Er fliegt einzeln und in grosser Höhe. Besatzung: Flugzeugführer, Beobachter, Funker, Schütze. Kennzeichen: Schulter-Decker, freitragend, Einziehfahrgestell, doppeltes Seitenleitwerk, zwei Motore zu je rund 1000 PS.

Henschel HS. 126

Verwendungszweck: Nahaufklärer. Der Nahaufklärer erkundet in unmittelbarer Zusammenarbeit mit dem Heer einzelne Frontabschnitte und wird zum Einschleusen der Artillerie eingesetzt. Er fliegt einzeln und in mittleren Höhen. Besatzung: Flugzeugführer und Beobachter. Kennzeichen: Hochdecker, abgestrebt, festes Einbein-Fahrgestell, Ganzmetallkonstruktion, luftgekühlter Sternmotor.

## Die Weltkriegsschulden an die USA.



Der Stand der Kriegsschuldenfrage. Durch den Krieg ist das Problem der Kriegsschulden vor allem in den Diskussionen des amerikanischen Volkes wieder in den Vordergrund getreten. Man versteht dabei die Schulden, die unsere Feindmächte im Weltkrieg gemacht haben. Durch das Lausanner Abkommen im Jahre 1932 sind die Schulden der Weltkriegsgegner Deutschlands untereinander praktisch aufgehoben worden, bestehen geblieben sind jedoch die Verbindlichkeiten der Engländer und Franzosen gegenüber den Vereinigten Staaten von Amerika. Allein die amerikanische Regierung hat von den beiden westlichen Demokratien noch 9,7 Milliarden Dollar, das sind beim jetzigen Kurs rund 20 Milliarden Reichsmark zu fordern. Die Schuldenerforderung Amerikas ist damit höher als am Ende des Weltkrieges, da ja die bisherigen Zahlungen der beiden Schuldnerländer noch nicht einmal ausgereicht haben, um die Zinsen zu decken, zudem Frankreich seit 1931 und England seit 1932 jede Zinszahlung und natürlich auch jede Rückzahlung eingestellt hat. Da England und Frankreich heute offen erklären, dass sie an eine Rückzahlung dieser Schulden absolut nicht denken, so müsste es dem amerikanischen Volke nunmehr klar werden, dass auf seinen Schultern die Kriegslast aus dem Weltkriege ruht und dass jeder neue Kredit in diesem Kriege das Elend der amerikanischen Wirtschaft nur vergrößern muß.

### Deutscher Sport-Club D.T.D.

Am Sonnabend, den 23. März, 21 Uhr

### Oster-Tanz

in der Turnhalle, Rua Couto de Magalhães 82

Am Sonntag, den 24. März, ab 2 Uhr

### Kinder-Osterfest

in Canindé

Ostereiersuchen, sportliche Übungen, Kinderbelustigungen

Nur für Mitglieder, gegen Vorweisung der letzten Monatsquittung